UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
HABILITAÇÃO JORNALISMO

FOTOJORNALISMO NA *WEB*: o caso de *zerohora.com*

Bruna Angélica Pelicioli Riboldi

Porto Alegre
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
HABILITAÇÃO JORNALISMO

FOTOJORNALISMO NA *WEB*: o caso de *zerohora.com*

Bruna Angélica Pelicioli Riboldi

Orientação: Dr. Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves

Porto Alegre
2009

Dedico este trabalho a minha família,

pelo amor sem limites

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, João e Doraci, por me amarem desde sempre e me apoiarem incondicionalmente. Aos meus irmãos, Bianca, Gustavo e Bárbara, pela compreensão da rotina maluca. À família Feijó-Ferrari, pela acolhida carinhosa. A minha orientadora e amiga Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves, por toda dedicação na construção deste conhecimento. Aos amigos do Grupo e da faculdade, por saberem que ausência não é esquecimento. Aos amigos da equipe de Zero Hora, pelo crescimento profissional. Ao meu namorado, Nei Feijó Ferrari Filho, cuja companhia nesta caminhada é essencial.

Se eu pudesse contar a história em palavras,
não precisaria carregar uma câmera.
(Lewis Hine)

RESUMO

A partir de uma pesquisa de caráter exploratório, este estudo pretende delimitar a utilização da fotografia no *site zerohora.com* por meio da análise do canal Pelas Ruas, nos aspectos que aqui interessam - observação do cruzamento atual do jornalismo impresso e *online* produzidos na redação de Zero Hora; o jornalismo *online* na produção de pautas que se impõem ao jornalismo impresso e o protagonismo da fotografia sobre o texto na produção de notícias. Entre os movimentos metodológicos utilizados, estão a pesquisa bibliográfica, entrevistas e observação participante. Como principais aportes teóricos, cito os autores Jorge Pedro Sousa, Gisèle Freund, Roland Barthes, José Benedito Pinho, Luciana Moherdaui, e Luciano Miranda.

Palavras-chave: Jornalismo; Fotografia; Internet; Fotojornalismo; *Webjornalismo*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do *site www.zerohora.com*.....39
Figura 2 - Exemplos de cortes de fotos utilizados na capa do *site*.....48
Figura 3 - Exemplos de cortes de fotos utilizados nas matérias.....49
Figura 4 - Destaques de capa do canal Pelas Ruas.....55
Figura 5 - Infográfico agregador de matérias do canal.....56
Figura 6 - Pelas Ruas, 6 de janeiro, foto principal.....58
Figura 7 - Pelas Ruas, 6 de janeiro, foto secundária.....59
Figura 8 - Informe Especial, 8 de janeiro.....60
Figura 9 - Pelas Ruas, 9 de janeiro.....61
Figura 10 - Informe Especial, 10 de janeiro.....62
Figura 11 - Pelas Ruas, 14 de janeiro.....63
Figura 12 - Informe Especial, 15 de janeiro.....64
Figura 13 - Informe Especial, 16 de janeiro.....65
Figura 14 - Pelas Ruas, 15 de janeiro.....66
Figura 15 - Informe Especial, 14 de janeiro.....67
Figura 16 - Pelas Ruas, 14 de janeiro.....68
Figura 17 - Zero Hora, 14 de janeiro.....69
Figura 18 - Pelas Ruas, 23 de janeiro.....70
Figura 19 - Zero Hora, 24 de janeiro.....71
Figura 20 - Pelas Ruas, 15 de janeiro.....72
Figura 21 - Zero Hora, 16 de janeiro, contracapa.....73
Figura 22 - Zero Hora, 16 de janeiro.....74
Figura 23 - Pelas Ruas, 22 de janeiro.....76
Figura 24 - Zero Hora, 22 de janeiro, contracapa.....77
Figura 25 - Zero Hora, 22 de janeiro.....78
Figura 26 - Pelas Ruas, 22 de janeiro.....79
Figura 27 - Zero Hora, 23 de janeiro.....80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8
2 FOTOJORNALISMO 11
2.1 Histórico 12
2.2 A atividade fotojornalística 15
2.3 Relações foto/texto 17
2.4 Fotografia digital x analógica 20
3 *WEBJORNALISMO* 24
3.1 A consolidação da Internet como meio de comunicação 24
3.2 Impactos da tecnologia no jornalismo impresso 29
3.3 Jornalismos na Internet 31
3.4 *Zerohora.com* 38
4 ESTUDO DE CASO – O FOTOJORNALISMO EM *ZEROHORA.COM* 42
4.1 A editoria de fotografia em Zero Hora e *zerohora.com* 43
4.2 Pelas Ruas 51
4.2.1 Pautas do Pelas Ruas no Informe Especial 57
4.2.2 Pautas do Pelas Ruas na editoria de geral 67
4.2.3 Pautas do Pelas Ruas nos cadernos de bairros 81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 86
ANEXOS 90
Anexo1 91
Anexo2 100
Anexo3 114
Anexo 4 118
Anexo 5 119

1 INTRODUÇÃO

Em 19 de setembro de 2007, entrava no ar pela primeira vez o *site* *zerohora.com*. Cerca de um mês antes, em agosto daquele ano, fui recrutada para participar da equipe responsável por tornar aquele projeto possível. O acompanhamento do período de piloto do *site* e de seu desenvolvimento nestes quase dois anos no ar, bem como o fato de exercer uma função que exige proximidade com a editoria de fotografia do jornal, foram questões essenciais para o despertar da inquietação que me conduziu ao interesse pelo estudo de novas tecnologias possibilitando um novo tipo de fotojornalismo.

Além da proximidade, há ainda outros dois fatores que motivaram a escolha de *zerohora.com* como objeto deste estudo: a grande influência política e social de Zero Hora no Rio Grande do Sul e o pioneirismo do jornal – por ser o primeiro do Estado a produzir conteúdos exclusivamente para o meio *online*, de forma paralela à versão impressa.

A criação de uma versão *online* do jornal teve grande impacto sobre a rotina dos profissionais da editoria de fotografia de Zero Hora, que passaram a produzir conteúdo também para o *site*, e não mais apenas para a versão impressa. A *web* potencializa a importância da agilidade na produção e disponibilização de fotografias para os leitores – que, neste novo meio, convertem-se em internautas. Por outro lado, a Internet representa também uma libertação em relação ao espaço de publicação, como exemplificarei no corpo do estudo.

Em outubro de 2008, mais de um ano depois da criação de *zerohora.com*, teve início o canal Pelas Ruas, um espaço dedicado à publicação de pautas sugeridas por telefone e *e-mail* pelos leitores do *site*. O que chamou minha atenção nesta nova ferramenta foi o fato de que um fotógrafo, e não um repórter "textual" foi recrutado para a função de circular em uma unidade móvel pela cidade, registrando as pautas sugeridas pelos leitores e demais flagrantes de acidentes, situações de risco ou cenas

inusitadas que fazem parte do cotidiano da cidade, mas tradicionalmente não têm espaço no jornalismo impresso.

Diante do interesse pelas interações – que aqui chamarei de cruzamentos – entre o jornalismo para publicação no jornal impresso e *online*, surgiram as questões a ser desenvolvidas nesta monografia: seria Zero Hora um lugar de protagonismo do fotojornalismo *online* sobre o impresso? Será o canal Pelas Ruas o lugar onde este protagonismo se dá? Como se caracteriza a produção fotojornalística para publicação em *zerohora.com*?

Pretendo, neste trabalho, esclarecer tais questionamentos, com o objetivo de contribuir para a busca de uma caracterização do fotojornalismo na *web* e sua relação com o fotojornalismo impresso. Cabe lembrar que este é um estudo de caráter exploratório, que não busca respostas definitivas sobre o assunto, mas promover uma reflexão em torno dele.

Na busca de uma caracterização do fotojornalismo na *web*, considerei importante realizar um levantamento bibliográfico acerca do fotojornalismo – sua história, conceitos e impactos sofridos após a fotografia digital – e do *webjornalismo* – seu surgimento, desenvolvimento e impactos sobre o jornalismo impresso. Desta forma, após realizar uma análise preliminar do meio e compreender os conceitos norteadores das atividades de fotojornalistas e *webjornalistas*, foi possível analisar, a partir das entrevistas e pautas do canal Pelas Ruas, de que forma se revela o fotojornalismo voltado para a publicação na *web*, no caso específico de *zerohora.com*.

No primeiro capítulo deste trabalho dedico-me, portanto, a traçar o histórico do fotojornalismo, a relação – e interação – entre foto e texto para a construção da mensagem jornalística e os impactos sofridos pela atividade após a fotografia digital.

No segundo capítulo, apresentarei a consolidação da Internet como meio de comunicação, o histórico do *webjornalismo* e suas características em relação ao jornalismo impresso. Também será feita uma introdução breve do *site www.zerohora.com*, que é objeto do estudo de caso deste trabalho.

No terceiro capítulo apresentarei a utilização da fotografia no *site zerohora.com*, por meio da análise do canal Pelas Ruas, nos aspectos que aqui me interessam – observação do cruzamento atual do jornalismo impresso e *online* produzidos na redação de Zero Hora; o jornalismo *online* na produção de pautas que se impõem ao jornalismo impresso e o protagonismo da fotografia sobre o texto (a fotografia dando origem ao texto). Para tanto, utilizei como base diretrizes da pesquisa qualitativa, tais como entrevistas e observação participante. Durante o estudo recorri também a algumas orientações oriundas da análise de conteúdo para a seleção das pautas, que me auxiliaram na observação, organização e caracterização do material pesquisado.

2 FOTOJORNALISMO

Meu objetivo neste capítulo é apresentar o histórico do fotojornalismo, a relação entre foto e texto na construção da informação jornalística e os impactos da fotografia digital na atividade. Para isso, recorri à leitura dos seguintes autores: Arlindo Machado (2001), Erivam Morais de Oliveira (2009), Francis Vanoye (1996), Gisèle Freund (1995), Jorge Pedro Sousa (2000; 2004), Matheus Bruxel (2006), Roland Barthes (2002) e Susan Sontag (2004).

A fotografia, com sua capacidade de documentar o mundo, aproximou do homem pessoas e acontecimentos distantes. Mas é só a partir da sua reprodução em jornais e revistas que ela tornou-se verdadeiramente acessível às massas, por meio do jornalismo e suas rotativas. Inicialmente, a fotografia era utilizada como ilustração das notícias no formato de gravuras: artistas eram contratados especialmente para reproduzir em ilustrações o que o fotógrafo registrava. Foi a partir da publicação de fotografias – e não mais suas reproduções – nos jornais diários que esta passou a tomar mais importância no campo jornalístico, deixando de ilustrar para narrar o acontecimento. Mais do que a imagem em si é a intenção testemunhal que, segundo Oliveira (2009), prenuncia o uso da fotografia como informação. Ou seja, seu valor não se encontrava em si mesma, mas no que continha. Desta forma, o valor é transferido do objeto para a informação.

Arlindo Machado (2001b) apresenta a fotografia como base tecnológica e conceitual de todas as mídias contemporâneas, uma vez que ela deu início, de forma massiva, à cultura da imagem e documentação do mundo. Para Freund (1995), a fotografia inaugura os *mass media* visuais quando o retrato individual é substituído pelo coletivo, tornando-se, assim, um poderoso meio de informação, mas também de propaganda e manipulação. Por isso a necessidade de um entendimento mais aprofundado acerca de sua origem, seu funcionamento e sua evolução.

2.1 Histórico

A fotografia surgiu a partir de invenções criadas na primeira metade do século XIX, como possibilidade de representação fiel do real. Desde então, ela passou a ser usada para vários fins. Na França, por exemplo, teve origem a história do retrato fotográfico, que desbancou os pintores retratistas e democratizou a imagem. Já o fotojornalismo moderno teve sua origem na Alemanha.

Classificada por Daguerre como *espelho com memória* e por Talbot como *lápis da natureza*, seu surgimento transformou a forma do homem olhar o mundo e – por que não – a si mesmo. No século XIX a máquina era considerada sinônimo de imparcialidade e precisão científica, o que justifica a preocupação em documentar o mundo, tendo sido o espaço urbano e os tipos humanos os principais temas registrados à época. Surge, desta forma, um interesse pelo uso documental da fotografia, o que, segundo Freund (1995), abriu uma janela para o mundo, reduzindo as distâncias ao permitir às pessoas testemunhar um fato distante sem ter estado presente no local do acontecimento.

E foi assim, como reflexo da realidade, que a fotografia foi adotada pela imprensa: para ilustrar de forma cada vez mais fiel os acontecimentos noticiados, uma vez que somente a descrição em palavras não se faz suficiente para esgotar e precisar de forma exata uma cena, como veremos mais adiante. Hoje, entretanto, já se chegou à noção de que a fotografia pode representar a realidade, mas não registrá-la nem ser o seu espelho fiel (SOUSA, 2004).

De início, os repórteres fotográficos eram escolhidos muito mais por sua capacidade física do que intelectual, uma vez que o equipamento utilizado na época era pesado e de difícil deslocamento. As câmeras de pequeno formato, que em seguida dispensaram também o uso de placas de vidro, adotando o filme contínuo como base para a imagem, revolucionaram a fotografia, permitindo o registro de dezenas de imagens sem a necessidade de recarregar a máquina, o que facilitou o desenvolvimento da atividade.

Sousa (2004) remete à Alemanha o início do fotojornalismo moderno, influenciado pelo florescimento das artes, letras e ciências nos anos após a Primeira Guerra Mundial (nas décadas de 1920 e 1930), tornando-se o país com mais revistas ilustradas. Nestas publicações, a imagem deixou de ser mera ilustração e ganhou destaque, evidenciando a relação foto-texto e a forma visual com que se tentava contar uma história. É nesta época que toma corpo a *foto cândida*[1], que tem em Erich Salomon – fotógrafo alemão que atuou entre os anos de 1924 e 1933 – sua maior representação. Salomon ficou muito conhecido com as fotos que fez de políticos e celebridades na sua intimidade. A possibilidade de registrar os famosos dentro de suas casas e em posições naturais só foi possível graças às câmeras de pequeno formato e com lentes mais claras, dispensando a obrigatoriedade do uso do flash e tripé em locais fechados, utensílios que denunciavam a presença do fotógrafo no ambiente. Freund (1995) afirma que estas imagens representam um marco no fotojornalismo, já que "não será a nitidez de uma imagem que lhe dará o seu valor, mas o seu assunto e a emoção que ela deverá ser capaz de suscitar" (FREUND, 1995, p.115).

É nas revistas ilustradas alemãs que também se destacam os ensaios fotográficos e as foto-reportagens. Enquanto nos ensaios fotográficos as imagens eram produzidas sem a obrigatoriedade de contar uma história linear, nas foto-reportagens os fatos narrados deviam ter início, meio e fim, definidos pelo lugar, o tempo e a ação, como numa trama de teatro ou cinema. Em volta de uma imagem central, resumindo todos os elementos da história, agrupavam-se um certo número de fotografias, que a contavam em detalhes.

No mesmo período, nos Estados Unidos, o fotojornalismo ganhou expressão nos jornais diários, e é nesta área que grandes transformações aconteceram na atividade. O fotojornalismo passou a integrar de forma completa os jornais diários norte-americanos na década de 1930, graças ao poder de atração e popularidade das fotografias – suportado por uma cultura visual que se desenvolvia com o cinema – aliado à industrialização da

[1] Do inglês *candid shot*, é a fotografia espontânea e natural, não posada. Kubrusly (2003) sugere uma tradução mais literal, mas com o mesmo sentido: seria a *foto imparcial*, sem ensaios ou mascaramentos.

imprensa. A introdução de novas tecnologias, como câmeras menores, teleobjetivas, filmes rápidos (de rápida resposta à luz) e flashes eletrônicos também foram importantes para a consolidação do fotojornalismo na época.

Ao longo da história, o fotojornalismo foi marcado por grandes transformações que Sousa (2004) denomina "três revoluções". Duas delas coincidem com momentos de tensão e importância histórica, e nos quais provavelmente foram realizadas as coberturas fotojornalísticas mais representativas: as guerras.

A primeira revolução acontece após a Segunda Guerra Mundial. Os conflitos do pós-guerra mostraram-se terreno fecundo para o crescimento das agências fotográficas. No período da Guerra Fria, por exemplo, os *news media* foram palco das lutas políticas e ideológicas, intensificando a competição entre as agências.

Os anos 1950 são considerados de ruptura e desenvolvimento do fotojornalismo, uma vez que a fotografia de imprensa passa a cada vez mais se confundir com a arte e a expressão. Data deste período o início da massificação e industrialização da produção fotojornalística, com a expansão da imprensa cor-de-rosa (dedicada ao público feminino), das revistas eróticas de qualidade (como a *Playboy*, que surge em 1953), da imprensa de escândalos e das revistas ilustradas de temas como moda, decoração e fotografia. É também nesta época que surgem os *paparazzi*, fotógrafos dedicados à "caça às estrelas", que alimentam principalmente a imprensa cor-de-rosa e de escândalos.

A segunda revolução foi marcada pelo envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã. Com menos censura e mais acesso às frentes de batalha do que na Guerra Fria, o fotojornalismo passou a explorar os caminhos da sensibilidade, utilizando-se com frequência da foto-choque[2]. Nesta época ganham destaque a industrialização da atividade fotojornalística e a forte concorrência entre as agências, o que deu ritmo à evolução

[2] Barthes (2002) caracteriza a foto-choque como aquela que representa momentos traumáticos, como incêndios, naufrágios, catástrofes e mortes violentas, colhidos "ao vivo". O autor afirma ainda que quanto mais traumática for a fotografia em questão, menos há o que falar sobre ela.

tecnológica da fotografia, facilitando a transmissão e edição das imagens, principalmente com o advento das tecnologias digitais.

A terceira revolução acontece já nos anos 1990 e mantém seu reinado até os tempos atuais. Ao contrário das épocas anteriores, é marcada não pela guerra, mas pela tecnologia, pelo surgimento da possibilidade de manipulação e geração computacional de imagens, pela transmissão digital de fotografias e pela perda de espaço da foto-choque para a foto-ilustração e *fait-divers* nos meios de comunicação. A inserção da tecnologia digital nas redações facilitou o processo de rotinização da editoria, além de gerar um aumento na produção de imagens. Os critérios de noticiabilidade do fotojornalismo passam, desta forma, a ser dominados pela velocidade, a atualidade e a ação.

2.2 A atividade fotojornalística

O jornalismo utiliza-se não apenas do texto, mas também da fotografia como veículo de informação, análise e opinião sobre a vida humana. Na atualidade, a função de fotojornalista é cada vez mais difícil de definir, devido ao fato de ser uma atividade "larga e ambígua, já que inclui fotografias de notícia, foto-reportagens e até fotografias documentais" (Sousa, 2000, p.13).

Para precisar a atividade de um fotojornalista, Sousa (2000) sugere uma diferenciação entre o papel deste e do fotodocumentarista. Assim sendo, caracteriza o fotojornalismo como

> a atividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Este interesse pode variar de um para outro órgão de comunicação social e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes (SOUSA, 2000, p. 12).

Desta forma, enquanto o fotojornalista teria por ambição mais tradicional "mostrar o que acontece no momento", tendendo a basear sua

produção no que poderíamos designar por um "discurso do instante", o documentarista social – ainda que partisse de um fato momentâneo – procura documentar as condições sociais e seu desenvolvimento de forma mais aprofundada.

Para Salomon, um bom fotojornalista

> deve ter uma paciência infinita, e não se enervar nunca; deve estar ao corrente dos acontecimentos e saber a tempo e horas onde é que irão desenrolar-se. Se necessário, devemos servir-nos de toda a espécie de astúcias, mesmo se elas nem sempre são bem sucedidas (SALOMON *apud* FREUND, 1995, p.117).

Na sua atividade, o fotojornalista deve aliar instinto, rapidez de reflexos e curiosidade para produzir imagens com potencial jornalístico, ou seja, imagens que aliem força noticiosa e visual. Necessitam congelar uma única imagem que condense o significado e a importância do acontecimento registrado. Esta situação relembra o "instante decisivo"[3] descrito por Bresson, e classificado por Vilches (1991, p.7) como "instante em que o assunto e os elementos composicionais formam uma união" representativa do todo.

Cabe lembrar que a fotografia jornalística não é somente documento, mas também representação. Vanoye (1996) afirma que a fotografia não veicula apenas uma mensagem referencial. Sua preparação (enquadramento, luminosidade), e sua montagem (tratamento digital de imagem, e sua relação eventual com outras fotografias que a seguem ou precedem) "carregam-na" de conotações múltiplas e complexas (VANOYE, 1996, p.190). A máquina fotográfica, como máquina que é, tem olhar neutro, livre de tendencialismos e ideologias. Mas ela está sob o comando de um humano, que elege os elementos que deseja destacar para melhor representar sua interpretação do acontecimento retratado. Um autor que define o "momento decisivo", o enquadramento ideal para esta representação. Depois, na redação, a imagem ainda passa por tratamento digital para correção de imperfeições. Para a

[3] Bruxel (2006) define como o *instante decisivo* de Bresson o momento em que todos os elementos representativos de uma cena que ocorre ao acaso são enquadrados, organizados e recortados pelo fotógrafo, aliando o rigor geométrico das formas à emoção do ser humano. A imagem é registrada em um único golpe, e este deve ser preciso, uma vez que define a mensagem que o fotógrafo pretende transmitir. Cabe lembrar, porém, que o que norteava a produção de Bresson era o rigor formal, e não tão somente o registro do real.

publicação, recebe um novo corte de enquadramento, um novo olhar que define a melhor porção da imagem a se mostrar.

Portanto, mesmo sendo considerada como um registro ou documentação do real, a fotografia é uma elaboração, uma vez que resulta "de um processo criativo, de um modo de ver e compreender especial, de uma visão de mundo particular do fotógrafo; é ele que, na sua intermediação, cria/constrói a representação" (KOSSOY, 2002, p.47).

2.3 Relações foto/texto

Para Freund (1995), o fotojornalismo propriamente dito passou a existir somente quando as imagens deixaram de ilustrar o texto e se tornaram, elas mesmas, história de um acontecimento contado em uma série de fotografias acompanhadas de um texto, frequentemente reduzido apenas a legendas.

As imagens consideradas jornalísticas são aquelas que possuem 'valor jornalístico'[4] e são usadas para transmitir informação útil em conjunto com o texto que lhes está associado. Sousa (2004) explica que não existe fotojornalismo sem que a imagem esteja acompanhada de um texto, uma vez que a fotografia "é ontogenicamente incapaz de fornecer determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem" (SOUSA, 2004, p.12).

Para compreendermos a relação texto-imagem no fotojornalismo, considero necessário, a partir de Wolff (2005), ressaltar as características das

[4] Na teoria de jornalismo, um fato, para ser considerado relevante, deve atender a alguns critérios. Para Wolf (2003, p.208 e 213), os valores-notícia principais seriam o interesse e a importância da notícia. A importância de um fato está, segundo ele, ligada a quatro valores: grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos; impacto sobre o interesse nacional; quantidade de pessoas envolvidas; e relevância do acontecimento em relação ao desenvolvimento de uma situação futura. O interesse, por outro lado, está ligado a decisões subjetivas, como, por exemplo, a imagem que o jornalista faz do público e sua capacidade de lhe oferecer material valioso para a leitura.

imagens em geral. Como já dito anteriormente, a fotografia, além de imagem, também é representação da pessoa ou coisa fotografada. Ou seja, ela "é o representante, o substituto, de qualquer coisa que ela não é e que não está presente" (WOLFF, 2005, p.20). Desta forma, uma imagem não pode ter todos os traços de seu modelo, sob pena de ser confundido com ele; é dotada de caráter múltiplo, enquanto o que ela representa é único; e possui uma inferioridade ontológica: ela não é o verdadeiro ser, é apenas uma imitação.

Wolff propõe uma comparação entre linguagem textual e imagens, duas formas de representação totalmente distintas, mas que se complementam no fotojornalismo. Para o autor, a *linguagem textual* é um sistema sonoro pelo qual os homens tornam mutuamente presentes as coisas uns dos outros e tornam-se mutuamente presentes uns para os outros, enquanto, através da *imagem*, os homens tornam sonoros para si mesmo, individual ou coletivamente, as coisas que são ausentes para todos (WOLFF, 2005, p.24).

São quatro as limitações da imagem em relação à linguagem textual:

1. a imagem é irracional, ignora o conceito. Com ela podemos representar um animal, mas não o conceito de animalidade;
2. a imagem não conhece negação. Como representação, ela afirma "é real": uma imagem de um cachimbo, sem um texto que a contradiga, jamais dirá "isto não é um cachimbo";
3. a imagem ignora os modo gramaticais do subjuntivo e do condicional: ela é o que mostra
4. a imagem não pode representar o tempo, ela é atemporal: tudo se dá no presente na imagem, ela ignora pretérito e futuro

Uma vez que a imagem aponta, não significa, ela jamais poderá *explicar* nada, necessitando, na verdade, ser explicada por outra coisa que não seja imagem: o discurso verbal.

Mas é nas suas limitações que a imagem alicerça seus poderes:

1. uma única imagem é capaz de descrever uma situação muito melhor do que uma longa descrição por escrito, nada provoca uma reação imediata tão bem quanto uma imagem;

2. a imagem é pura afirmação, não há como questioná-la: uma imagem de um cachimbo é um cachimbo;
3. a imagem representa o real sem nuances, coloca o real e o possível no mesmo plano;
4. a imagem mostra o tempo passado não como passado, mas sempre como presente, ela congela o momento – que para nós já é passado – sempre presente.

Na seqüência, Roland Barthes, em *A mensagem fotográfica* (2002), apresenta a linguagem fotográfica como mensagem, que possui emissor, meio e receptor. Neste sistema, a fonte emissora é a redação do jornal, o receptor é o público que lê o periódico e o canal de transmissão é o próprio jornal, em um complexo de mensagens concorrentes formado pela foto e pelos elementos textuais, como notícia, título, legenda e paginação. Entretanto, Barthes caracteriza a imagem como uma mensagem sem código, por tratar-se de um "análogo mecânico do real", o que faria dela a única estrutura de informação "a ser exclusivamente contínua e ocupada por uma mensagem denotada, que esgotaria completamente o seu ser" (BARTHES, *in* LIMA, 2002, p.328) – esta característica da imagem fotográfica torna-a aberta a inúmeras interpretações, corroboradas pela pretensa "naturalidade" do referente. Neste momento o texto, na busca do sentido, é de fundamental importância. Desta forma, no jornalismo impresso, segundo o autor, texto e imagem têm uma relação de ancoragem: o texto proporciona o elo entre a imagem e a situação espacial e temporal que a linguagem puramente visual não permite estabelecer, selecionando também uma entre várias interpretações possíveis da imagem.

Sendo assim, a informação no fotojornalismo é suportada por duas estruturas: uma icônica e analógica – a fotografia – e outra simbólica – o texto. Estas estruturas são complementares, mas não equivalentes e, por isso, não podem substituir uma à outra. Desta forma, lembra Vanoye (1996), "o discurso icônico e verbal não se excluem. Eles interagem, superpõem-se, combinam-se. Estabelece-se uma verdadeira dialética da imagem e da palavra" (VANOYE, 1996, p.191). Nesta relação, segundo o autor, o essencial

é “fazer passar” a mensagem dupla – icônica e linguística – sem privilegiar uma em detrimento da outra: texto e imagem transmitem informações complementares.

Interferências como enquadramento, cortes e tratamentos pós-fotográficos dados à imagem também influenciam na sua significação. Além disso, a relação com o texto que o acompanha, além de complementar, pode modificar a informação fornecida.

> Uma fotografia sem ‘âncora’ textual pode vir a ter malentendido uma parte ou o todo de seu significado; a ausência de uma legenda ou uma deturpação textual pode alterar o significado da expressão original do fotógrafo autor da imagem (GRIECO, 2006, p.100).

Sobre este assunto, podemos concluir, segundo Freund (1995), que a objetividade das imagens é apenas uma ilusão, pois as legendas que as comentam podem alterar totalmente sua significação.

2.4 Fotografia digital x analógica

É inegável que a digitalização e a informática trouxeram ao fotojornalismo um grande avanço em relação à velocidade, à maleabilidade e à utilização das imagens em diferentes contextos. A substituição da fotografia analógica, à base de prata, pela fotografia digital, à base de números, foi essencial para possibilitar a veiculação de imagens em jornais na *web*.

Na fotografia digital, as imagens são constituídas por milhares de *pixels*, que, individualmente, carregam informações sobre luz e cor da imagem. As fotos são geradas e armazenadas em arquivos eletrônicos: na fotografia digital, um sensor fotossensível transforma a luz em impulsos elétricos, cujas informações são codificadas e armazenadas em um sistema de zeros e uns, o chamado código binário. À fotografia digital alia-se a necessidade do uso do computador para interpretar os códigos numéricos e novamente transformá-los em imagem.

Arlindo Machado (2001a) afirma que, no estado em que as coisas se configuram na atualidade,

> a imagem perde cada vez mais os seus traços materiais, a sua coporeidade, a sua substância, para se transfigurar em alguma coisa que não existe senão em estado virtual, desmaterializada em fluxos de corrente elétrica. Diferentemente do que ocorre com os suportes fotoquímicos convencionais, o suporte de fixação da imagem eletrônica não mostra imagem alguma. Sabemos que ela está lá, mas lá onde? MACHADO (2001, p. 48).

A possibilidade de se obter a imagem disponível, cada vez mais rápido, é uma grande vantagem da fotografia digital aliada à Internet, principalmente quando as imagens são direcionadas para o uso em jornais que possuam uma versão *online*, como é o caso de Zero Hora. As horas antes gastas com a revelação e ampliação do filme fotográfico foram substituídas pelos poucos minutos dedicados à transferência de arquivos da máquina fotográfica para o computador ou do celular para o *e-mail* da editoria de fotografia. Além, é claro, de facilitar a inclusão da cobertura de eventos e situações que acontecem muito próximo ou após horário de fechamento da edição impressa, como é o caso de shows e ocorrências policiais, por exemplo. Com as câmeras digitais, temos a foto disponível para edição imediatamente após ter sido feita.

A edição fotográfica também se altera: à escolha e recorte da foto soma-se o chamado "tratamento da imagem". Este processamento é todo feito no computador, através de softwares de edição de imagens, como o *Adobe Photoshop* e *Acdsee*, utilizados na redação de Zero Hora. Estes programas permitem que a imagem seja manipulada em termos de brilho, contraste, balanço de cores, tamanho, retoques e correção de foco, para citar apenas alguns exemplos. Todas estas alterações podem ser pré-visualizadas e revertidas se o efeito não for satisfatório. Esta, segundo Baptista (2001), é a principal diferença entre a fotografia analógica e digital: a natureza da imagem formada por *pixels* permite que ela seja duplicada infinitas vezes sem qualquer alteração ou perda de qualidade, além de sempre haver a possibilidade de retornar ao arquivo original, sem alterações.

Certamente, a fotografia digital teve impactos sobre a linguagem fotográfica da atualidade. A tecnologia mais acessível deixou as máquinas fotográficas menores e mais baratas, além de simplificar o processo de obtenção da imagem. Com o advento da fotografia digital e, principalmente, da fotografia a partir de um telefone celular, um grande número de pessoas passou a ter acesso à produção de imagens, sem que seja necessário conhecimento técnico dos conceitos da fotografia. Para alguns autores, temos aí uma banalização da imagem, uma vez que a ausência de um filme possibilita *cliques* infinitos e editáveis, o que pode gerar uma despreocupação com a qualidade e relevância da imagem registrada.

Com a tecnologia de produção digital, os recursos de manipulação da imagem também ficaram mais acessíveis. Porém, é necessário ter cautela quanto ao nível de interferência que é feita sobre a imagem original. Pequenos ajustes podem melhorar a qualidade da imagem, mas precisa-se tomar cuidado para não desfigurar a foto original, como, por exemplo, fazer com que, por meio de filtros e tratamentos digitais, as águas do rio Guaíba, conhecidamente de tonalidade marrom, tornem-se esverdeadas. Sobre esta questão, Vestal (1998) lembra que, quando as imagens são destinadas ao uso fotojornalístico, as qualidades estéticas não devem ser sobrepostas às qualidades documentais do registro fotográfico:

> Se aquilo que estiver errado na foto ultrapassar tudo o que houver de bom nela, esta foto não merece ser reproduzida e, afinal, não deveria ser mostrada – e, principalmente, não como alguma coisa perfeita. Se os pontos fortes da imagem ultrapassam os seus defeitos, não vejo necessidade de esconder estes defeitos. Ela pode permanecer com as imperfeições. Pode até acontecer que ela ganhe força com elas, porque será vista como uma expressão honesta (VESTAL, 1998, p. 81).

No fotojornalismo, alguns fatores que antes deviam ser decididos no momento do registro fotográfico, agora podem ser editados posteriormente, sem deixar vestígios da manipulação. Esta postura, segundo Bruxel (2006), faz com que o ato fotográfico, até certo ponto, diminua de importância em relação às possibilidades de edição da imagem: vivemos em um momento “em que o ‘clic’ do mouse é quase tão relevante no processo de obtenção de uma

imagem final quanto o ‘clic’ da câmera no momento da sua obtenção” (BRUXEL, 2006, p.33). Além disso, a produção de centenas de imagens, na ânsia de não perder nenhum instante de uma cena, faz com que a grande maioria das fotos seja descartada. A fácil exclusão dos arquivos digitais pode acarretar o descarte de imagens que futuramente seriam consideradas um importante registro, enquanto na tecnologia analógica, mesmo os negativos considerados descartáveis pelo fotógrafo permaneciam – e permanecem, até hoje – arquivados para consultas futuras.

Desta forma, podemos afirmar que a fotografia digital revolucionou a linguagem fotográfica. A questão é que seu papel e sua importância para o jornalismo não se alteram: a fotografia – seja ela analógica ou digital – é sempre um documento e, ao mesmo tempo, representação.

Neste capítulo, apresentei o histórico do fotojornalismo, bem como a importância da interação entre fotografia e texto para a transmissão da mensagem jornalística e os impactos da fotografia digital na produção fotojornalística. No próximo capítulo, abordarei o *webjornalismo*, sua história e as transformações por ele impostas ao jornalismo diário, impresso e “tradicional”.

3 *WEBJORNALISMO*

O objetivo deste capítulo é apresentar um histórico do *webjornalismo*, bem como as transformações por ele impostas ao jornalismo tradicional, impresso. Utilizarei como exemplo o *site www.zerohora.com*, portal de notícias *online* do jornal Zero Hora. Apesar da rápida expansão da Internet como veículo, há escassez de obras publicadas sobre o jornalismo *online*[5]. Quanto às aplicações do fotojornalismo na *web*, a bibliografia é ainda mais escassa. Em sua maioria, os livros de jornalismo na Internet dedicam-se a serem manuais técnicos de texto na *web* e pouco tratam acerca das mudanças e apropriações do *webjornalismo* em relação ao jornalismo impresso.

O capítulo irá abordar a sociedade atual bem como os impactos da Internet na criação de uma cibercultura. Autores como André Lemos, Manuel Castells e Pierre Lévy me ajudaram na construção de tal quadro. As transformações tecnológicas impostas ao jornalismo impresso foram abordadas sob o prisma de Ciro Marcondes Filho, Nilson Lage e Muniz Sodré.

Conceitos essenciais para a compreensão do jornalismo *online*, tais como cibercultura, ciberespaço e linguagem hipertextual, tiveram nos autores Ana Regina Barros Rego Leal, Elias Machado, José Benedito Pinho, Luciana Moherdaui, Luciano Miranda, e Pollyana Ferrari sua fonte.

3.1 A consolidação da Internet como meio de comunicação

A Internet é apresentada por Miranda (2004) como um meio de comunicação que se inclui no tripé clássico do jornalismo, formado por imprensa, rádio e televisão. O jornalismo *online* se desenvolveu no ambiente

[5] Neste trabalho, "jornalismo *online*" e "*webjornalismo*" serão usados com o mesmo sentido, representando a produção jornalística destinada à publicação em portais de notícias.

da cibercultura e do ciberespaço, conceitos trabalhados por Pierre Lèvy e André Lemos.

Para Lemos (2003), a cibercultura deve ser entendida

> como a forma sócio-cultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com as convergências das telecomunicações com a informática, na década de 70 (LEMOS, 2003, p. 12).

Ou seja, é a cultura contemporânea, fortemente marcada pelas tecnologias digitais. Lévy caracteriza a cibercultura como o "conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço" (LÉVY, 1999, p.17).

Já o ciberespaço é conceituado por Miranda (2004) como

> um espaço de práticas comunicativa humanas mediadas por redes de computadores, permitindo-lhes interagirem. A interatividade acontece entre pessoas que não se vêem materialmente, mas que estão expostas a bits, unidades de informação na forma de texto, som e/ou imagem (MIRANDA, 2004, p.17)

O ciberespaço é, portanto, o espaço virtual originado das redes de sistemas computacionais e das ligações entre as próprias redes. Entretanto, as redes computadorizadas não surgiram com o objetivo de tornarem-se uma cultura pública. Na sua origem, datada de 1969, o ciberespaço visava a interesses militares do governo dos Estados Unidos, por meio da Advanced Research Projects Agency (ARPA), com o objetivo de ampliar o controle militar sobre a comunicação, empregando-se uma variedade de instrumentos midiáticos, incluindo satélites. Esta rede foi planejada para funcionar mesmo sob uma catástrofe nuclear, uma vez que cada ponto se equivalia, sem a existência de um comando central.

Gradualmente, a rede passou a ser utilizada por universidades para o compartilhamento de pesquisas e bancos de dados e, mais tarde – já conhecida como Internet – tornou-se acessível a toda a sociedade. O ciberespaço que dela surge é primordialmente um meio de comunicação originado de uma rede de redes de computadores.

> O que elas possuem em comum é o protocolo que permite que elas se comuniquem umas com as outras. Deste modo, a Internet é integrada por computadores que possuem uma língua em comum, esse protocolo (MIRANDA, 2004, p.19).

Conforme apresenta Pinho (2003), a Internet é o meio de comunicação que teve o menor período para sua aceitação entre a sua descoberta e difusão mais maciça.

Meio de comunicação	**Tempo de aceitação**	**Datas**
Imprensa	400 anos	De 1454 ao século XIX
Telefone	70 anos	De 1876 até o período posterior à Segunda Guerra Mundial
Rádio	40 anos	De 1985 até o período entre as duas guerras mundiais
Televisão	25 anos	De 1925 até os anos 1950
Internet	7 anos	De 1990 até 1997

Quadro 1 - Intervalo entre a descoberta de um novo meio de comunicação e sua aceitação[6]

A *web* – ou *World Wide Web* (*www*) – é provavelmente a parte mais importante da Internet e, para algumas pessoas, a única parte que elas usam, fato que transformou as expressões em sinônimos no cotidiano. Surgida em 1991, na Suíça, esta nova linguagem tinha como objetivo facilitar o acesso de documentos dos laboratórios de pesquisa interligados pela rede. Os endereços *www* são iniciados com *http://*, cujo significado é Hipertext Transfer Protocol (protocolo de transferência de hipertexto), mostrando a importância do hipertexto para o êxito da *web*.

Na linguagem hipertextual, os *links* funcionam como ligações em torno de significados-chave, que podem ser palavras ou imagens.

> A abordagem mais simples do hipertexto é descrevê-lo como um texto estruturado em rede, em oposição a um texto linear. O hipertexto é constituído por 'nós' (elementos de informação,

[6] Fonte: PINHO, 2003, p.38.

> parágrafos, páginas, imagens, seqüências musicais, etc) e elos entre esses nós – referências, notas, ponteiros, botões indicando a passagem de um nó a outro (MOHERDAUI, 2000, p.97).

O hipertexto, portanto, muda completamente a relação emissor-receptor – no caso do jornalismo *online*, a relação jornalista-leitor –, uma vez que o internauta assume o controle da informação, decidindo o que ler e em que ordem.

Segundo Pinho (2003), são muitas as características que diferenciam a rede mundial de computadores dos meios de comunicação tradicionais. Para a finalidade deste trabalho, destaco as seguintes:

Não-linearidade: diferentemente do papel, na Internet o hipertexto permite que o usuário transite entre as estruturas de informação do *site* sem uma seqüência predeterminada, elegendo os dados e a ordem que deseja acessar. Esta não-linearidade exige que os portais associem informação e navegabilidade, para atrair o leitor, estimulando-o a permanecer mais tempo naquele *site*, familiarizando-se com ele.

Fisiologia: ao ler um texto na tela do computador, o internauta pisca menos vezes do que se estivesse lendo o mesmo texto impresso em um papel. Por isso, quando as pessoas lêem *online*, o fazem de forma mais vagarosa, fato que originou a recomendação de que os textos preparados para publicação na Internet sejam aproximadamente 50% mais curtos do que se fossem escritos para o papel.

Instantaneidade: além de permitir a publicação de notícias, áudios e vídeos de forma rápida e abrangente, a Internet também é utilizada como alternativa para facilitar a cobertura de outros meios, como o jornal impresso, por exemplo, com a transmissão de textos e imagens via e-mail ou FTP[7]. Cabe ressaltar que as coberturas ao vivo foram inauguradas pelo rádio e pela televisão. O que diferencia a cobertura *online* é que, depois de publicada, a

[7] O FTP (File Transfer Protocol) é um protocolo padrão de transferência de arquivos usado na Internet que permite a busca e cópia de arquivos disponibilizados em computadores de todo o mundo. O FTP é uma ferramenta que facilita a transferência dos mais variados arquivos – textos, planilhas, bancos de dados, vídeos e fotos –, permitindo a dinamização dos fluxos de comunicação.

notícia na Internet permanece acessível por tempo indeterminado, transformando a *web* em uma poderosa ferramenta para pesquisa.

Dirigibilidade: por sofrer menos restrições de espaço e tempo do que os meios tradicionais, na Internet as notícias necessitam passar por menos "filtros" antes de serem publicadas. É necessário, entretanto, tomar cuidado para não confundir flexibilidade com falta de critério na escolha das notícias publicadas *online*.

Interatividade: Pinho (2003) sugere que "na Internet, a organização não está falando *para* uma pessoa, mas sim, conversando *com* ela" (PINHO, 2003, p.54). Nas mídias tradicionais a informação percorre uma via de mão única, enquanto na Internet o leitor tem latente a expectativa de interatividade. Comentários em matérias, murais, enquetes e ferramentas como o Leitor-Repórter[8], do *site zerohora.com*, estimulam a participação do internauta no processo informativo.

Pessoalidade: o que faz da Internet um meio de comunicação interativo também a torna pessoal:

> Em primeiro lugar, você está no escritório ou na casa de uma pessoa que está fisicamente mais próxima do computador do que da tela de TV e, provavelmente, ainda estará sozinha. Em segundo lugar, aquela pessoa procura uma informação que você oferece. Em terceiro lugar, ele ou ela podem escrever diretamente para uma pessoa em sua empresa e receber uma resposta pessoal. [...] Agora, tente fazer isto com a televisão (Sherwin & Avila apud PINHO, 2003, p.54).

No caso específico de *zerohora.com*, a proximidade também acontece pelo caráter regionalizado que o *site* – seguindo o exemplo do jornal impresso – assumiu perante seu público, dando maior destaque a acontecimentos locais, que fazem parte do cotidiano do internauta.

Acessibilidade: em condições normais, um *site* da *web* está atualizado e disponível ao acesso dos usuários 24 horas por dia, sete dias por semana,

[8] Neste canal de participação, o leitor tem a possibilidade de enviar notícias de sua autoria para publicação no *site*. Além do texto, o leitor pode enviar fotos e vídeos registrando o fato que deseja publicar. Após moderação e verificação dos fatos apresentados no texto redigido pelo leitor, as notícias são publicadas diretamente no canal Leitor-Repórter, que possui um *layout* diferenciado das notícias publicadas pela redação.

todos os dias do ano, ao contrário dos jornais impressos, que se atualizam a cada edição, e do rádio e da televisão, que têm horários específicos para veiculação das notícias.

Receptor ativo: com milhões de *sites* disponíveis na Internet, o internauta tem que buscar a informação de forma mais ativa, o que faz da *web* uma mídia *pull*, que deve "puxar" o interesse e a atenção do internauta, enquanto a televisão e o rádio podem ser considerados mídias *push*, em que a mensagem é "empurrada" para o telespectador ou ouvinte, sem que ele tenha solicitado.

3.2 Impactos da tecnologia no jornalismo impresso

Ao longo da história, novas mídias e tecnologias influenciaram a sociedade e também a atividade jornalística. Para abordar as marcas da tecnologia sobre a sociedade e, conseqüentemente, o fazer jornalístico, busquei os conceitos apresentados por Castells, Sodré e Marcondes Filho.

Na Internet, a informação chega ao leitor e é atualizada em tempo real, o que faz dela um meio de "comunicação de massa, contínuo e interativo ao qual podem ter acesso os mais diferentes usuários, fazendo perguntas, criticando e debatendo" (CASTELLS, 2003, p.285).

Este processo digital estabeleceu novos parâmetros sociais: o mundo atual é marcado pela ditadura da velocidade, em que o compasso da vida tornou-se mais ligeiro, uma vez que as tecnologias fornecem muito mais possibilidades de ação a um só tempo. Como conseqüência, todas as coisas – sejam notícias, objetos ou relacionamentos sociais – passam a ter vida útil mais curta, em uma cultura do volátil e da atualização constante.

Desta forma, também a imprensa passa a conviver com o que Sodré (2002) chama de "hibridização dos meios comunicativos", modificando as relações "meio *x* público", graças ao recurso da interatividade:

> Formas tradicionais de representação da realidade e novíssimas (o virtual, o espaço simulativo ou telerreal da hipermídia) interagem, expandindo a dimensão tecnocultural, onde se constituem e se movimentam novos sujeitos sociais (SODRÉ, 2002, p.19)

Sendo assim, a Internet configura-se como espaço de democracia no ciberespaço – ou *ciberocracia*, como denomina o autor –, em que há livre manifestação e movimentação das mais distintas informações, resultando na virtualização das relações sociais.

Estas mudanças sociais se refletiram também na comunicação. Para Marcondes Filho (1993)[9], o jornalismo da atualidade em muito se difere do fazer jornalístico tradicional. A prática engajada politicamente e dedicada ao debate de ideologias e visões de mundo deu lugar a um tipo de produção dissociado do debate ideológico e caracterizado pela *imaterialidade jornalística*, que se revela de quatro formas:

No texto – o jornalismo atual trabalha sob o ritmo da compressão: notícias longas devem ser suprimidas e as matérias não devem ter mais do que três parágrafos. Em formato visual, o texto pode ser mais facilmente modelado, ocorrendo uma quebra da linearidade discursiva que marcava o jornalismo anteriormente;

na imagem – o jornalismo impresso se adaptou ao novo hábito da sociedade pela visualização, marcado principalmente pelo estímulo da televisão. Desta forma, aparência e dinamicidade da diagramação tornam-se essenciais. Há uma valorização das fotografias que, por causa de sua diluição e refundição eletrônica, deixam de ser um documento de exatidão e verdade;

na prática jornalística – os jornais apresentam uma auto-referencialidade comunicativa, ao publicarem matérias sobre si mesmos, deixando de lado fato jornalísticos para publicar algo que só teria a ver com a economia interna da empresa;

[9] Cabe ressaltar que o autor é de filiação crítica. A Teoria Crítica propõe uma transformação da realidade social, tendo como objetivo emancipar o homem de um conjunto de relações de poder exploradoras das suas forças e aptidões. A reflexão acerca dos pressupostos necessários para transformar a sociedade e a vontade de submeter a teoria aos interesses de ordem prática, resistindo contra as formas de poder estabelecido são atividades que traduzem exemplarmente o domínio da Teoria Crítica (Dicionário de Filosofia Moral e Crítica – disponível em http://www.ifl.pt/ifl_old/dfmp.htm. Acessado em 22/06/2009).

no processo do trabalho – a eficiência do profissional – agilidade e rapidez de produção de matérias sob a pressão do tempo – se sobrepõe à qualidade do texto.

Segundo o autor, as mudanças provocadas pela tecnologia não se restringem ao simples aumento no volume da produção jornalística. A produção em alta escala de informações resulta, na verdade, em uma "desinformação provocada pelo excesso" (1993, p.125): um processo de negação do caráter informativo da informação, uma vez que o excesso de notícias provoca a redundância, levando ao desinteresse, à apatia e, em última instância, à desinformação.

Sendo assim, a Internet deixa de ser apenas uma tecnologia, para assumir-se como um meio de comunicação que

> constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede[10], que é a sociedade em que vivemos (CASTELLS, 2003, p.287).

3.3 Jornalismos na Internet

A Internet pode ser considerada uma síntese de todas as mídias, por aliar a vantagem visual da TV, a mobilidade do rádio, a capacidade de detalhamento e análise do jornalismo impresso e a interatividade da multimídia.

É dentro deste novo espaço que se desenvolve o *webjornalismo* que, segundo Leal (2003), passou por três fases em sua evolução. De início, o jornalismo *online* adotou o modelo *transpositivo*, de atualização diária, com conteúdo restrito à transposição no *site* das mesmas notícias publicadas no jornal impresso. A segunda fase, denominada pela autora como *percepção*, inclui o lançamento de espaços destinados a publicação de notícias em tempo

[10] Castells (2003) conceitua a *sociedade em rede* como a sociedade cuja estrutura social foi construída em torno de redes de informação a partir da tecnologia de informação microeletrônica estruturada na Internet.

real, mas mantém a transposição de conteúdos como prática central. O terceiro estágio, chamado *hipermidiático*, extrapola o modelo transpositivo, unindo hipertextualidade, interatividade, convergência de mídias e personalização:

> o indivíduo escolhe e consome o que quiser, nos horários, nas freqüências e nos ângulos de abordagem de sua preferência. Enquanto a televisão, o rádio e o jornal ordenam o noticiário em função de suas diretrizes editoriais e ideológicas, as redes computadorizadas impelem-nos a bucar e selecionar dados ambicionados (MORARES *apud* LEAL, 2003, p.126).

A primeira iniciativa de uma empresa jornalística brasileira na *web* partiu do Grupo *O Estado de S Paulo*, que passou a disponibilizar os conteúdos da *Agência Estado* na Internet em fevereiro de 1995. Em maio do mesmo ano, o *Jornal do Brasil* foi o primeiro veículo a fazer uma cobertura completa no espaço virtual, sendo seguido por inúmeros outros jornais, iniciando uma revolução no modelo de produção e distribuição das notícias.

Durante os conflitos em Kosovo, em 1999, a *Folha Online* inovou, publicando em seu *site* depoimentos de leitores enviados à redação para enriquecer as notícias publicadas sobre as áreas de conflito. Na era da cibercultura, o internauta também pode fazer parte do processo de produção da informação: os canais de *jornalismo cidadão* dos *sites* convidam o internauta a enviar texto, foto, vídeo ou áudio de um fato noticioso ou que considere importante para sua comunidade. Abre-se assim, uma janela para que fatos que não foram mediados por jornalistas se transformem em notícia. Para Padilha (2008), esta prática pode ser considerada um *ciberativismo*[11], ao colocar em evidência assuntos locais e de interesse público.

No início do ano 2000, o provedor *Internet Grátis* (*IG*) lançou o *Último Segundo* (*www.ultimosegundo.com.br*), primeiro jornal totalmente concebido e produzido para a Internet brasileira. O *site* publica notícias produzidas por agências como Reuters e Associated Press, além de reportagens e entrevistas

[11] Segundo a autora, o *ciberativismo* tem por objetivo principal mobilizar as pessoas em torno de uma causa comum, tendo como suporte as tecnologias do ciberespaço, uma vez que a disponibilização de informação em *sites* noticiosos tem um papel importante no início desta mobilização, por evidenciar fatos e assuntos de interesse para estes grupos.

realizadas por uma equipe de jornalistas formada com o objetivo de desenvolver conteúdos especificamente para o jornal *online*.

Na *web*, as informações podem ser atualizadas instantaneamente, na forma de textos, gráficos, imagens e animações. Ward (*apud* PINHO, 2003) classifica os conteúdos existentes em um *site* em quatro tipos principais: conteúdo *estático* – aquele que não está sujeito a mudanças, sofrendo alterações esporádicas, como, por exemplo, o expediente do *site* –; conteúdo *dinâmico* – aquele que sofre atualizações constantes, e está presente na seção de últimas notícias –; conteúdo *funcional* – que facilita a busca da informação, como as manchetes, os menus e as barras de navegação –; e conteúdo *interativo* – aquele que estimula a interação com os usuários, como murais, enquetes e ferramentas de publicação de fotos e notícias de autoria dos leitores.

Já a audiência na Internet é classificada por Moherdaui (2000) em três categorias: os leitores considerados *scanners* – que só passam os olhos pelo texto, à procura de divertimento e surpresas –, os que preferem recursos multimídia a textos, e os que procuram informações específicas. É este terceiro grupo que normalmente lê longos textos na tela do computador, enquanto o primeiro e o segundo pouco se atêm às palavras. Sendo assim, o hipertexto deve ser utilizado para organizar o conteúdo de forma que uma mesma notícia ofereça diversos níveis de informação, atendendo às expectativas dos diferentes tipos de usuários.

Por meio do hipertexto, os usuários podem recorrer a diferentes roteiros de leitura em um conjunto de blocos de textos. Por isso, os textos para *web* devem ser fragmentados, o que proporciona ao leitor a escolha do nível de informação de seu interesse. Tudo para que o leitor possa ser, de fato, o editor de seu "texto final", o organizador de um jornal próprio[12].

O jornalismo *online* possui características próprias e, como conseqüência de seu surgimento, novas implicações na atividade jornalística.

[12] Ted Nelson sugere o conceito de *texto elástico*: aquele que se expande e se contrai conforme as solicitações do leitor, faz com que o internauta assuma o comando da ação, trocando filmes, vídeos, diálogos, textos, imagens como se estivesse em uma grande biblioteca digital. (NELSON, apud FERRARI, 2004, p.43)

Porém, o *webjornalismo* ainda não possui uma linguagem própria definida, reproduzindo em seus conteúdos os padrões e modelos das mídias tradicionais. Desta forma, características e conceitos do jornalismo impresso, de rádio e televisão se refletem na *web*.

O objetivo final da atividade jornalística – a produção e publicação de notícias – segue o mesmo, o que se alteram são as ferramentas utilizadas para fazê-lo. Independentemente do veículo – rádio, tv, jornal ou Internet – em que as notícias serão publicadas, estas devem apresentar requisitos e qualidades comuns, como clareza, densidade, concisão, precisão, exatidão e coerência. A condição efêmera do produto e seu compromisso com a prestação de serviços prevalecem também como padrão de julgamento do que interessa ou não publicar.

Segundo Lage (1990), a informação se distribui em três níveis no papel: no *projeto gráfico* – sistema simbólico composto de manchas, traços, ilustrações e letras que formam a identidade visual do jornal e ao mesmo tempo organizam a hierarquia das informações na página –; nos *sistemas analógicos* – formados pelas fotografias e ilustrações, que fixam e comentam momentos e, por isso, são consideradas unidades semânticas autônomas – e, por fim, o *sistema lingüístico* – que, formado por manchetes, títulos, textos e legendas, é considerado o mais adequado à comunicação de conceitos.

Esta mesma classificação pode ser transportada para a Internet, somando-se aí a possibilidade da utilização de *áudios* – entonação e pausas na fala permitem transmitir determinado entendimento da informação, além de deixar espaços para a imaginação do ouvinte, sem, no entanto, afetar a compreensão –; e *vídeos* – em que o relato visual dos acontecimentos confere dramaticidade aos fatos, principalmente em casos de flagrantes de crimes ou cenas pouco usuais.

Para Elias Machado (2003), o momento evolutivo do *webjornalismo* pressupõe a compreensão de que a tecnologia representa a possibilidade de criação de um formato distinto de jornalismo, “em que todas as etapas do sistema de produção de conteúdos – desde a apuração até a circulação – são circunscritas aos limites do ciberespaço” (MACHADO, 2003, p.35). Neste

novo formato, as notícias seriam produzidas desde o início em um ambiente virtual, e neste mesmo ambiente seriam veiculadas.

Quanto ao texto das notícias destinadas à publicação em *sites*, Moherdaui (2000) recomenda que não sejam extensos – para caber em uma só tela de computador –, tenham frases e parágrafos curtos – para dar velocidade à leitura –, sejam encadeados por *links* – para permitir diversos níveis de informação –, além, é claro, de apresentarem temas variados e com atualização veloz.

Os recursos multimídia disponíveis condizem a um novo planejamento da redação jornalística quando esta é voltada para a publicação na Internet: o texto na *web* não é alterado, o que muda é a relação com o seu entorno, visto que os recursos multimídia e a possibilidade de *linkar* reportagens sobre o mesmo tema ajudam a contextualizar a notícia. O desafio é organizar e apresentar o conteúdo de forma atraente para os leitores/internautas.

É neste ponto que reside um dilema: à objetividade dos texto publicados nos *sites* de notícias, se opõe a inexistência de espaços limitados. No jornalismo impresso, todos os elementos de uma notícia são trabalhados para encaixarem-se no espaço restrito de uma página: textos devem ser cortados e geralmente uma única foto é eleita para ilustrar o fato. Na *web*, pelo contrário, não há restrição de espaço para a disponibilização de conteúdos: ainda que dinâmico e fragmentado, o conteúdo completo – que compreende textos, fotos, áudios e vídeos – de uma notícia pode ter a extensão desejada pelo leitor, que navega por *hiperlinks* e decide seu roteiro de leitura.

Para o fotojornalismo, a valorização das imagens em veículos *online* representa uma libertação em relação ao espaço de publicação. No início da trajetória do fotojornalismo, o peso do equipamento e a complexidade do processo fotográfico reduziam a produção a uma única imagem que deveria ser representativa para o momento. Após a evolução tecnológica que permitiu a utilização de câmeras de pequeno formato e com filmes 35mm, os fotojornalistas passaram a contar com a possibilidade de produzir uma quantidade muito maior de imagens, que tinham espaço para publicação em grande número nas revistas ilustradas. Hoje, o fotojornalismo nos jornais

impressos volta a ter a necessidade de que todo o significado do acontecimento esteja condensado em uma única imagem, uma vez que foto e texto disputam um espaço valioso nas páginas do jornal. Esta imagem é selecionada pelo editor de fotografia entre dezenas – muitas vezes, centenas – de fotos produzidas com a facilidade da tecnologia digital. Com o ambiente infinito da *web*, o fotojornalismo novamente encontra espaço para a publicação de várias imagens em uma pauta jornalística. Para a imagem destinada à capa de *zerohora.com*, por exemplo, o princípio é o mesmo do jornal impresso: escolhe-se uma foto que condense em si todo o significado da notícia retratada. Mas no interior na notícia, galerias de fotos ou *audioslides*[13] utilizam-se da variedade do material produzido pelo fotógrafo, com diferentes ângulos e detalhes, para ilustrar ainda melhor o fato noticiado. Vendo-se frente a uma grande variedade de imagens, o internauta também participa do processo de edição, navegando pelo material e escolhendo sua imagem favorita.

Sendo assim, o segredo está em combinar recursos multimídias e texto sem transformar a notícia em uma "salada de *links*", que confunde o internauta em vez de conduzi-lo. Ou seja, o texto deve ser correto, as imagens devem ter resolução compatível com a *web*, as chamadas devem ser esclarecedoras, os *links* devem funcionar e a página não deve pesar[14] mais que o estritamente necessário.

Pensar em uma pauta *online* é pensar em uma reportagem tridimensional, na qual recursos de vídeo e áudio se misturam aos textos de apoio e fotos, tudo em um mesmo plano, sem a linearidade do papel. Até o fechamento diário, no jornalismo impresso, são realizadas várias reuniões de pauta. Esta sistematização gradualmente define uma identidade do jornal.

[13] Recurso que utiliza fotos em movimento, aliados a um áudio explicativo, que pode ser o som ambiente ou uma entrevista

[14] Os recursos multimídia – principalmente fotos, vídeos e animações – deixam a página de Internet mais "pesada". Quanto maior for o peso da página, mas tempo ela demora para carregar na tela do internauta, principalmente quando este possui uma conexão de pouco veloz – que envia/recebe uma baixa quantidade de bits por segundo. Levando-se em consideração o fato de que a Internet é um meio marcado pela dinamicidade, uma página que demore muito tempo para carregar repele o leitor, ao invés de atraí-lo.

Entretanto, ao ingressar no mundo *online*, o jornalista depara-se com a ditadura da velocidade, sem ter tempo de discutir pautas. É por isso que reportagens especiais para a publicação *online*, na maioria das vezes, são trabalhadas em paralelo com as notícias do dia-a-dia.

A atualização constante é essencial para o *webjornalismo*: a dinâmica do jornalismo *online* é ditada pelos acontecimentos que merecem ser noticiados, por isso ele não apresenta uma periodicidade fixa, como acontece no jornalismo impresso. Por exemplo: em uma madrugada que aconteça uma tragédia grave em uma rodovia gaúcha, o fluxo de matérias e atualizações publicadas em *zerohora.com* pode ser igual ou até mesmo maior do que todo o dia, período em que geralmente o plantão de notícias é atualizado com mais freqüência.

O dinamismo do jornalismo *online* modificou até mesmo o sentido do furo de reportagem[15], como destacam Marangoni, Pereira & Silva:

> Quando é o jornal impresso diário que dá um furo, ele o manterá sobre os outros jornais durante o dia todo; uma revista semanal terá um período de tempo de uma semana, e assim por diante. Já na mídia *online* isso não ocorre. Quando um site dá uma notícia em primeira mão, em poucos minutos, os outros já se apropriam da informação sem, em alguns casos, dar o crédito (Marangoni, Pereira & Silva, *apud* PINHO, 2003, p.51-52)

Para Miranda (2004), entretanto, a pressa que dita o ritmo do jornalismo *online* pode fazer com que o processo de edição, central no jornalismo, arrisque-se a acontecer sem reflexão, o que esvazia seu sentido. Já Ferrari (2004) afirma que achar que o mais importante é oferecer as últimas notícias o mais rápido possível é um grande equívoco:

> [na *web*] os leitores raramente percebem quem foi o primeiro a dar a notícia – e, na verdade, nem se importam com isso. Uma notícia superficial, incompleta ou descontextualizada causa péssima impressão. É sempre melhor colocá-la no ar com qualidade, ainda que dez minutos depois dos concorrentes (FERRARI, 2004, p.49).

[15] Notícia importante publicada em primeira mão por uma emissora de TV, rádio ou jornal, antes de seus concorrentes.

As características aqui apontadas poderão ser observadas no estudo de caso apresentado no próximo capítulo.

3.4 *Zerohora.com*

O crescimento da Internet como ferramenta de comunicação fez com que muitas empresas jornalísticas passassem a adaptar seus conteúdos para a *web*. Atualmente, estas empresas não apenas reproduzem na Internet parte do material já disponibilizado em seus canais tradicionais, como também ofertam conteúdos diferenciados.

O Grupo RBS iniciou esse processo ainda em 1996, quando seus dois principais jornais – Zero Hora e Diário Catarinense – começaram a ser disponibilizados *online*. Durante um ano, *ZH Digital* funcionou sob o modelo de *transposição*, uma vez que eram disponibilizados somente os conteúdos publicados na edição impressa do mesmo dia, com atualização a cada 24 horas. Foi a partir de 1997 que teve início um pequeno serviço de últimas notícias, denominado *ZH Agora*. Este sistema se manteve até 3 de julho de 2000, quando entrou no ar o portal *clicrbs*, que preservou a digitalização diária do jornal e aperfeiçoou a publicação de notícias atualizadas, com uma equipe exclusiva, divisão do conteúdo em editorias e *layout* diferenciado. Com a chegada em 19 de setembro de 2007 do *site www.zerohora.com*, o principal jornal do grupo ampliou a sua gama de recursos, disponibilizando e produzindo conteúdo específico para a *web*, concomitantemente à produção de conteúdo para o jornal impresso.

Aproveitando as inovações proporcionadas pela Internet – a possibilidade de oferecer um produto informativo diferenciado pela maior customização e participação do leitor, que se torna internauta –, *zerohora.com* (figura 1) explora a linguagem eletrônica em todas as suas possibilidades, com interatividade, áudios, vídeos, fotos, infográficos animados e outros recursos adicionais que atraem o leitor do jornal impresso também para o *site*.

A versão *online* do jornal também é considerada pelos editores de Zero Hora uma possibilidade de atrair jovens internautas para a leitura de notícias[16].

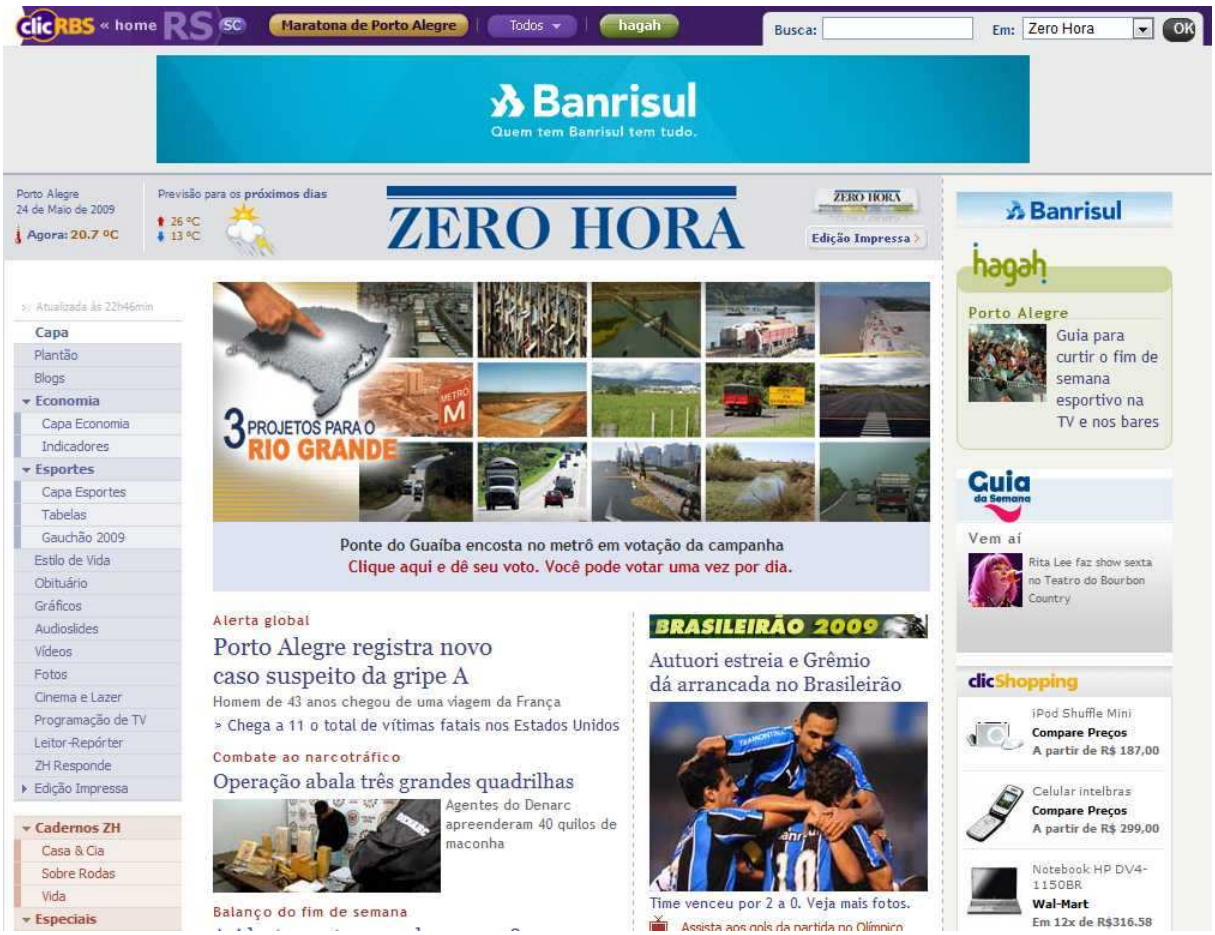

Figura 1 - Capa do *site www.zerohora.com*

No caso específico de Zero Hora, a criação de uma redação *online* gerou grande impacto sobre a redação "offline": ainda que o *site* não substitua o impresso, há sempre um reposicionamento, a partir do momento em que as duas mídias passam a conviver. À redação do jornal impresso foi adicionada uma nova equipe, com editores, repórteres e infografistas voltados exclusivamente para a criação de conteúdos para o *site*.

[16] Segundo estudo realizado pelo instituto de pesquisa Ipsos Marplan no primeiro semestre de 2008, o perfil dos usuários de *zerohora.com* divide-se em 37% de mulheres e 63% de homens. A faixa etária com maior representação é de 20 a 29 anos. Levando-se em consideração o poder aquisitivo, as classes A e B formam 82% da audiência.

O editor-chefe de *zerohora.com*, Pedro Dias Lopes, participa das reuniões de pauta do jornal impresso, propondo interações e recursos multimídia para serem disponibilizados no *site*, um planejamento que, segundo ele, é herança do jornalismo impresso:

> a primeira coisa que trouxemos do jornal para o *site*, em função de várias das pessoas no *online* serem originárias de jornal impresso, é a questão de tentar, de alguma forma, planejar a edição do dia seguinte. Isso pode parecer absurdo em *web*, mas bem ou mal é o que se faz aqui. Ao contrário da maioria dos *sites*, a gente tenta no outro dia, ou ainda ao longo do dia, ter no *site* algo que seja efeito de uma conversa, de um planejamento. Seja uma matéria, seja um vídeo, seja um infográfico animado, ou toda uma cobertura que foi planejada com antecedência. Isso é típico do jornalismo impresso.

Embora as redações de Zero Hora e *zerohora.com* sejam integradas, na porção *online* do jornal não há uma "hora do fechamento", também conhecida como *deadline*, um momento em que todas as páginas devem estar prontas para a impressão do jornal. O fechamento em *zerohora.com* acontece a cada momento em que chega uma nova notícia, e esta deve ser publicada sempre da forma mais completa, o mais rápido possível. Além das matérias atualizadas em regime *24x7* (24 horas por dia, sete dias da semana), o *site* disponibiliza gráficos, vídeos e galerias de fotos sobre os assuntos de maior destaque no dia ou semana.

Não só os resultados, mas também os padrões de produção da notícia são afetados pela nova dinâmica da produção jornalística. A passagem para o *online* representa a digitalização e convergência de vários formatos (vídeo, áudio, texto) numa solução tecnológica para a distribuição de um produto único, o que requer do profissional capacidade ampliada para processar todos esses materiais. Esta necessidade, segundo Bolaño (2006), resulta em "um amplo processo de desqualificação e re-qualificação, em detrimento do instrumental crítico, anteriormente vinculado à formação desses profissionais".

Para repórteres e editores, a criação de um *webjornal* os transforma em produtores de conteúdo, visto que sua produção baseia-se quase totalmente em material de agência de notícias e *flashes* de outros *sites* ou informações

enviadas pelos repórteres do próprio jornal. No caso dos repórteres fotográficos, o trabalho segue sendo o mesmo, com a ressalva da necessidade de atualização constante e, portanto, do envio ágil de imagens para o *site*. Em Zero Hora, entretanto, os fotógrafos passaram a agregar também o papel de cinegrafistas, registrando imagens em vídeo para o *site* quando saem da redação para pautas especiais – programadas ou não.

Neste capítulo, foi possível perceber a consolidação da Internet como meio de comunicação, o histórico do *webjornalismo* e as suas características em relação ao jornalismo impresso. Também introduzi brevemente o *site* *www.zerohora.com*, que será objeto do estudo de caso do presente trabalho.

No próximo capítulo, será feita a apresentação e análise do canal Pelas Ruas de *zerohora.com*, nos aspectos que aqui me interessam – observação do cruzamento atual do jornalismo impresso e *online* produzidos na redação de Zero Hora; o jornalismo *online* na produção de pautas que se impõem ao jornalismo impresso e o protagonismo da fotografia sobre o texto (a fotografia dando origem ao texto) Para tanto, utilizarei instrumental oriundo da pesquisa qualitativa.

4 ESTUDO DE CASO – O FOTOJORNALISMO EM *ZEROHORA.COM*

Neste capítulo, apresentarei a utilização da fotografia no *site* *zerohora.com*, utilizando como principal exemplo o canal Pelas Ruas, cujas pautas norteiam-se de imagens fotográficas[17], bem como o aproveitamento deste material na edição impressa do jornal. Para tanto, utilizei como base diretrizes da pesquisa qualitativa[18] tais como entrevistas e observação participante. Durante o estudo foram utilizadas algumas orientações oriundas da análise de conteúdo[19] para a seleção das pautas, que me auxiliaram na observação, organização e caracterização do material pesquisado.

A escolha de *zerohora.com* como objeto deste estudo se deu em função da grande influência política e social do periódico no Rio Grande do Sul. Há, ainda, outros dois fatores que motivaram esta escolha: a proximidade – como profissional da versão *online* de Zero Hora, tenho acesso facilitado ao material produzido e aos profissionais envolvidos no processo – e ao pioneirismo de Zero Hora – por ser o primeiro jornal do Estado a produzir conteúdos exclusivamente para o meio *online*, de forma paralela à versão impressa.

Foram entrevistados o editor de fotografia do jornal, Ricardo Chaves, o editor-chefe de *zerohora.com*, Antônio Pedro Dias Lopes, e Ronaldo Bernardi, fotógrafo responsável pela produção de fotos e vídeos para a seção Pelas Ruas.

Para o *corpus* da pesquisa, após análise preliminar do meio, foram selecionadas as pautas publicadas no canal Pelas Ruas de *zerohora.com* no

[17] O que, de certo modo, motivou a escolha e confirma a relevância dada à fotografia no jornalismo praticado em Zero Hora, *cf* MORAES (2006) e GONÇALVES (2008).

[18] Segundo Flick (2004, p.103-107), o campo de aplicação clássica da *Grounded Theory* é a pesquisa de campo na qual o próprio pesquisador é envolvido, geralmente por meio da observação participante. A *Grounded Theory* é recomendada, especialmente, quando o objeto de estudo é novo e ainda não pesquisado.

[19] FLICK, 2004, p.114-121

mês de janeiro de 2009, totalizando 26 matérias (anexo 5). Ressalto que o que norteou a pesquisa foi apontar os usos da fotografia em *zerohora.com* a partir do aproveitamento das pautas da *web* no jornalismo impresso e apontar, a partir da escolha do Pelas Ruas, o protagonismo da imagem fotográfica em Zero Hora – protagonismo este que será possível observar na fala dos entrevistados e me levou a um aprofundamento no trato da editoria de fotografia no jornal.

4.1 A editoria de fotografia em Zero Hora e *zerohora.com*

Com uma equipe formada por 17 fotógrafos e três auxiliares, a editoria de fotografia de Zero Hora prima pela qualidade do material publicado. Ainda assim, segundo Ricardo Chaves, editor de fotografia do jornal, há uma dificuldade em imprimir uma unidade editorial e de qualidade em todas as fotografias, uma vez que as imagens publicadas em Zero Hora – impressa e *online* – têm origem em diversas fontes além dos fotógrafos da equipe, como agências, divulgação e os próprios leitores. Esta variedade de fontes fez com que a importância dada à qualidade da imagem se flexibilizasse dentro do jornal.

> Em Zero Hora nós procuramos não ter preconceito contra nenhum tipo de imagem, ou seja, não usar valores anacrônicos para julgar uma fotografia, do tipo: “a cabeça está cortada” ou “não tem pé”. A foto pode não ter cabeça, não ter pé, estar tudo cortado e ser ótima! [...] A imagem funciona ou não funciona independente de ter ou não pé, braço, a cabeça estar cortada ou não. E, na Zero Hora de hoje, conseguimos que as pessoas tenham essa sensibilidade de não ficar usando esses parâmetros totalmente defasados, anacrônicos, para julgar uma imagem. Então ela pode estar desfocada: as pessoas estão acostumadas a ver isso no cinema, o foco sai do primeiro plano, vai para o último, não precisa estar tudo em foco, tudo nítido, tudo enquadrado, não. A fotografia é um recorte de uma realidade e deve ser entendida como tal.

Se sobre a fotografia digital Sousa (2004) afirmou que aumenta a pressão do tempo sobre o fazer fotojornalísco, o que dizer sobre a produção fotográfica para jornais *online*?

Com a estreia de *zerohora.com*, a rotina da editoria sofreu alterações, ao passar a atender também pautas que geralmente não interessariam ao jornal impresso por sua perecividade, como uma chuva rápida de fim de tarde, a torcida chegando ao estádio antes de um jogo ou um semáforo queimado. São assuntos que

> a curto prazo interessam, a médio prazo seriam irrelevantes e a longo prazo não teriam a menor importância. Do tipo: está chovendo agora na cidade, para o *online*[20] interessa colocar uma foto no *site*, porque está chovendo agora. Para o jornal impresso, só interessa se está previsto que vai chover muito amanhã, ou já está chovendo há três dias. [...] O *online* é crivado de irrelevâncias e nós temos que estar a serviço dessas irrelevâncias: [...] em uma partida de futebol, temos que fotografar a torcida chegando ao estádio só para alimentar o *online*, quando eu acho que a foto de torcida poderia ser uma baita foto, uma foto histórica: um torcedor chorando depois de o Brasil perder para a Itália na classificação da Copa, uma foto que foi capa da Folha da Tarde, de página inteira. Essa é a foto de torcida que me interessa. Tudo bem, não é todo o dia que vamos conseguir fazer uma foto dessas. Eu entendo que o leitor do *site* tem que ser informado de que as pessoas já estão chegando ao estádio, que está chovendo e que a sinaleira da rua *tal* está queimada. Só que daqui a cinco minutos, a EPTC vai lá e troca a lâmpada. O *online* cumpriu seu papel, a foto cumpriu seu papel, o fotógrafo cumpriu seu papel. Mas é uma vida muito curta para a fotografia .

Ao contrário da equipe que escreve as notícias para Zero Hora e *zerohora.com*, que são distintas, dentro da editoria de fotografia não há uma divisão entre os profissionais que trabalham exclusivamente para o jornal impresso ou para o *site*, uma vez que a mesma pauta fotográfica é, na maioria das vezes, aproveitada nos dois veículos. Mesmo o fotógrafo Ronaldo Bernardi, responsável pela produção de fotos e vídeos do canal Pelas Ruas, faz parte da escala de fotógrafos de Zero Hora, se envolvendo em pautas e coberturas demandadas exclusivamente pelo jornal impresso.

As imagens destinadas ao uso no *site* chegam à redação de três maneiras: pela produção dos fotógrafos e repórteres de ZH – que enviam as fotos via e-mail ou FTP, ou, quando chegam da rua com o material,

[20] Dentro da redação de Zero Hora, editores, repórteres e fotógrafos referem-se ao jornal Zero Hora como "impresso" e ao *site zerohora.com* como "*online*".

disponibilizam na rede ou no Telescope[21] –, por divulgação – *sites* de agências e *releases* recebidos por e-mail – e, por último, pelas ferramentas de participação dos leitores.

No caso das imagens produzidas pelos fotógrafos da equipe de Zero Hora, a escolha entre qual das formas disponíveis será feito o envio das imagens à redação depende da quantidade de imagens e da urgência com que esta foto deve entrar no *site*. Para exemplificar, cito o caso de um grande acidente de trânsito, como o ocorrido no dia 8 janeiro deste ano, em que o motorista de um ônibus sofreu um mal súbito, perdendo o controle do veículo, que subiu em uma calçada e bateu em um prédio no Centro de Porto Alegre, incendiando em seguida. Assim que chega ao local, o fotógrafo deve enviar o quanto antes uma imagem para ser utilizada no *site*. Por isso, a primeira imagem geralmente é feita com a câmera fotográfica do celular, e é enviada à redação pelo próprio aparelho, por e-mail. Esta primeira fotografia mostra um plano geral do acontecimento. Assim que produzir novas imagens, o fotógrafo as descarrega no *notebook* e envia para a redação em lotes, via FTP. Neste momento, uma nova foto é escolhida para estampar a capa do *site*, e já começam a ser selecionadas imagens para uma galeria de fotos[22]. Estas imagens têm melhor resolução e já apresentam novos ângulos do acontecimento.

A necessidade de que as fotografias cheguem o quanto antes à redação, entretanto, é uma demanda anterior ao *site*, destaca Chaves:

> Eu mesmo, como editor de fotografia de um jornal, já disse para meus fotógrafos de forma absolutamente cínica: "vamos lá, foto boa é foto cedo!". Eu sei que foto boa não é foto cedo, foto boa é foto boa. Mas um editor de fotografia também às vezes precisa da foto

[21] Banco de imagens utilizado por Zero Hora que arquiva todas as fotos produzidas pelos fotógrafos e disponibilizadas para utilização no jornal impresso. No Telescope, as imagens são indexadas com informações como data, local, fotógrafo, descrição das imagens e palavras-chave, para facilitar a localização destes arquivos posteriormente.

[22] Quando as imagens representam casos mais urgentes ou dinâmicos, como desastres e jogos de futebol, há preferência por utilizar a galeria de fotos – e não *slideshows* ou *audioslides* – para disponibilizar várias imagens ao internauta, uma vez que sua produção e atualização é mais ágil. *Slideshows* e *audioslides* começam a ser produzidos mais tarde, quando já há uma quantidade significativa de imagens disponíveis no *site*, e funcionam como uma consolidação/repercussão da pauta.

> cedo, porque muitas vezes o jornal está fechando[23], não dá para esperar até terminar o jogo [de futebol] para, só depois, rodar o jornal. O assinante que mora em Uruguaiana também tem direito de receber o jornal o mais atualizado possível, o mais rápido possível. Mesmo sendo fotógrafo, eu tenho que assumir os valores do jornalismo e ser um fotojornalista o mais competente possível.

Dias Lopes conta de que forma esta necessidade de velocidade no fotojornalismo foi potencializada pelo *online*:

> Hoje há uma preocupação maior com a transmissão deste material, por exemplo: antes era muito difícil conseguir que uma segunda pessoa acompanhasse os fotógrafos só para ajudar na transmissão deste material, coisa que agora acontece com freqüência [...] nas coberturas de grandes eventos, como a Expointer. Quem sabe o volume de fotos que se produz em coberturas como essas, sabe que não tem como o próprio fotógrafo transmitir em tempo hábil por isso se prevê a presença de uma pessoa que auxilie nesse processo, sem sobrecarregar o profissional.

Cabe lembrar que, uma vez que os fotógrafos não trabalham de forma exclusiva para o *site*, além de abastecer a redação *online*, também necessitam produzir fotografias que possam "vender" para utilização na capa ou contracapa do jornal. Quando retornam à redação, há um grande volume de fotografias, que passarão por uma seleção prévia antes de serem indexadas no Telescope – o que leva certo tempo que, muitas vezes, o *online* não tem como esperar. Por isso, assim que descarrega o material em sua estação de trabalho, o fotógrafo disponibiliza na rede a íntegra das imagens capturadas naquela pauta, para serem selecionadas pelos editores do *site*, adicionadas na galeria de fotos e selecionadas para a produção de *slideshow*, *audioslide* e/ou vídeo.

Entretanto, em casos de pautas que não recebam uma cobertura completa no *site*, como um protesto, por exemplo, muitas vezes o assunto se esgota antes mesmo que as melhores fotografias cheguem à redação, e a notícia termina seu ciclo na capa do *site* apenas com aquela primeira fotografia, enviada por celular.

No caso deste acidente utilizado como exemplo, os fotógrafos chegaram ao local após o acidente, quando as vítimas estavam sendo socorridas e o fogo

[23] Finalizando as páginas para enviar à rotativa para a impressão da edição.

era combatido pelos bombeiros. Junto com a primeira matéria publicada no *site* sobre o assunto, somente com o texto informando sobre o acidente, ainda sem foto, foi incluído um *hiperlink* convidando os leitores que testemunharam o ocorrido a enviarem imagens – fotos ou vídeos – do momento via Leitor-Repórter, uma vez que estas não poderiam ser recuperadas pelos fotógrafos de ZH, e o acidente aconteceu em um local com trânsito intenso de pessoas, que provavelmente teriam registrado o momento com seus celulares ou câmeras digitais.

Mas a nova rotina da editoria de fotografia após o lançamento de *zerohora.com* também representou um acúmulo de funções, uma vez que, além de fotografar, os profissionais passaram a também gravar vídeos para disponibilização no *site*. Segundo Chaves, este é um aprendizado importante, porém,

> não acho que seja possível chupar cana e assobiar ao mesmo tempo e fazer as duas coisas bem. Depende também do grau de exigência, de onde se quer chegar. Você ainda não consegue fotografar e filmar ao mesmo tempo. Mas esta preocupação vai existir por muito pouco tempo, porque se você conseguir filmar com qualidade um acontecimento e conseguir selecionar um frame que interessa como fotografia para o jornal impresso, esse problema acabou, e fica até mais fácil escolher o frame, o momento desejado. Isso hoje ainda não se faz com qualidade, imagina quando der para fazer isso com qualidade? Você vai poder filmar tudo e depois escolher o melhor ângulo. Os fotógrafos deixarão de ser fotógrafos, passando a ser uns carregadores de câmera, [...] com autonomia quase zero, pois é o editor que escolhe o frame. Mas ainda vai continuar existindo o fotógrafo, que teve a idéia da pauta, que escolheu o enquadramento, que vai continuar dando o seu toque às fotos, deixando-as autorais.

Para serem utilizadas no *site*, todas as fotografias passam por uma série de reenquadramentos. Em *zerohora.com*, são no mínimo 10 tipos diferentes de cortes (anexo 4) que a imagem recebe, dependendo da importância do assunto e, conseqüentemente, da posição que ocupará na capa do *site*. Assuntos mais importantes aparecem no topo da página, com fotos maiores. Entre os cortes de capa de *zerohora.com* (figura 2), os horizontais aparecem com mais freqüência, ficando os cortes verticais destinados a fotografias em que o corte horizontal não se adapta.

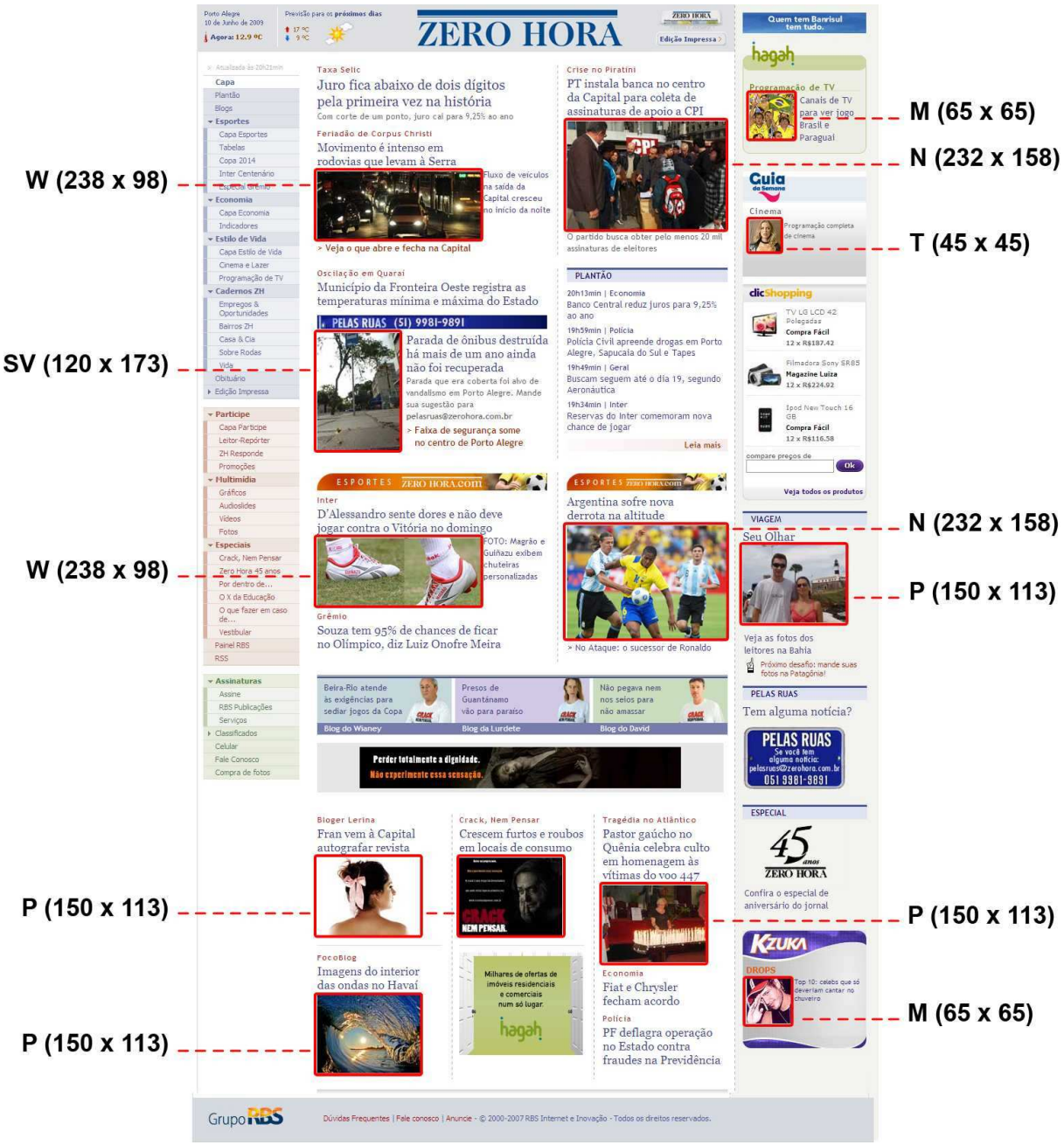

Figura 2 - Exemplos de cortes de fotos utilizados na capa do *site*

Entretanto, toda esta agilidade e abundância de imagens não é sinal representativo de qualidade na edição das fotografias. O fotojornalismo impresso convencionou um critério maior na seleção fotográfica, e estes critérios são derrubados pela *web*, uma vez que não há número limitado para a publicação de imagens, o que torna a imagem perecível, como relata o editor-chefe de *zerohora.com*:

> Logo tu não tens mais aquela preocupação tão grande em cortar bem aquela foto, tu queres é colocar aquela foto no ar. Essa é a realidade. É claro que o ideal é que a foto vá para o ar o mais rápido possível, com o melhor corte possível, e de todas as imagens feitas pelo do fotógrafo, a melhor seja utilizada para passar aquele assunto. Mas isso acaba não acontecendo na prática, por questão de operação. [...] em função da ilimitação de espaço da *web*, a fotografia passou a ter uma importância maior em termos de quantidade, e talvez não tão criteriosa em termos que qualidade. Porque enquanto você precisa de um debate extenso para definir uma foto de capa do jornal, por exemplo, no *online*, a possibilidade que se tem de colocar várias fotos e a quase que obrigação de "girar" aquela foto na capa, para não parecer que o *site* está estático, você acaba nem sempre dando a devida solenidade à fotografia. Isso acontece, de fato. Então, tu faz uma galeria com dez fotos, por exemplo, e vai alternando aquelas fotos na capa. Se é melhor deixar uma só daquelas fotos, se aquela foto está no melhor corte, é uma discussão que no dia a dia a gente não tem, e que no impresso se tem todo o tempo.

Nas matérias (figura 3), há um campo para a inserção de fotos, com largura fixa e possibilidade de variação na altura da imagem. Clicando-se sobre a foto, esta abre em tamanho maior.

Figura 3 - Exemplos de cortes de fotos utilizados nas matérias

Ao contrário do jornal impresso, em que é necessário selecionar apenas uma fotografia que represente melhor o acontecimento, em *zerohora.com* é necessário atualizar a capa com freqüência. Um mesmo assunto pode permanecer na capa do *site* durante muitas horas, mas a imagem que serve de chamariz acompanhando a manchete é alterada várias vezes, para a capa não ficar congelada. Esta, segundo Dias Lopes, é a grande diferença entre uma foto de capa do jornal impresso e do *site*:

> agora não tem mais "a" foto, tem "as" fotos, durante um período do dia. Isso eu acho que eles [os fotógrafos de Zero Hora] ainda não se acostumaram. "Por que é esta foto que está na capa e não outra"? Porque esta foto está ali por um tempo, depois será trocada por outra, a capa tem que girar, não pode ficar congelada o dia inteiro com uma mesma imagem, ainda que seja uma grande imagem. Então o fotógrafo não está acostumado ainda a te vender várias fotos para ir colocando na capa, uma por vez. Eles ainda apostam em uma só foto, como no impresso. Mas isso é só uma questão de mudança de cultura.

No *online* há ainda a possibilidade de agrupar várias fotos de forma que facilite a visualização de mais de uma imagem sobre o mesmo assunto. As fotos podem ser agrupadas em formato de *galeria* – seqüência de até cem fotos em que o leitor pode navegar pelas imagens –, *slideshows* – seqüência de fotos animada, em que as imagens passam de forma automática, após um tempo predeterminado e é possível inserir efeitos de aproximação e movimentação nas imagens –, e *audioslides* – seqüência de fotos que passam com tempo predeterminado, com possibilidade de movimento e acrescidas de um áudio que acompanha a passagem das fotos, podendo ser um comentário sobre o assunto, uma trilha ou o som ambiente do local em que foram feitas as fotos. As fotografias também podem integrar os *infográficos*, uma combinação de textos e elementos visuais que facilitam o entendimento de um fato, produzidos com *softwares* de animação.

Estes novos usos para a fotografia representam, segundo Chaves, uma oportunidade e um desafio para o fotógrafo:

> é mais uma forma – e uma plataforma – de você veicular o seu trabalho. Eu não sei quem é que tem tempo de ler todos esses blogs, ver todas essas fotos e vídeos, é uma loucura o que tem de material

> à disposição na Internet. Hoje o desafio, já não e nem você ter uma equipe que produza o melhor material, o desafio é você encontrar onde está a melhor foto que alguém já fez.

Os fotógrafos, por sua vez, passam a interessarem-se mais pela escolha das fotografias utilizadas em *zerohora.com*, como conta Dias Lopes:

> Há uma preocupação [por parte dos fotógrafos] em participar da edição das imagens que vão para a galeria de fotos. Se eles fizerem trinta fotos, eles querem saber porque as dez fotos que estão na galeria são aquelas, e não as outras, ou seja, eles estão interessados em participar deste processo de edição, eles querem entender como é feita essa edição.

Desta forma, o jornalismo *online* em *zerohora.com* propicia uma maior participação do fotógrafo nas escolhas das imagens que serão utilizadas no *site*. As fotografias produzidas para uso em *zerohora.com* têm como valor-notícia de maior peso a velocidade – principalmente nos casos de pautas "efêmeras", com curta relevância. No caso do *site*, foto boa é, sim, a foto que chega antes à redação, pois é ela que será disponibilizada na capa do *site* para representar aquele assunto. Como foi possível notar na fala dos editores entrevistados, esta necessidade de rapidez na produção e disponibilização das imagens, aliada à possibilidade de utilização de mais de uma imagem no *site*, causa uma valorização das fotografias em relação à quantidade, e não necessariamente à qualidade. Uma manchete na capa do *site*, e até mesmo uma matéria, terá mais valor, será considerada mais completa se tiver uma ou mais imagens a ela relacionadas.

4.2 Pelas Ruas

A escolha do canal Pelas Ruas como protagonista deste estudo se deu por (1) tratar-se de um espaço em que a fotografia origina as matérias; (2) ser um canal pautado primordialmente pelos leitores do *site* e que, por isso, (3) aborda em suas pautas problemas e locais da cidade de Porto Alegre, mais próximos ao cotidiano do internauta.

O Pelas Ruas é um canal de notícias de *zerohora.com* que teve início em 30 de outubro de 2008, inspirado no modelo semelhante de um jornal norueguês, como conta Dias Lopes:

> O Ronaldo Bernardi [fotógrafo da equipe de Zero Hora] queria ficar solto na rua atrás de pautas, há muito tempo ele brigava por isso. Então, quando o Ricardo [Stefanelli, diretor de redação de Zero Hora] conheceu um modelo semelhante em um seminário nos Estados Unidos, viu uma ótima oportunidade de contemplar essa personalidade do Ronaldo. Porque para fazer esse tipo de trabalho tem que ser alguém com uma personalidade inquieta, curiosa, e também não pode ser alguém muito seletivo. Não pode ser uma pessoa que vá fazer a pauta já pensando no retorno que ela vai dar, que só pensa em matérias que vão dar muito retorno. Porque se ele for fazer uma pauta sobre um buraco de rua e achar isso uma grande bobagem, a pauta já nasce morta. Então o perfil tem que ser de uma pessoa que está disposta a fazer tudo, independentemente se for um buraco de rua, um poste caído ou um cágado matando uma pomba, um incêndio, um grande acidente. Se a matéria render, maravilha, mas a pessoa faz as pautas sem necessariamente estar pensando na capa do jornal.

No modelo original, um repórter circula pela cidade, com seu número de telefone à disposição dos leitores. No Pelas Ruas o modelo foi alterado, uma vez que é um fotógrafo, e não um repórter que registra as pautas sugeridas para o canal. Ronaldo Bernardi percorre a cidade munido de câmera fotográfica, filmadora, *notebook* – para transmissão imediata das fotos – e um motorista que o acompanha durante todo o dia. Segundo o editor chefe de *zerohora.com*, por essa disponibilidade, o fotógrafo acaba produzindo material não só para o Pelas Ruas, mas também para o dia a dia do jornal, uma vez que estando em uma unidade móvel, se desloca com mais facilidade para os locais das pautas:

> O Ronaldo não é pautado só pelo leitor. Se eu vejo um incêndio, como eu sei que ele já está na rua, com um carro, e está livre de outras pautas, eu sei também que vai chegar mais rápido no local, então eu mando ele para cobrir.

Na rotina diária do Pelas Ruas, grande parte das matérias é sugerida pelos leitores, por meio de um número de telefone ou do e-mail do canal, que permanecem 24 horas na capa de *zerohora.com*. Há também pautas que surgem da observação do fotógrafo ao que acontece à sua volta.

Nestas pautas, a ordem convencional da produção de conteúdos para *zerohora.com* se inverte: após produzir as imagens, o fotógrafo as envia à redação, onde um repórter apura as informações e redige o texto que acompanhará as fotos no *site*; quando o fluxo mais comum é primeiro o repórter apurar a informação para, em seguida, solicitar que um fotógrafo vá até o local registrar o acontecimento.

Por serem demandas dos próprios leitores, as matérias publicadas no Pelas Ruas são muito próximas do cotidiano dos internautas. A possibilidade que o leitor tem de reconhecer no *site* locais e problemas que fazem parte de sua rotina é um diferencial, e reforça também na *web* o localismo a que se propõe Zero Hora. Segundo Dias Lopes,

> o leitor acaba sendo bombardeado por milhares de imagens diariamente, em vários *sites*. Então se tu puderes, no meio desse mar de imagens, fugir das fotos de agência, que todos os *sites* vão ter, e investir em fotos locais, ponto para ti, para o teu *site*, que tem um diferencial.

Abordando temas diversos, as matérias publicadas no Pelas Ruas, em sua maioria, são consideradas notícias "irrelevantes" quando analisadas sob parâmetros de uma pauta direcionada para o jornal impresso, como conta o editor-chefe de *zerohora.com*:

> Primeiro, tem essa questão de [a Internet] ser perecível, então ninguém vai morrer por tu colocares uma foto de um buraco de rua na capa do *site*. Nunca um buraco de rua, a menos que seja uma cratera gigantesca, vai estar na capa da Zero Hora. Esse é o, digamos, lado ruim da história. O lado bom é que a *web* e o jornalismo participativo fazem com que o jornalismo volte a se aproximar das questões cotidianas, que muitas vezes são mais importantes para as pessoas do que os assuntos que nós, como jornalistas, costumamos supor que as pessoas acham importante. [...] E na *web*, três parágrafos sobre um velhinho plantando alface em um viaduto pode ser muito mais interessante para o leitor do que uma matéria com *hiperlink*, *infográfico* e galeria de fotos sobre um teste nuclear na Coréia do Sul.

É por meio desta permissividade da *web* – de publicar assuntos em tese pouco importantes – que o jornal se reaproxima do dia a dia dos seus leitores. Estes temas, aparentemente irrelevantes, são naturalmente curiosos, inusitados e até mesmo exclusivos. As matérias resultam de um olhar

diferenciado, e, algumas vezes, de uma dica, podendo tornar-se *hits* de audiência, seja no papel, seja no jornal. Assim, segundo Dias Lopes, a produção constante de matérias sobre o cotidiano – e sua repercussão na *web* – acaba por conquistar mais espaço para estes assuntos também no caderno principal de Zero Hora, bem como nos cadernos de bairros[24], espaço tradicionalmente dedicado a abordar pautas locais das regiões de Porto Alegre.

> O localismo te mostra que muitas vezes o problema mais importante na vida de uma pessoa é o lixo que está se acumulando na frente da casa dela, isso te aproxima das pessoas. Então o principal mérito do Pelas Ruas, no *site*, e dos jornais de bairros, no impresso, é aproximar o jornal das pessoas, sair da redação e ir para mais perto do leitor.

Além de sugestões de pautas para o Pelas Ruas, os leitores de *zerohora.com* também podem enviar seus próprios textos e fotos para publicação no canal Leitor-Repórter. Para Dias Lopes, são duas formas distintas de participar da produção de conteúdo do *site*, que têm áreas de convergência, mas não se anulam.

> Se uma pessoa vê um incêndio, em vez de fazer uma foto, ir até sua casa, se cadastrar e enviar o material para o Leitor-Repórter, talvez ele opte por ligar para o Ronaldo. A grande diferença entre o Leitor-Repórter e o Pelas Ruas é que o Pelas Ruas vai fazer pautas que estão próximas das pessoas, mas que interessam a um universo um pouquinho maior, ainda que restrito. O Leitor-Repórter tem a ver com questões que são muito mais pessoais. A lógica do Leitor-Repórter é que o leitor faça uma coisa que nem o Pelas Ruas faria, muitas vezes não é nem uma notícia, mas um assunto que ele quer dividir com as outras pessoas. Mas como estamos falando de valores subjetivos, não tem como padronizar, colocar em caixinhas do Pelas Ruas e do Leitor-Repórter. O mesmo acontece com a restrição e seletividade do material do Pelas Ruas. De alguma forma as pessoas se sentem atendidas pelo Pelas Ruas porque passa muito pouco pelo crivo do editor. Neste sentido, o Pelas Ruas é até mais liberal que o Leitor-Repórter, por que quando tu vês a matéria já está no ar, enquanto com o Leitor-Repórter a pessoa precisa fazer um cadastro e o material enviado não é publicado imediatamente, ele passa por uma seleção antes de ir para o ar.

O Pelas Ruas é um canal valorizado na estrutura do *site*, uma vez que permanece 24 horas por dia na capa de *zerohora.com* (figura 4), na barra

[24] Zero Hora possui hoje oito caderno de bairros: ZH Moinhos, ZH Menino Deus, ZH Zona Sul, ZH Petrópolis, ZH Bela Vista, ZH Bom Fim, ZH Lindoia e ZH Centro.

localizada na lateral direita, em que estão disponíveis o selo do canal, acompanhado do número de telefone e e-mail para enviar sugestões de pautas. Por tratar-se de assuntos próximos aos leitores e geralmente inusitados, sempre que há uma matéria publicada, ela também recebe destaque entre as manchetes do *site*.

Figura 4 - Destaques de capa do canal Pelas Ruas

Como dito anteriormente, as pautas do Pelas Ruas abrem espaço para os assuntos do cotidiano também no jornal impresso. Sendo assim, algumas destas imagens e matérias acabam sendo reaproveitadas pela versão impressa de Zero Hora.

No período observado para a composição deste trabalho (de 1º a 31 de janeiro de 2009), foram publicadas em *zerohora.com* 26 matérias no canal Pelas Ruas (anexo 5). Para organizar o fluxo diário de matérias publicadas no canal, um *infográfico* (figura 5) foi criado para reunir todas as matérias e facilitar a busca por assuntos antigos.

Figura 5 - Infográfico agregador de matérias do canal

No levantamento preliminar ao corte temporal do *corpus* da pesquisa, foi possível observar o reaproveitamento das pautas publicadas no Pelas Ruas em três espaços específicos do jornal impresso:

– no *Informe Especial* – página dedicada a pequenas notas, possui um espaço para fotografias inusitadas ou de alerta/denúncia registradas tanto pelos fotógrafos de Zero Hora como pelos próprios leitores do jornal e do *site*. A fotografia é sempre acompanhada por um comentário do colunista ou do autor da imagem;

– na *Editoria de Geral* – editoria do jornal dedicada a cobrir pautas amplas, que abordam os fatos jornalísticos do cotidiano;

– nos *Cadernos de bairros* – cadernos dedicados às pautas locais dos bairros de Porto Alegre. São, no total, oito cadernos: ZH Moinhos, ZH

Menino Deus, ZH Zona Sul, ZH Petrópolis, ZH Bela Vista, ZH Bom Fim, ZH Lindoia e ZH Centro. Com muitas sugestões de leitores entre as matérias publicadas em cada edição, é mais uma forma de o leitor participar e ver o jornal próximo de seu cotidiano.

Das 26 pautas que formam o *corpus* de estudo deste trabalho, nove foram reutilizadas em Zero Hora. Nos próximos tópicos, apresentarei de que forma as imagens das nove pautas em questão foram aproveitadas em *zerohora.com* e em cada uma das categorias de republicação no jornal impresso.

4.2.1 Pautas do Pelas Ruas no Informe Especial

Neste espaço foram publicadas quatro pautas do Pelas Ruas, todas com identificação do canal por meio do selo com o número de telefone para o leitor participar sugerindo novas pautas.

A primeira fotografia foi republicada no Informe Especial no dia 8 de janeiro, e se refere a uma matéria publicada no Pelas Ruas em 6 de janeiro, dois dias antes. No *site*, foram publicadas duas fotos, sendo que a foto principal mostra melancias espalhadas pela calçada e parte da pista da avenida Assis Brasil (figura 6). A segunda imagem, que aparece em um *link* sob a foto principal, mostra o tamanho do caminhão transformado em banca de venda das frutas e o espaço que ele toma da avenida (figura 7). Dentre os casos encontrados neste estudo, este é o único em que a foto foi publicada em preto e branco no jornal impresso[25]. Para a coluna, foi escolhida a foto principal da matéria, em que a parecem as melancias (figura 8). Porém, a

[25] A imposição gráfica desta página no caderno fez com que ela fosse impressa nestas cores. A característica dos jornais tablóides é ter páginas múltiplas de quatro para montar os cadernos que formam o jornal. Desta forma, as páginas de cada edição não são impressas de forma individual, mas em "duplas", em que a impressão a cores ou preto e branco é definida pelo *espelho* do jornal.

imagem perde força na inexistência do contraste entre o verde das frutas e os tons cinzentos originais da foto, que aparecem no asfalto, nos troncos de árvore e na lona escura.

Figura 6 - Pelas Ruas, 6 de janeiro, foto principal

Figura 7 - Pelas Ruas, 6 de janeiro, foto secundária

Figura 8 - Informe Especial, 8 de janeiro

A segunda foto, publicada em 10 de janeiro, havia sido publicada no Pelas Ruas no dia anterior. Tanto para o *site* (figura 9) quanto para o jornal (figura 10), a mesma foto foi selecionada para publicação, mostrando uma árvore que caiu sobre um carro no bairro Santana. O ângulo escolhido pelo fotógrafo para registrar a imagem potencializa a informação do tamanho da árvore e de que ela poderia ter causado estragos ainda maiores.

Figura 9 - Pelas Ruas, 9 de janeiro

Figura 10 - Informe Especial, 10 de janeiro

Duas pautas do Pelas Ruas tiveram mais de uma foto publicada no mesmo quadro, por meio de uma nova diagramação no espaço a elas destinado. No primeiro caso, publicado em 15 de janeiro, as imagens mostravam os perigos enfrentados pelos pedestres ao atravessarem a avenida Beira Rio. No *online* (figura 11), a matéria foi publicada no dia anterior, e diversas imagens registradas foram apresentadas ao leitor em uma montagem com a seqüência de fotos de dois pedestres tentando ir de uma calçada à outra da avenida. Além das fotografias, também foi feito um vídeo com depoimentos de motoristas e pedestres sobre o assunto. Para a publicação no Informe Especial (figura 12) foram selecionadas duas fotografias, apresentadas também em formato de montagem. Ambas diferem das imagens escolhidas para a publicação no *site*, mostrando uma imagem única de cada "personagem" – pedestre e ciclistas –.

Figura 11 - Pelas Ruas, 14 de janeiro

Figura 12 - Informe Especial, 15 de janeiro

No segundo caso, publicado em 16 de janeiro, na página impressa (figura 13) optou-se pela montagem de três fotos da seqüência de um biguá se alimentando em um lago, enquanto na versão *online*, (figura 14) publicada no dia anterior, a seqüência completa da refeição do animal havia sido publicada com destaque no formato de *slideshow*.

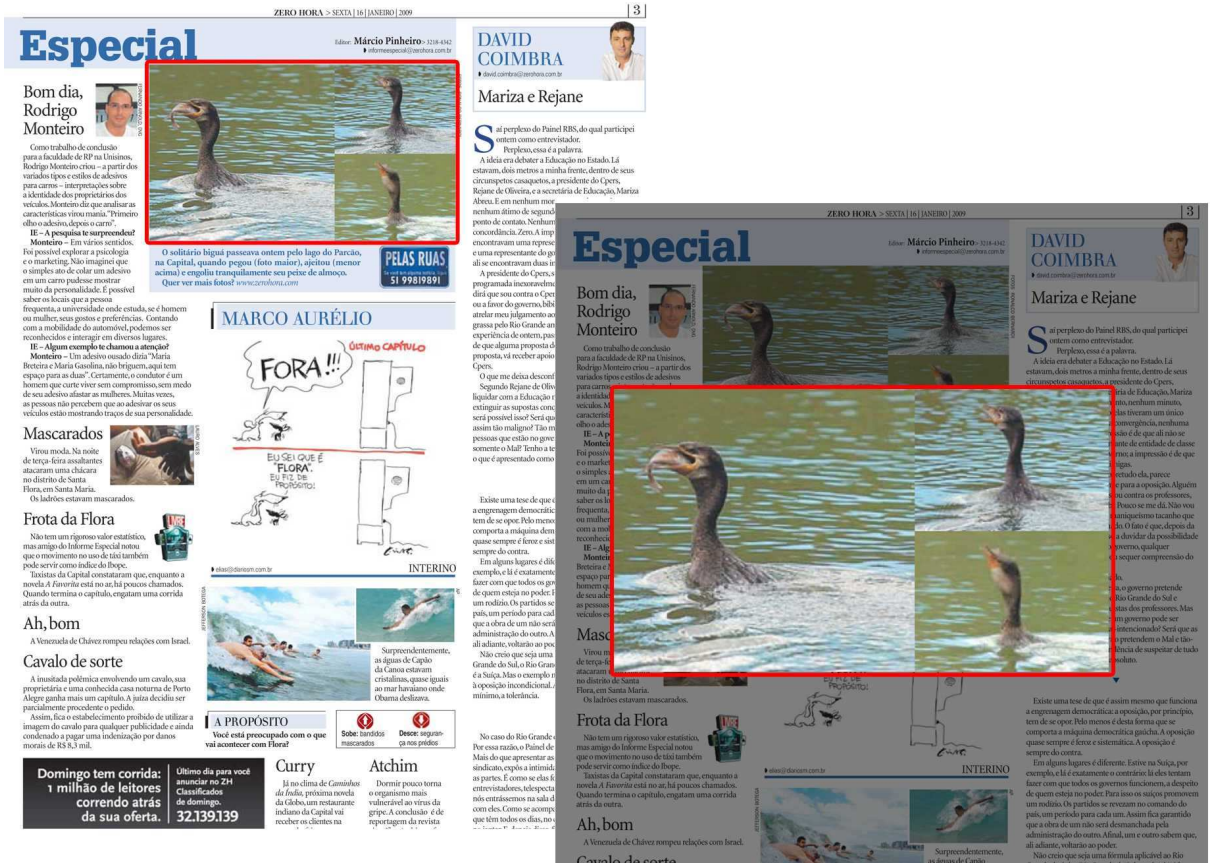

Figura 13 - Informe Especial, 16 de janeiro

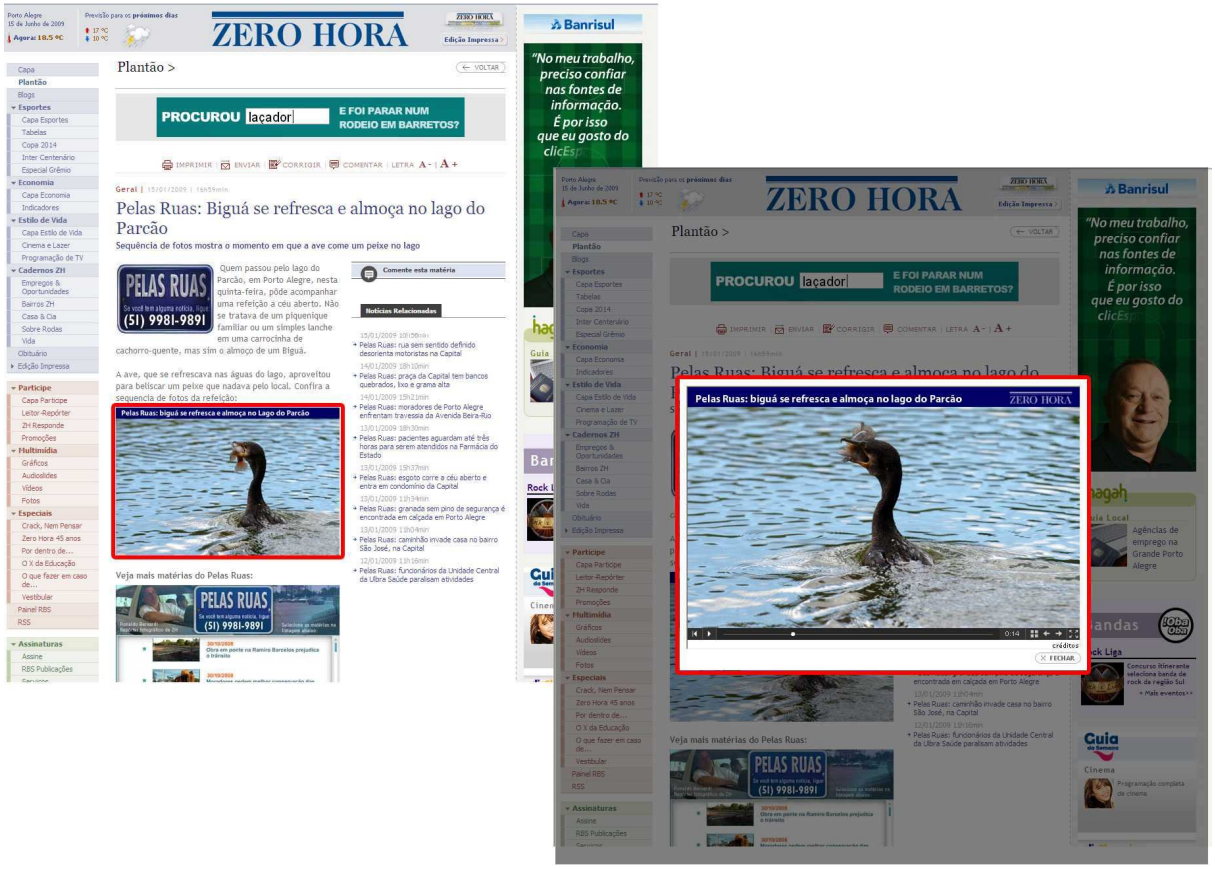

Figura 14 - Pelas Ruas, 15 de janeiro

Foi identificado também um caso de uma fotografia de autoria de Ronaldo Bernardi que não chegou a ser utilizada no *site*, mas, em sua publicação no jornal impresso (figura 15), recebeu o selo do Pelas Ruas, o que mostra a personalização do canal, que é associado ao nome do fotógrafo mesmo nos casos em que a pauta não foi publicada em *zerohora.com*.

Figura 15 - Informe Especial, 14 de janeiro

4.2.2 Pautas do Pelas Ruas na editoria de geral

Nesta editoria foram republicadas as matérias mais significativas do Pelas Ruas, como acidentes e o maior *hit* de audiência do canal, uma matéria sobre cágados que se alimentam de pombas.

Cinco pautas foram aproveitadas pela editoria de geral de Zero Hora no período analisado, todas elas, entretanto, sem a utilização do selo que faz referência ao canal em *zerhora.com*. O primeiro caso foi publicado no jornal em 14 de janeiro, e se refere a um acidente em que um caminhão invadiu uma casa. Embora semelhantes na composição, as imagens escolhidas pelo *site* e pelo jornal impresso são diferentes. Enquanto na fotografia publicada em *zerohora.com* (figura 16) no dia anterior aparecem dois oficiais da Defesa Civil, na imagem publicada em Zero Hora figuram também curiosos observando a cena inusitada. No jornal (figura 17), a foto é parte integrante de uma nota sobre vários acidentes envolvendo caminhões no dia anterior. Por tratar-se de um acidente com menor gravidade do que os demais, a imagem é secundária, figurando em tamanho menor na página.

Figura 16 - Pelas Ruas, 14 de janeiro

| 26 | ZERO HORA > QUARTA | 14 | JANEIRO | 2009

Geral > geral@zerohora.com.br

Confirmada segunda morte por febre amarela Página 28

Presidente do Cpers diz por que é contra plano da SEC Página 30

Editor executivo: Diego Araujo > 5218-4727 Editor: Alexandre Elmi > 5218-4752 Coordenador de Produção: Marcelo Fleury > 5218-4728

Trânsito A partir de julho, motoristas flagrados bêbados precisarão refazer todos os testes para reaver CNH

Mais rigor para voltar à direção

MAURO GRAEFF JÚNIOR

A partir de julho, motoristas detidos após beber poderão ser obrigados a refazer todos os testes para a carteira nacional de habilitação (CNH).

Além da possibilidade de prisão, multa e suspensão da carteira – que já está prevista em lei desde o ano passado – uma norma do Conselho Nacional de Trânsito (Contran) obriga a fazer novas provas quem for condenado por dirigir embriagado, regra que valerá também para os demais crimes de trânsito.

A resolução do Contran foi criada com intenção de apertar o cerco aos infratores. São duas mudanças em relação às regras atuais. A primeira é que a pessoa condenada pela Justiça por qualquer crime no trânsito, após todas as instâncias do processo, terá de voltar aos Centros de Formação de Condutores (CFCs) para testar seus conhecimentos. Precisará se submeter aos exames médico, psicológico, teórico e prático – tudo igual ao da primeira habilitação. Além disso, passará pelas 30 aulas teóricas de reciclagem. Entre os crimes de trânsito, estão dirigir com mais de 0,6 grama de álcool por litro de sangue e fazer rachas.

– Atualmente, quem tem a carteira suspensa faz somente a prova teórica e o curso de 30 aulas. E não são todos os crimes que preveem suspensão – observou Fábio Bueno, da assessoria jurídica do Conselho Estadual de Trânsito, que estudou a norma.

Outra mudança prevista na resolução é que motoristas envolvidos em acidente graves também precisarão fazer as provas, incluindo um teste sobre primeiros socorros. A punição será aplicada pelo Departamento Estadual de Trânsito (Detran) em processo administrativo e poderá ser feita mesmo sem ação judicial. O problema é que ainda não está claro o que são acidentes graves para a nova regra.

– Os Detrans irão definir o que é considerado acidente grave – justificou Flora Maria Pinto, coordenadora substituta da Coordenação-geral de Instrumental Jurídico e de Fiscalização do Contran.

Em nota, o Detran gaúcho informou apenas que está avaliando a resolução antes de se manifestar.

– Já deveria ter ficado claro na resolução o que são acidentes graves. Vai ficar mais uma lacuna – criticou Eduardo Cortez Balreira, professor e consultor do Sindicato dos CFCs.

mauro.graeff@zerohora.com.br

AS MUDANÇAS

PARA CONDENADOS POR CRIMES DE TRÂNSITO

COMO É

Para alguns crimes, como o homicídio de trânsito, por exemplo, é prevista a suspensão da carteira do motorista em caso de condenação judicial.

O tempo de suspensão varia a critério do juiz.

Nos casos de suspensão da carteira, depois de cumprir a pena o motorista passa por um curso teórico de 30 horas e faz uma prova teórica.

Ainda não estão definidos se os valores serão os mesmos da carteira atual. Se forem mantidos os mesmos, fazer todas provas custaria cerca de R$ 240. Se fosse necessário mais as 30 horas, seriam mais R$ 130

COMO FICA

Todas os motoristas condenados por qualquer **crime de trânsito** terão de fazer os testes médico, psicológico, teórico e prático.

Estão dispensados apenas das aulas.

Porém, se tiverem a carteira suspensa pela Justiça, terão ainda de fazer as 30 aulas do curso de reciclagem

A LISTA DE DELITOS

- Homicídio doloso (com intenção) e culposo (sem intenção de matar)
- Lesões corporais dolosas (com intenção) culposas (não intencionais)
- Deixar de socorrer vítima de acidente ou fugir do local
- Dirigir sob influência do álcool com mais de 0,6g de álcool por litro de sangue ou de substâncias de efeitos similares
- Participar de rachas
- Transitar com velocidade incompatível com a segurança nas proximidades de escolas, hospitais, estações de embarque e desembarque de passageiros, logradouros estreitos, ou onde haja grande movimentação ou concentração de pessoas, gerando perigo de dano
- Dirigir ou permitir que alguém dirija sem ser habilitado, com a habilitação suspensa ou cassada, embriagado ou sem condições físicas e mentais de dirigir com segurança
- Prestar informações erradas a policiais ou agentes de trânsito em alguma ocorrência de trânsito com a finalidade de confundir o inquérito policial

PARA ENVOLVIDOS EM ACIDENTES GRAVES

COMO É

Na prática, há somente a punição judicial. Geralmente, em casos de condenação judicial por algum acidente, há um processo administrativo para a suspensão da carteira de habilitação

Porém, não há nada específico que obrigue o motorista a refazer os exames

COMO FICA

O Detran poderá abrir processo administrativo, mesmo sem ação judicial, para motoristas envolvidos em acidentes graves

Em caso de punição, o motorista será obrigado também a fazer os testes médico, psicológico, teórico, de direção e de primeiros socorros

Após tombar na BR-101, em Torres, semirreboque pegou fogo depois de tanque de combustível estourar na queda

Acidentes fatais

Campo Bom – Um homem morreu após perder o controle de sua motocicleta, na noite de segunda-feira, na Avenida dos Estados. Fábio Adriano Freitas Vieira, 32 anos, chegou a ser socorrido e encaminhado ao hospital, mas morreu poucas horas depois.

Vista Alegre do Prata – Vanderlei Gabineski, 33 anos, morreu na noite de segunda-feira em uma colisão entre um caminhão Mercedes-Benz e uma Brasília, na RS-441.

Carregado de cerveja, veículo destruiu parte de residência em Porto Alegre

Acidentes com caminhões provocam susto

Pelo menos três caminhões se envolveram em acidentes ontem e provocaram sustos, causaram prejuízos e feriram pessoas.

O primeiro aconteceu na BR-101, em **Torres**, às 6h15min. Um veículo semirreboque tombou no km 9,3 porque o eixo central trancou, conforme a Polícia Rodoviária Federal. O tanque de combustível teria estourado na queda, fazendo com que a carga, de

Figura 17 - Zero Hora, 14 de janeiro

No segundo caso, publicado em Zero Hora no dia 24 de janeiro, a fotografia foi incluída em uma nota sobre a coloração do Guaíba, que, no dia anterior, apresentava tons de marrom contrastando com o azul da água. Tanto no *site* (figura 18) quanto no jornal impresso (figura 19), a mesma imagem foi selecionada para ilustrar a notícia.

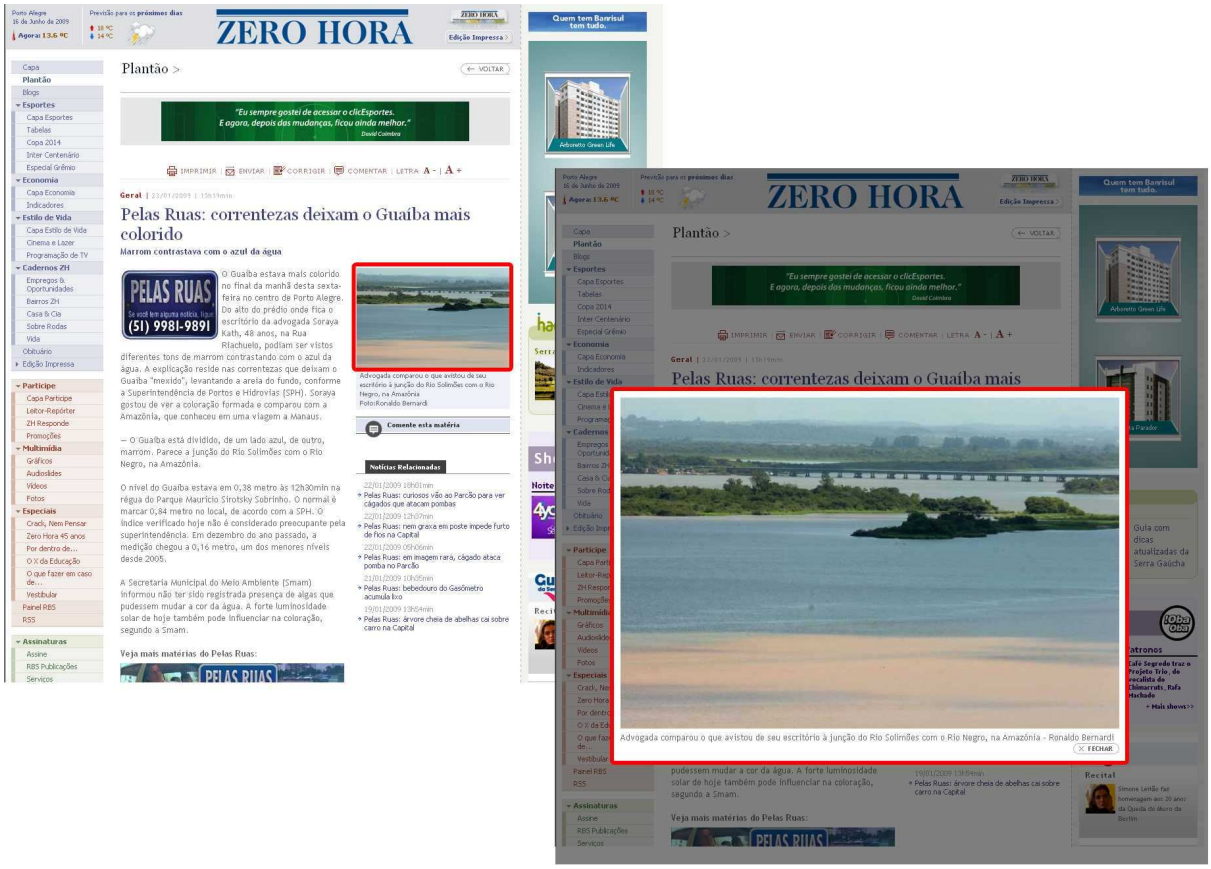

Figura 18 - Pelas Ruas, 23 de janeiro

rusga entre tradicionalistas da Fronteira

Uma sentença gaudéria contra patrão de CTG

JOSIANE WESCHENFELDER

Para quem já compôs músicas nativistas, proferir uma sentença em versos foi barbada.

Segundo o juiz de direito Afif Jorge Simões Neto, da 2ª Turma Recursal Cível, ele precisou de pouco mais de uma hora para rimar 10 estrofes com a decisão de um julgamento realizado na manhã de quarta-feira.

Ação, no Juizado Especial Cível da Comarca de Santana do Livramento, era referente a um pedido de indenização por dano moral.

– Como envolvia dois tradicionalistas, achei que cabia um texto dessa forma. Meu pai era advogado em São Sepé e na vida dele fez três defesas em versos. Mas a minha foi muito inferior – considera Simões Neto, que após 14 anos de magistratura resolveu fazer sua estreia do gênero no Direito.

Simões Neto julgou o recurso de uma ação que havia sido movida pelo patrão do CTG Presilha do Pago, de Santana do Livramento, Rui Francisco Ferreira Rodrigues. O tradicionalista afirmava ter sido ofendido em sua honra pessoal durante pronunciamento feito por um conselheiro fiscal da 18ª Região Tradicionalista no uso da tribuna livre da Câmara de Vereadores. O conselheiro teria dito que o patrão não prestava conta das verbas públicas recebidas para eventos. Mas ele negou as acusações. No Juizado Especial Cível de Livramento, o conselheiro foi condenado a pagar R$ 1,5 mil. Ele recorreu, e o juiz pocta entendeu que não havia ocorrido ofensa.

Apesar de descontente com o despacho, o patrão do CTG garante não ter se incomodado com a poesia.

– Foi uma brincadeira. Vou me reunir com os advogados na segunda, para saber se ainda cabe outro recurso nesse processo. Não pretendo fazer nada contra o juiz – diz Rodrigues.

Conforme o Tribunal de Justiça do Estado, sentenças em versos não são muito comuns. Em abril de 2003, ZH contou a história de um juiz da Comarca de Augusto Pestana, Adair Philippsen, que em versos havia rejeitado denúncia de furto encaminhada pelo Ministério Público contra um homem que havia surrupiado oito galinhas.

josiane.weschenfelder@zerohora.com.br

O autor se diz ofendido
Na Câmara e no jornal.

Tem até CD nos autos
Que ouvi bem devagar
E não encontrei a calúnia
Nas palavras do Wilmar.

Numa festa sem fronteiras
Teve início a briguntina
Tudo porque não dançou
O Rincão da Carolina.

Já tinha visto falar
Do Grupo da Pitangueira
Dançam chula com a lança
Ou até cobra cruzeira.

Houve ato de repúdio
E o réu falou sem rabisco
Criticando da tribuna
O jeitão do Rui Francisco

Que o autor não presta conta
Nunca disse o demandado
Errou feio o jornalista
Ao inventar o fraseado.

Julgar briga de patrão
É coisa que não me apraza
O que me preocupa, isso sim
São as bombas lá em Gaza.

Ausente a prova do fato
Reformo a sentença guerreada
Rogando aos nobres colegas
Que me acompanhem na estrada.

Sem culpa no proceder
Não condeno um inocente
Pois todo o mal que se faz
Um dia volta pra gente.

E fica aqui um pedido
Lançado nos estertores
Que a paz volte ao seu trilho
Na terra do velho Flores."

Trânsito

Movimento intenso para o Litoral Norte

A expectativa de um fim de semana de sol levou milhares de pessoas ontem a pegar a estrada e seguir para o litoral norte do Estado.

O movimento foi intenso na freeway no fim da tarde e na noite de ontem. O pico foi registrado às 19h30min no posto de pedágio de Santo Antonio da Patrulha, quando 77 veículos passaram pela estrada em direção às praias. A expectativa da Concessionária da Rodovia Osório-Porto Alegre (Concepa) de que 40 mil veículos seguissem para o Litoral Norte ontem foi superada às 22h.

A previsão inicial era de até hoje 65 mil veículos deixassem a Capital e rumassem às praias pela rodovia. Conforme a assessoria de imprensa da empresa, esse número deverá ser revisto na manhã de hoje pela grande quantidade de veículos que viajaram ontem.

Na RS-040, estrada que liga Viamão e o Balneário Pinhal, a movimentação também foi grande.

Até às 22h, passaram pela estrada, no pedágio de Viamão, mais de 9 mil veículos. O pico ocorreu às 21 h. A expectativa é de que 18 mil veículos utilizem a estrada até hoje para chegar ao litoral.

Na Estrada do Mar a maior movimentação aconteceu à noite. Segundo o Comando Rodoviário da Brigada Militar em Tramandaí, a rodovia alcançou o pico por volta das 21h, quando 31 veículos passavam pelo posto da BM em Osório. O trânsito era constante, mas não chegou a ocorrer congestionamento e acidentes mais graves.

Previsão de tempo bom incentivou gaúchos a se deslocar a praias gaúchas

NOTAS

Guaíba ficou mais c

O Guaíba estava mais colorido no final da manhã de ontem no centro de Porto Alegre. Do alto do prédio onde fica o escritório da advogada Soraya Kath, 48 anos, na Rua Riachuelo, podiam ser vistos di-

Morte em Alegrete

O militar Júlio César Aguiar Figueira, 21 anos, morreu ao perder o controle de sua moto 200 cilindradas e atingir uma árvore. O acidente aconteceu por volta das 13h30min, na Avenida Alexandre Lisboa.

Gato no Bolsa-Família

Billy, um gato com quatro anos de idade, foi cadastrado no Bolsa-Família como Billy da Silva Rosa, e recebeu durante sete meses o benefício do governo, R$ 20 por mês. A descoberta aconteceu quando o agente de saúde, Almiro dos Reis Pereira, foi até a casa do gatinho convocá-lo para a pesagem obrigatória no posto de saúde, conforme exigência do programa, e a dona da casa disse ao agente: "mas o Billy é meu gato".

Como foi a fraude

A dona de casa não sabia que o marido, Eurico Siqueira da Rosa, coordenador do programa no município de Antônio João, a 377 quilômetros de Campo Grande (MS), na fronteira com o Paraguai, recebia o benefício do bichano e de mais dois filhos que não existem. As "crianças" recebiam mensalmente R$ 62 cada desde o início de 2008, quando Eurico assumiu o cargo.

Campus da Unipampa

O campus de 250 hectares que pertenceu à Pontifícia Universidade Católica (PUCRS) em Uruguaiana por mais de quatro décadas agora pertence à Universidade Federal do Pampa. O governo federal pagou R$ 7,15 milhões para assumir a estrutura já existente. A PUCRS segue com seus cursos em andamento até 2013 no local.

Figura 19 - Zero Hora, 24 de janeiro

Os três últimos exemplos referem-se a pautas relacionadas aos cágados que vivem no lago do Parcão, no bairro Moinhos de Vento. Na matéria publicada em *zerohora.com* no dia 15 de janeiro e republicada no jornal impresso no dia seguinte, uma fotografia (figura 20) mostra alunas do curso de veterinária da UFRGS coletando sangue dos animais para um exercício de análise e exames práticos. Publicada no dia seguinte em Zero Hora, a matéria ganhou espaço na contracapa do jornal (figura 21). Entretanto, a imagem selecionada mostra a seringa já cheia de sangue, que contrasta com as luvas brancas das alunas e confere mais significado à imagem. No corpo do jornal (figura 22) o corte da imagem prioriza o cágado, mostrando somente as mãos das veterinárias e os instrumentos utilizados no exame.

Figura 20 - Pelas Ruas, 15 de janeiro

Figura 21 - Zero Hora, 16 de janeiro, contracapa

48 | Pelo Rio Grande/Região Metropolitana > ZERO HORA > SEXTA | 16 | JANEIRO | 2009

Capital Com redes, os animais foram retirados da água, medidos e pesados

Moradores do Parcão fazem um check-up

PAULO LUDWIG

Os cágados que habitam o lago do Parque Moinhos de Vento, o Parcão, na Capital, passaram ontem por um check-up.

Com redes, os animais foram retirados da água, medidos e pesados. Uma amostra de sangue foi coletada para futuras análises. A ação faz parte do Projeto Chelônia-RS, uma parceria entre o Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (Smam).

A intenção do projeto é acompanhar de perto a evolução dos cágados nos principais parques da cidade. Neste primeiro momento, a saúde é a prioridade. Depois de recolher as amostras de sangue, os veterinários levam o material para o laboratório, onde são realizadas análises que mostrarão a presença de possíveis doenças.

– Queremos fazer um apanhado geral da saúde dos cágados. Até o momento, não diagnosticamos vírus ou outras doenças – revela a veterinária que atua no projeto Gisele Stein.

Próximo passo será localizar ninhos e identificar sexo

Uma das conclusões dos estudos é que o número de animais nas proximidades do lago cresceu nos últimos anos. Segundo a bióloga da Smam Soraya Ribeiro, o crescimento se deve à chegada de animais exóticos, oriundos do tráfico. Ela também afirma que não há como contabilizar o número de cágados que habitam o Parcão.

– As pessoas compram os animais de forma ilegal e depois se arrependem. A opção mais cômoda é deixá-los nos parques, mas isso nos causa muitos problemas – diz.

Geralmente, os cágados abandonados vêm dos Estados Unidos e têm características diferentes das seis espécies nativas identificadas até o momento pelo estudo.

– Os animais exóticos são mais competitivos e prevalecem em relação aos cágados nativos. Se essa situação não for controlada de perto, pode causar problemas sérios no controle ambiental desses locais – explica Gisele.

O próximo passo do levantamento será localizar os ninhos e identificar o sexo dos animais. Logo depois, será o momento de realizar um levantamento genético do grupo.

– Alguns animais mais jovens podem ser resultado de uma cruza entre cágados de espécies diferentes. Esse levantamento poderá nos mostrar as novas características desses filhotes.

O levantamento no Parcão deve ser encerrado em março, quando os estudos se voltam ao Parque da Redenção.

paulo.ludwig@zerohora.com.br

Após recolher amostras de sangue, veterinários levarão material para o laboratório para identificar possíveis doenças

Religião

Domingo começa procissão de Navegantes

Neste domingo, começa a primeira fase da 134ª Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de Porto Alegre.

A missa de despedida da imagem da santa está marcada para as 17h, no Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes, na Avenida Sertório. Pouco depois, às 18h, a procissão parte em direção ao centro da cidade, até o Santuário do Rosário, onde a santa permanecerá até o dia 2 de fevereiro.

Durante a caminhada *(veja mapa ao lado)*, algumas vias ficarão bloqueadas para o trânsito de veículos.

Até dia 1º, ocorre a novena, sempre às 20h, no Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes. Após a novena, a Carris colocará ônibus gratuito, que fará o trajeto do Santuário dos Navegantes até o bairro Humaitá e o Centro.

A segunda fase está marcada para o dia 2, quando a imagem fará o caminho de volta, com procissão fluvial e terrestre. Os proprietários das embarcações que quiserem participar precisam passar pela inspeção e vistoria da Delegacia da Capitania dos Portos.

Agende-se

DOMINGO

17h (Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes) – Abertura oficial da festa e missa de despedida da imagem

18h – Procissão de traslado da imagem para o Santuário do Rosário

DE 24 DE JANEIRO A 1º DE FEVEREIRO

20h – Novena de Nossa Senhora dos Navegantes

Sacerdotes convidados pregarão sobre o tema: Paz, Fruto de Justiça para Todos

Festejos populares na praça e no salão

DIA 2 DE FEVEREIRO

7h – Missa no Santuário do Rosário

8h – Procissão fluvial e terrestre

10h – Missa celebrada pelo arcebispo metropolitano dom Dadeus Grings e por bispos e sacerdotes convidados e festejos populares na praça e no salão

18h – Entronização da imagem no santuário e shows artísticos e culturais

23h – Encerramento

BLOQUEIOS DAS VIAS

> Avenida Sertório, entre a ponte do Guaíba (Travessa Régis Bittencourt) e a Avenida Farrapos

> Avenida Presidente Roosevelt, entre a Sertório e a Farrapos

> Avenida Farrapos, entre a Presidente Roosevelt e a Rua da Conceição

> Rua Voluntários da Pátria, entre as ruas da Conceição e Vigário José Inácio

O TRAJETO

Imagem irá para a Igreja do Rosário domingo:

PORTO ALEGRE

Brigada Militar é recebida a tiro

A Brigada Militar estourou na noite de ontem um desmanche no bairro Rubem Berta, na Capital. Ao entrar na casa, os policiais foram recebidos a tiros. Cercados, os quatro criminosos se renderam. Ninguém se feriu. Na garagem da residência, a guarnição encon-

NOTAS

Descida da Borges

A tradicional Descida da Borges, festa que relembra os antigos carnavais da Capital, volta à Avenida Borges de Medeiros hoje. Estarão na avenida integrantes das escolas Acadêmicos de Gravataí, Academia de Samba Praiana e Imperatriz Dona Leopoldina. A programação deve começar às 20h30min. No dia 23, será a vez das escolas do Grupo de Acesso, da União da Vila do IAPI e da Império da Zona Norte.

Banco de leite

Será inaugurado na segunda-feira, às 14h30min, o Banco de Leite Humano do Fêmina, hospital do Grupo Hospitalar Conceição (GHC) dedicado à mulher e ao recém-nascido. O Banco de Leite vinha funcionando em caráter experimental e já tem 500 mães cadastradas e capacidade de captar 50 litros por mês.

Figura 22 - Zero Hora, 16 de janeiro

A matéria sobre o ataque de cágados a uma pomba no Parcão é considerada por Dias Lopes a mais emblemática do canal Pelas Ruas:

> O registro de uma cena como este caso do cágado é só um exemplo emblemático disso, o quanto uma cena aparentemente trivial pode ser considerada rara, pode ser considerada interessante, despertando sentimentos e comentários das pessoas, [...] as pessoas estão cansadas de ler sobre o salário mínimo, a violência. Isso é a rotina deles, e eles estão cansados disso.

A pauta também representa um exemplo do planejamento da atualização de matérias do *site*, uma vez que a publicação no canal Pelas Ruas aconteceu na mesma data do jornal (22 de janeiro), valorizando o esforço do fotógrafo e o material exclusivo produzido por ele. A imagem principal da matéria no *site* (figura 23) é a mesma escolhida para publicação na contracapa de Zero Hora (figura 24), e mostra o cágado estendendo o pescoço para fora da água em direção às pombas. Em *zerohora.com* foi montada uma galeria com sete fotos mostrando a seqüência da investida. Há também um vídeo de dois minutos registrando o resultado do ataque. No corpo do jornal, além da contracapa, o assunto ganhou evidência em uma matéria de uma página (figura 25), com três fotografias e uma chamada destacada para conferir o vídeo no *site*.

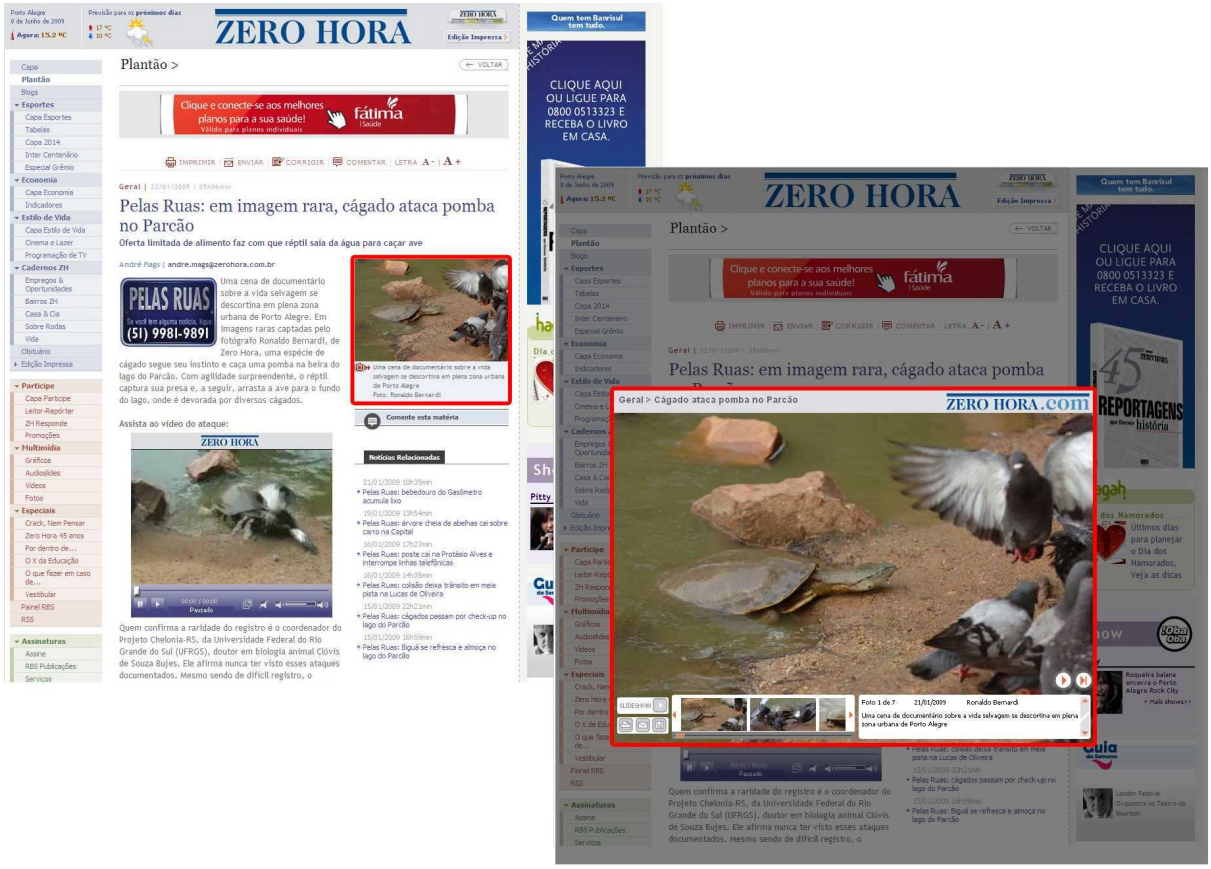

Figura 23 - Pelas Ruas, 22 de janeiro

Figura 24 - Zero Hora, 22 de janeiro, contracapa

| 42 | Geral > ZERO HORA > QUINTA | 22 | JANEIRO | 2009

Capital Escassez de alimentos faz com que répteis saiam da água para caçar pombas

O ataque dos cágados no Parcão

ANDRÉ MAGS (TEXTO)
RONALDO BERNARDI (FOTOS)

ZERO HORA.com

Uma cena de documentário sobre a vida selvagem se descortina em plena zona urbana de Porto Alegre.

Em imagens raras captadas pelo fotógrafo Ronaldo Bernardi, de Zero Hora, cágados seguem seu instinto e caçam pombas na beira do lago do Parque Moinhos de Vento (Parcão). Com agilidade surpreendente, os répteis capturam as presas e arrastam as aves para a água, onde são devoradas pelo grupo.

Em flagrantes raros, animais mostram agilidade surpreendente, fazem a captura e levam as aves para o lago do parque de Porto Alegre, onde as pombas são divididas com o grupo. No site www.zerohora.com, acesse o vídeo que mostra o momento exato dos ataques

Quem confirma a raridade do registro é Clóvis de Souza Bujes, doutor em biologia animal e coordenador do Projeto Chelonia-RS da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ele afirma nunca ter visto esses ataques documentados, mas considera o comportamento normal, dado o local onde se encontram.

– Eles vivem em um ambiente muito pequeno, onde o estresse por alimento e espaço é constante, e a administração (*do Parcão*) não os alimenta. É um ambiente urbano em que vivem competindo por alimento – explica.

A administradora do Parcão, Gisalma Puggina, confirma que somente patos e marrecos são alimentados. Como a disputa por comida é grande, os animais até saem da água, onde normalmente se alimentam, para acuar as pombas. Pode ser doloroso aos mais sentimentais ver a ave fazer parte do cardápio dos répteis. Mas o biólogo pondera que o ruma da natureza deve seguir normalmente. No caso, esse mecanismo serve também para regular a população das pombas.

– Isso tem que ser visto como algo natural. É como o leão pegando uma zebra. Não vá salvar a pomba – diz.

A espécie é onívora, ou seja, come de tudo, desde pequenos animais até plantas e bichos mortos.

– Uma de suas funções na natureza é manter o ambiente limpo. Tem o papel equivalente ao urubu, mas num ambiente aquático – compara.

Encabeçado por Bujes, o Projeto Chelonia-RS tenta verificar a população de cágados no Estado e definir ações para a sua conservação. O recolhimento de dados se iniciou em 2004 nos lagos de Porto Alegre – no Parcão, essa fase vai até março. Com o resultado do estudo, os pesquisadores traçarão um plano de ação.

andre.mags@zerohora.com.br
ronaldo.bernardi@zerohora.com.br

Raio X

Nome científico: *Phrynops hilarii*
Nomes populares: cágado-de-barbelas ou cágado-cinza
Região de ocorrência: nativo do Rio Grande do Sul, ocorre também em Santa Catarina, Uruguai e nordeste da Argentina
Alimentação: peixes, aves, répteis, pequenos mamíferos e animais mortos
Período de vida: até 40 anos
Tamanho máximo: 40 cm de casco
Peso máximo: cinco quilos

SAIBA MAIS

Fêmea e macho caçam. O cágado não tem dentes, nem é venenoso. Em caso de mordida onde haja sangramento, é possível haver infecção, em decorrência das bactérias que todos os animais têm na boca. Se ocorrer, é preciso fazer a higienização normal do ferimento

SAÚDE

Clínicas faz milésimo transplante renal

O Hospital de Clínicas de Porto Alegre anunciou ontem que fez, na terça-feira, o milésimo transplante renal. Iniciado em julho de 1977, o programa de transplantes renais é um dos mais ativos do país em termos de produtividade tanto assistencial quanto acadêmica.

A coordenação das atividades é feita pelo Serviço de Nefrologia, com a participação dos Serviços de Urologia e Imunologia. Atualmente, são executados entre 80 e com transplantes por ano, sendo 70% com doadores falecidos, havendo também um programa de transp
pâncreas
com ure

SÃO P

Turist
morre

ALAG

Bar of
dia se

TODA A LINHA CITROËN COM IPI REDUZIDO
VERÃO ESCALDANTE OFERTAS REFRESCANTES
C3
A PARTIR
39.4
COM PARCEL
EM ATÉ 6
HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:
Segunda a Sexta das 8h às 20h
Sábado das 9h às 19h
Condições válidas até 31/01/2009. O modelo anunciado refere-se ao veículo C3 1.4 8V ano 2008/modelo 2009. No preço anunciado estão incluídos frete,
www.citroenmonaco.com.br
Ipiranga, 5900 - JARDIM BOTÂNICO
Mônaco 3511-2121

| 42 | Geral > ZERO HORA > QUINTA | 22 | JANEIRO | 2009

Capital Escassez de alimentos faz com que répteis saiam da água para caçar pombas

O ataque dos cágados no Parcão

ANDRÉ MAGS (TEXTO)
RONALDO BERNARDI (FOTOS)

ZERO HORA.com

SAÚDE

Clínicas faz milésimo transplante renal

Figura 25 - Zero Hora, 22 de janeiro

O ataque foi destaque de acessos em *zerohora.com* e levou leitores até o parque para tentar flagrar ao vivo a cena. A repercussão da matéria foi pauta no Pelas Ruas ainda no dia 22, com a imagem republicada em Zero Hora no dia 23 de janeiro. No *site* (figura 26), a escolha foi de uma imagem de uma senhora acompanhada do neto, ambos observando o lago. Ela segura o menino em um gesto de proteção, talvez para evitar que ele chegue muito próximo da água. No jornal (figura 27), a imagem apresenta os mesmos personagens, porém em posturas diferentes: o garoto leva a mão à boca, enquanto a avó fala ao telefone.

Figura 26 - Pelas Ruas, 22 de janeiro

ZERO HORA > SEXTA | 23 | JANEIRO | 2009 Geral > | 37

Porto Alegre Depois da divulgação de vídeo, curiosos queriam ver quelônios atacando outras pombas à beira do lago do Parcão

Cágados viram atração

ANDRÉ MAGS

Curiosas sobre os ataques de cágados a pombas mostrados por ZH em sua versões impressa e online, pessoas foram ao Parque Moinhos de Vento, na Capital, para tentar presenciar o fato.

A aposentada Tereza Faria, 58 anos, lê o jornal todos os dias e, após ver a reportagem, foi conferir "o que estava acontecendo", acompanhada do neto Mario, de oito anos, que observava os cágados à espreita das pombas à beira do lago.

– Essas pombinhas não têm noção do perigo – ria a aposentada.

O comerciante Fernando Pedroso, 33 anos, leu a notícia em zerohora.com e levou a filha Julia, quatro anos, para dar uma olhada. A surpresa maior foi com a determinação do cágado-de-barbelas (nome popular do *Phrynops hilarii*) no avanço contra a ave.

– Achei que eles consumiam apenas peixes, mas realmente acontece. Ele vai para cima da pomba.

Pai e filha acompanhavam a tentativa de um cágado de abocanhar uma pomba. Até então, sem sucesso.

Tereza Faria levou o neto Mario para "conferir o que estava acontecendo"

A administradora do parque, Gisâma Puggina, disse que alguns frequentadores, penalizados com as pombas, pediam que os cágados recebessem alimentação para não as atacarem.

– E a lei da vida, assim como o socó (*uma ave*) come uma tartaruga ou um marreco recém-nascido – comparou.

Gisâma explicou que os patos e marrecos recebem alimento porque o ambiente onde vivem não oferece recursos. O total mensal é de 250 quilos da ração. Onívoros, os cágados encontram alimento naquele ambiente.

No entanto, a questão é descobrir se a população do quelônio está grande demais para o lago. É isso que investiga o projeto Chelonia-RS, da UFRGS. Um estudo sobre a quantidade e as espécies de cágados na área definirá até março ações que podem incluir a retirada de alguns exemplares do local.

andre.mags@zerohora.com.br

A conversa dos leitores

PEDRO DIAS LOPES
EDITOR-CHEFE DE ZEROHORA.COM

Tão gratificante como grandes coberturas ou um furo jornalístico é quando uma notícia provoca desperta o interesse dos leitores a ponto de gerar debate nas ruas e se refletir em manifestações à Redação. Para nós, conseguir pautar a conversa dos gaúchos é motivo de honra e satisfação, um momento para celebrar.

Foi o que ocorreu com a cena flagrada no Parcão pelo fotógrafo Ronaldo Bernardi, prestes a completar 33 anos no Grupo RBS. Alertado por um frequentador do local, desde outubro de 2007 ele fazia, entre uma pauta e outra, esporádicas incursões ao local, muitas vezes desafiado pelas brincadeiras dos colegas que consideravam improvável a imagem.

O ataque do cágado à pomba talvez não tenha a relevância do que é habitualmente publicado no jornal, mas ajuda a mitigar a sisudez do dia-a-dia, muitas vezes perturbado por notícias sobre crises e violência, e estimula leitores a discutir o assunto, seja com reflexões, brincadeiras bem-humoradas ou mesmo tomando partido por um dos animais.

Comentários postados no nosso site ilustram essa situação. Dividido com vocês somente três, pinçados aleatoriamente, mas recomendo a todos a leitura dos demais na versão online do jornal.

Luz, de Porto Alegre, escreveu: "parabéns, pois nosso cotidiano faz esquecermos de como é a vida animal, sendo que isso aconteceu no coração da nossa Capital". Ricardo, de Porto Alegre, prometeu mais cautela ao fazer exercícios: "vou ter mais cuidado quando correr no Parcão para não ser pego pelo cágado".

Já Sergia Ferreira, de Vitória, preferiu destacar a edição do vídeo no site de ZH (assista em www.zerohora.com/videos): "parabéns... A edição está fantástica, principalmente o final, estilo Hitchcock, com música sinistra e mergulho do cágado... C'est la vie. Pobre natureza!".

Mas o interesse dos leitores não foi mensurado apenas pelas observações escritas. Até as 21h de ontem, o vídeo já tinha ultrapassado 40 mil visualizações, e a reportagem foi a mais acessada do dia no site, uma mostra de que os leitores gostam de quebrar a rotina e de que Ronaldo estava certo em se dedicar a um fato aparentemente sem importância.

VERÃO LEVATUDO BIG temporada HIPER DESCONTO
Descontos imperdíveis para você aproveitar o verão
Bebida de Baixa Caloria 1,5 Litro H2OH! Bebida Saborizada Guaraná 1,5 Litro 1,89
Refrigerante Pepsi Cola/ Guaraná Antarctica 3,3 Litros 3,19
Leve 8 unidades e Pague apenas R$ 1,49
Cerveja s/ Álcool Liber Long Neck 355ml Lata 350ml 1,59
Cerveja Skol Beats Lata 269ml 1,59
Cerveja Brahma Extra Long Neck 355ml Lata 350ml 1,49
Isotônico Gatorade Tang 500ml 2,19
Chá Lipton 1,5 Litro 2,99
Refrigerante Teem/Sukita Uva/Sukita Laranja/Soda Limonada 2 Litros 2,09
Cerveja Bohemia Pilsen Lata 350ml Long Neck 355ml 1,59
Aceitamos cartões de crédito: Hipercard VISA
CRC - 0800.705.50.50

Figura 27 - Zero Hora, 23 de janeiro

Ao lado da matéria, um editorial escrito pelo editor-chefe do *site* enaltece o esforço do fotógrafo:

> o interesse dos leitores não foi mensurado apenas pelas observações escritas [comentários postados em *zerohora.com*]. Até as 21h de ontem [22 de janeiro], o vídeo já tinha ultrapassado 40 mil visualizações, e a reportagem foi a mais acessada do dia no *site*, uma mostra de que os leitores gostam de quebrar a rotina e de que Ronaldo estava certo em se dedicar a um fato aparentemente sem importância.

A pauta levou cerca de um ano para ser concluída, como explica Ronaldo Bernardi:

> Um senhor que estava passando veio conversar comigo [...] comentou: "mas tem uma cena ainda mais impressionante, que é as tartarugas comendo as pombas". De início eu não acreditei, mas comecei a monitorar o lago, sempre que tinha um tempo eu ia lá observar. Depois de um tempo, eu me dei conta que isso acontecia em um canto do lago, onde as pessoas depositavam comida para as pombas. E os cágados – não eram tartarugas, mas cágados – ficavam observando, como submarinos, e se aproximavam para dar

> o bote. São cenas impressionantes, eles chegam a perseguir as pombas na terra, foi incrível. E foi interessante ver a repercussão e os comentários que gerou no *site*, com alguns xingamentos, de porque eu tinha que registrar aquela cena, pessoas achando legal, pessoas que não acreditaram.

4.2.3 Pautas do Pelas Ruas nos cadernos de bairros

No período analisado, duas edições dos cadernos (ZH Zona Sul em 8 de janeiro e ZH Menino Deus em 9 de janeiro) republicaram matérias do Pelas Ruas, entretanto, nos dois casos, tratam-se de pautas publicadas no *site* no mês de dezembro, visto que os cadernos têm publicação pouco freqüente – mensal e quinzenal –. Nenhuma das pautas publicadas no Pelas Ruas em janeiro foi republicada nos cadernos de bairros de Zero Hora nos dois meses seguintes (fevereiro e março).

Considerei, então, que não deveria apresentar as imagens, pois o recorte temporal não correspondeu à observação preliminar do canal Pelas Ruas. Acredito que isto se deu pelos seguintes motivos: (1) irregularidade estabelecida na publicação de matérias no canal e sua republicação no jornal impresso; (2) pelo fato de que os cadernos de bairros têm circulação regular, porém pouco freqüente, e (3) abordam pautas muito específicas da região a que se referem. Fator que, de certa forma, dificulta a possibilidade de que uma pauta publicada pelo canal Pelas Ruas seja reaproveitada nestes cadernos.

Este acontecimento me alertou para o fato de que o jornalismo, como atividade dinâmica que é, se revela um objeto volátil de estudo, uma vez que as pautas jornalísticas têm relação com o tempo e, no caso do Pelas Ruas, não há um fluxo de publicação de matérias predeterminado. Em um estudo com um *corpus* de análise mais extenso, talvez esta categoria fosse contemplada, mas não há como afirmar com certeza, pois a reutilização das pautas nos jornais de bairro também não é regra.

No presente capítulo, utilizei-me de entrevistas e observação participante (inclui-se aí o arcabouço teórico da autora, bem como a experiência pessoal) para ilustrar os usos da fotografia em *zerohora.com*, a partir do exemplo do Pelas Ruas – canal que serve de espaço para o protagonismo da fotografia no *site* – e o reaproveitamento pelo jornal impresso das pautas publicadas *online*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentei os resultados de uma pesquisa de caráter exploratório, que teve como principal objetivo delimitar a utilização da fotografia em *zerohora.com*, tomando como exemplo o canal Pelas Ruas. Por meio das entrevistas realizadas e das pautas que formaram o *corpus* do estudo, é possível delimitar algumas características do fotojornalismo para a *web*, no caso específico de *zerohora.com*:

- a necessidade de velocidade na disponibilização das imagens no *site* é o valor-notícia que norteia a produção fotográfica voltada para a publicação em *zerohora.com*. Esta mudança, segundo o editor de fotografia de Zero Hora, Ricardo Chaves, faz com que a editoria de foto do jornal trabalhe no mesmo ritmo de uma agência de notícias que, com clientes no mundo inteiro, tem necessidade de disponibilizar as matérias com agilidade, pois, por conta do fuso-horário, há sempre um jornal que está em pleno horário de fechamento;

- a possibilidade de publicação de várias fotografias por meio de ferramentas como galeria de fotos, *slideshows*, *audioslides* e infográficos proporcionam uma valorização da imagem no *site*, mas não necessariamente representam um maior critério na escolha das fotografias publicadas. A limitação de espaço para publicação de imagens no jornal impresso fez com que os critérios de escolha se potencializassem, enquanto na *web*, como afirmou o editor de *zerohora.com*, Pedro Dias Lopes, a dinamicidade do meio e o espaço sem limitações fazem com que a fotografia tenha uma "vida" mais curta, efêmera;

- A fotografia, em *zerohora.com*, é menos solene do que no jornal impresso. Em um meio como a Internet, que necessita de atualização constante, não há tempo para "eternizar" uma imagem. O importante, tratando-se do *site*, é ter uma fotografia o quanto antes no ar, e esta não necessariamente precisa ser a melhor imagem produzida pelo fotógrafo naquela pauta. Desta forma, muitas vezes o assunto se esgota antes mesmo

que as melhores fotografias cheguem à redação, e a notícia termina seu ciclo na capa do *site* apenas com uma foto enviada por celular;

- o canal Pelas Ruas, por ser essencialmente formado por pautas sugeridas pelos leitores, aborda o cotidiano dos internautas, proporcionando uma aproximação do jornal com seu público, bem como a potencialização do caráter local de Zero Hora – impressa e *online*. O leitor termina por participar da notícia em diversas fases, seja na sugestão da pauta, no processo de discussão, no seu acompanhamento. Na autoria do texto informativo (fotografia e texto escrito), muitas mãos partilham oportunidades e responsabilidades no processo de construção da notícia, fato que, segundo Leal (2003), é impensável para outros suportes midiáticos. Neste aspecto, o canal segue em sentido contrário ao apontado por Machado (2003), que sugere a virtualização total do processo de produção jornalística;

- a aproximação do *site* com o leitor e a abordagem de pautas mais gerais, que tenham interesse social ou de caráter potencialmente inusitado, como foi o caso da pauta referente aos cágados que atacaram pombas no Parcão, faz com que, em alguns casos, as pautas abordadas por *zerohora.com* sejam reaproveitadas e até mesmo pautem a edição impressa do jornal;

- desta forma, nota-se uma interação, um cruzamento de características e referências entre Zero Hora e *zerohora.com*, uma vez que o material republicado no jornal impresso, quando há informações adicionais no *site*, identifica e até mesmo direciona o leitor para a consulta ao conteúdo de sua versão *online*.

Cabe lembrar que o Pelas Ruas pode ser considerado um espaço de protagonismo da fotografia em *zerohora.com*, uma vez que suas matérias se originam a partir das imagens registradas pelo repórter fotográfico.

Por meio das entrevistas foi possível notar também que o canal Pelas Ruas apropriou-se de muitas das características do fotógrafo que produz as pautas, Ronaldo Bernardi. A identificação dentro da redação entre o canal e o repórter fotográfico é tanta que, até mesmo fotografias que não foram produzidas para o Pelas Ruas, mas com o mesmo espírito de flagrante inusitado ou perigoso, foram republicados no jornal com o selo do canal.

Todas estas características, entretanto, estão permeadas de “heranças” do jornalismo impresso, uma vez que o jornalismo *online* bebe dos conceitos e técnicas do jornalismo impresso para construir uma linguagem própria. Entretanto, esta linguagem própria ainda não está presente na redação de *zerohora.com*. E talvez não seja possível afirmar que ela um dia irá existir de forma totalmente inovadora e independente, uma vez que o jornalismo *online* carregará sempre consigo muitas das características do jornalismo impresso.

Em meio a previsões que falam do soterramento do analógico pelo digital, às vezes se esquece que novos meios e tecnologias desenvolvem novas linguagens, calcadas nas linguagens anteriores, e que estas convivem e dialogam por um bom tempo antes do alardeado – e nem sempre confirmado – desaparecimento da tecnologia anterior. O mesmo acontece quando jornais passam a veicular também no meio digital. A “morte” do jornal impresso é prevista há décadas, assim como se promete o fim da fotografia analógica após a tecnologia digital de produção de imagens. Porém, a essência do jornalismo segue o mesmo, não acompanha as alterações nas técnicas do fazer jornalístico. O momento vivido pelo jornalismo *online*, portanto, é ainda de construção de uma nova linguagem. Mas a descoberta desta nova linguagem – se é que ela se concretizará – é uma questão para um próximo estudo, mais aprofundado.

Há ainda a possibilidade de um estudo de recepção, que identifique quem é o leitor de *zerohora.com*, e como ele se relaciona com as notícias publicadas no *site* a partir desta nova perspectiva de participação no processo de construção da informação proporcionado por canais como o Pelas Ruas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Eugênio Sávio Lessa. *Fotojornalismo digital no Brasil*: a imagem na imprensa pós-fotográfica. Dissertação para mestrado em comunicação e cultura. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 2001.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, R. *A Mensagem Fotográfica, in* LIMA, L. (Org). Teoria da Cultura de Massa. São Paulo: Paz e Terra, p. 321 – 338, 2002.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOLAÑO, César. *Jornalismo online*: reflexões a partir da Economia Política da Comunicação. Verso e Reverso. São Leopoldo, n 43, jan-maio de 2006.

BONI, Paulo César; ACORSI, André Reinaldo. *A margem de interpretação e a geração de sentido no fotojornalismo*. Líbero: revista acadêmica. Programa de Pós-graduação; Faculdade Cásper Líbero, São Paulo. v.9, n.18, p.127-137, dez. 2006.

BRUXEL, Matheus. *A busca do olhar bressoniano no fotojornalismo contemporâneo*. Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão de curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo. Porto Alegre, UFRGS, 2006.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede, *in* MORAES, Denis de (Org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. *A fotografia moderna no Brasil*. São Paulo: Cosac Nayf, 2004.

Dicionário de Filosofia Moral e Crítica – disponível em http://www.ifl.pt/ifl_old/dfmp.htm. Acessado em 22/06/2009.

ESTERGAARD, Torben; SCHRØEDER, Kim. *A linguagem da propaganda*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo digital*. 2.ed. Sã Paulo: Contexto, 2004.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREUND, Gisèle. *Fotografia e sociedade*. 2.ed. Lisboa: Vega, 1995.

GONÇALVES, S. M. L. P. *Por uma fotografia menor no jornalismo diário contemporâneo*. 2008. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

GRIECO, Alfredo. *Comunicação por imagem fotográfica na Internet*: mudança de paradigma. ALCEU: revista de comunicação, cultura e política, Rio de Janeiro. v.6, n.12, p.99-114, jan./jun. 2006.

KEENE, Martin. *Fotojornalismo*: guia profissional. Lisboa: Dinalivro, 2002.

KOSSOY, Boris. *Criatividade e tecnologia no mundo da representação*. Comunicação & Educação, São Paulo. v.8, n.24, p.46-48, maio/ago. 2002.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. *O que é fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

LEAL, Ana Regina Barros Rego. *Webjornalismo brasileiro de referência*. Comunicação e espaço público, São Paulo. n.1 e 2, p.119-133. 2003.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo, (orgs). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário:* o desafio das poéticas tecnológicas. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MACHADO, Arlindo. *O quarto iconoclasmo*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

MACHADO, Elias. *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Salvador: Calandra, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo*. A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo fin-de-siècle*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1993.

MIRANDA, Luciano. *Jornalismo on-line*. Passo Fundo: UPF, 2004.

MOHERDAUI, Luciana. *Guia de estilo na web*: produção e edição de notícias on-line. 2.ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

MORAES, Cybeli Almeida. *Edição de fotografia no jornal Zero Hora*: entre a produção, a recepção e o produto. Trabalho de dissertação do curso de pós-graduação – mestrado em Ciências da Comunicação. São Leopoldo, Unisinos, 2006.

OLIVEIRA, Erivam Morais de. *Fotojornalismo*: uma viagem entre o analógico e o digital. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

PADILHA, Sônia. *A cibercultura manifesta na prática do webjornalismo*. Comunicação & Sociedade: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social; Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo. v.30, n.50, p.103-120, 2º sem. 2008.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. *Webjornalismo*: do hipertexto e da interatividade ao cidadão jornalista. Verso e Reverso, São Leopoldo. n.37, p.77-95, jul./dez. 2003.

PINHO, J. B.. *Jornalismo na Internet*: planejamento e produção da informação on-line. São Paulo: Summus, 2003.

RÜDIGER, Francisco. *Introdução às teorias da cibercultura*: perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*: uma teoria de comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. *A relação entre velocidade e precisão em webjornalismo*. Em Questão: revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, RS Vol. 9, n.2 (jul./dez. 2003), p. 353-363

SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo*: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

THOMPSON, John B.. *A mídia e a modernidade*: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*: porque as notícias são como são. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem*: problemas e técnicas na produção oral e escrita. 10.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VENTURA, Mauro de Souza. *Hipertexto e webjornalismo*: implicações da textualidade digital no fazer jornalístico. Communicare: revista de pesquisa. Centro Interdisciplinar de pesquisa; Faculdade Cásper Líbero, São Paulo. v.7, n.1, p.57-63, 1º sem. 2007.

VESTAL, David. A integridade da fotografia, *in* ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson (Org.). *Ensaios sobre o fotográfico.* Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

VILCHES, Lorenzo. *La lectura de la imagen*. Buenos Aires: Paidós, 1991.

VILCHES, Lorenzo. *Teoria de La imagen periodística*. Barcelona: Paidós, 1997

VIRILIO, Paul. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 2002.

WOLFF, Francis. Por trás do espetáculo: o poder das imagens, *in* NOVAES, Adauto (Org.). *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Editora Senac, 2005.

ANEXOS

Anexo1

Entrevista com Ricardo Chaves, editor de fotografia de Zero Hora

Como você caracterizaria a editoria de fotografia de Zero Hora?

Um jornal tem uma certa dificuldade, ainda mais hoje em dia, de imprimir uma linha específica de qualidade em todas as fotografias, por um motivo muito simples: a fotografia de um jornal tem origem nas mais diversas fontes. Então tem fotos de leitor, de celular, de amadores, de profissionais, de divulgação... Hoje todo mundo é fotógrafo, todo mundo transita com fotos na rede, todo mundo coloca o seu material à disposição. Então, a gente procura manter a qualidade na edição deste material: o que é ruim, procuramos não publicar. Mas de qualquer forma, a gente está mais sensível à participação e interatividade do jornal com seus leitores, e eu acho que isso flexibiliza um pouco a questão da qualidade. Os leitores também contribuem com coisas de excelente qualidade, não sempre, mas de excelente qualidade. E a gente procura aproveitar o que tem de melhor, mas é difícil ter uma linha editorial definida. De qualquer forma, na Zero Hora nós procuramos, primeiro, não ter preconceito contra nenhum tipo de imagem, ou seja, não usar valores anacrônicos para julgar uma fotografia, do tipo: “a cabeça está cortada” ou “não tem pé”. A foto pode não ter cabeça, não ter pé, estar tudo cortado e ser ótima, entendeu? Então não se deve julgar – e isso é muito comum, o amadores, principalmente, pessoas que não são atentas à fotografia e à imagem de um modo geral, usam sempre os mesmos argumentos que se usava há dois séculos atrás, argumentos acadêmicos, de que tem que ter braços, tem que ter pernas... não é assim. A imagem funciona ou não funciona independente de ter ou não pé, braço, a cabeça estar cortada ou não. E isso, na Zero Hora de hoje, acho que conseguimos que as pessoas tivessem essa sensibilidade de não ficar usando esses parâmetros totalmente defasados, anacrônicos, para julgar uma imagem. Então ela pode ter um desfocado: as pessoas estão acostumadas a ver isso no cinema, o foco sai do primeiro plano,

vai para o último, não precisa estar tudo em foco, tudo nítido, tudo enquadrado, não. Todo mundo sabe que a fotografia é um recorte de uma realidade e deve ser entendida como tal.

Houve alterações na rotina da editoria de fotografia com a entrada de *zerohora.com*? Como funcionava a editoria antes do *site*, e como ficou depois?

É claro que com as diversas fontes, também, e com um volume tal como se tem hoje dentro do jornal, com um grande número de cadernos, as coisas acontecem simultaneamente e não é possível a fotografia estar supervisionando tudo, não é possível que a fotografia se transforme em um funil pelo qual passem todas as fotos do jornal, de todo os cadernos, de todas as páginas. Então a gente procura disseminar alguns conceitos, sugerir algumas coisas, procura participar ativamente das coisas mais importantes – capas de caderno, capa e contracapa do jornal diariamente, matérias especiais, páginas 4&5[26], essas coisas mais relevantes. E o resto a gente deixa meio livre, vai bicando, tentando dar palpite quando é chamado, quando vê que a coisa está mal, enfim. O fato de virem coisas de diversas fontes também descentraliza bastante. Então, enquanto eu estou me preocupando com a capa, tem um editor baixando[27] uma foto que chegou para ele por e-mail, então a gente perde um pouco do controle. Antes talvez seria mais fácil, porque todo o material teria que ser produzido pela equipe, revelado, feito a cópia-contato, que ninguém tinha muita paciência de ficar com uma lupa escolhendo, era o editor de fotografia que decidia a foto a ser utilizada. Hoje não, já chega tudo pronto pela Internet, o editor já toca adiante o trabalho. Às vezes, barra em questões técnicas. O editor liga para a CTI e ouve um "não tem qualidade, a foto está muito pequena!". Ele quer dar a foto em quatro

[26] Esta é a forma com que os jornalistas de Zero Hora chamam as reportagens especiais de cada edição do jornal, que se localizam nas páginas 4 e 5, podendo avançar por quantas páginas forem necessárias para esgotar o assunto.

[27] Neste caso, "baixar" não se refere apenas a fazer o *download* da imagem, mas também encaminhar para o Central de Tratamento de Imagem (CTI) do jornal, para que a fotografia seja tratada nos parâmetros solicitados pelo editor e então, seja colocada na página pelo diagramador.

colunas, mas a foto que ele baixou tem 10k, que dá para usar com um tamanho máximo de 5cm. Daí nós entramos no circuito para não deixar que aconteçam absurdos. Como é bem descentralizado, espero que todos estejam conscientes da responsabilidade de escolher uma foto para publicar, e acho que qualquer pessoa pode escolher uma fotografia, basta ter bom-senso e ter um mínimo de, digamos, preocupação jornalística e estética.Tem que ter essas preocupações que um editor de fotografia também tem. O editor de fotografia tem por obrigação, os demais editores devem ter por consciência, já que estão operando neta área, ou então que recorram a alguém que tenha esta responsabilidade formal de fazer isso, ou então assumam a responsabilidade, que não é pouca.

Você chegou a notar alguma mudança no material que é produzido pelos fotógrafos depois que *zerohora.com* entrou no ar?

A única coisa que eu noto é que se faz coisas que são, digamos assim, a curto prazo interessam, a médio prazo seriam irrelevantes e a longo prazo não teriam a menor importância. Do tipo: está chovendo agora na cidade, para o *online* interessa colocar uma foto no *site*, porque está chovendo agora. Para o jornal impresso, só interessa se está previsto que vai chover muito amanhã, ou já está chovendo há três dias, talvez isso possa ser uma boa foto de capa. Mas para o *online*, se está chovendo agora, neste minuto tem que ter uma foto da chuva no *site*, para mostrar "ó, pessoal, está chovendo na rua", como quem olha pela janela. A prova disso é que tem muitas coisas irrelevantes que o *online* faz o tempo todo, mas é da natureza do veículo, que não têm a menor preocupação com a perenidade da notícia. Eu, por exemplo, acho isso meio contraditório, porque nós, fotógrafos já éramos uma contradição dentro do próprio jornalismo, porque se você pensar bem, um fotógrafo está mais perto de um historiador do que de um jornalista. Claro, nós assumimos alguns valores do jornalismo, como a pressa, velocidade, mas, no fundo, nossa pretensão é estar ali como testemunho da história. Nós, fotógrafos, gostaríamos de estar em Hiroshima, quando os americanos cravaram a bandeira, até de estar na Santa Ceia, para registrar a hora em que Judas beijou

Cristo, esse é o nosso papel. Então, o jornalismo já nos atropelava, então tu imaginas o *online*. O *online* é crivado de irrelevâncias e nós temos que estar a serviço dessas irrelevâncias, que são coisas que são essencialmente efêmeras, e isso também me incomoda. Em uma partida de futebol, tem que fotografar a torcida chegando ao estádio só para alimentar o *online*, quando eu acho que a foto de torcida poderia ser uma baita foto, uma foto histórica: um torcedor chorando depois do Brasil perder para a Itália na classificação da copa, uma foto que foi capa da Folha da Tarde, de página inteira. Essa é a foto de torcida que me interessa. Tudo bem, não é todo o dia que vamos conseguir fazer uma foto dessas. Eu entendo que o leitor do *site* tem que ser informado de que as pessoas já estão chegando ao estádio, que está chovendo e que a sinaleira da "rua tal" está queimada. Só que daqui a cinco minutos, a EPTC vai lá e troca a lâmpada. O *online* cumpriu seu papel, a foto cumpriu seu papel, o fotógrafo cumpriu seu papel. Mas é uma vida muito curta para a fotografia.

A ditadura da velocidade, a necessidade de enviar rapidamente uma foto da torcida para ser utilizada no *site*, por exemplo, atrapalha na hora de fazer aquela que seria uma fotografia significativa?

Acho que sim, acho que às vezes, sim. Isso tudo é muito relativo. Eu mesmo, como editor de fotografia de um jornal, já disse para meus fotógrafos de forma absolutamente cínica "vamos lá, foto boa é foto cedo!". Eu sei que foto boa não é foto cedo, foto boa é foto boa. Mas um editor de fotografia também às vezes precisa da foto cedo, porque muitas vezes o jornal está fechando, não dá para esperar até terminar o jogo para, só depois, rodar o jornal. O cara que mora em Uruguaiana também tem direito de receber o jornal o mais atualizado possível, o mais rápido possível. Mesmo sendo fotógrafo, eu tenho que assumir os valores do jornalismo e ser um fotojornalista o mais competente possível. É claro que a gente sabe que, para você ter o balanço total de um jogo de futebol, você tem que esperar terminar a partida, um gol pode acontecer no último minuto. Mas muitas vezes nós rodamos o jornal com uma foto do primeiro tempo, porque o assinante prefere

receber o jornal com uma foto do primeiro tempo do que com nenhuma foto. Nós já fazíamos isso antes de começar o *online*: fazíamos uma foto do primeiro tempo, continuávamos fotografando durante o restante do jogo e, depois que o jogo terminava, decidíamos qual gol, pênalti ou falta era mais representativo, mesmo que seja um soco que o juiz levou no momento em que apitou o final da partida. Esse balanço precisa de um certo tempo para ser feito com precisão. Mas a gente sabe que o jornalismo a precisão é inimiga da presa, então uma coisa compensa a outra: temos que decidir o mais rápido possível, mas o mais preciso possível também. Mas o fotógrafo pode estar lá e não fazer a grande foto, esse é o grande desafio e o grande charme da profissão, estamos querendo captar o momento que define aquele acontecimento, que está em andamento enquanto fotografamos. É como quem pesca: você pega um peixinho pequeno, e guarda no balde, mas tua esperança é que venha um peixe grande, e fica ali tentando. Saber depois qual dos peixes que tu pegaste é o maior, não é difícil. Mas quando tu não tem nenhum, tu guarda o pequenino por enquanto.

E vocês sentem a ausência do *deadline*?

Mesmo antes de existirem os jornais *online*, já existia esta preocupação das agências com a urgência, porque uma agência de notícias, tendo clientes espalhados pelo mundo todo, em função do fuso-horário, sempre tem um cliente que quer aquela matéria e está em pleno fechamento, então as agências sempre trabalharam como hoje se trabalha com o *online*, o que torna fácil entender essa necessidade do *online*. Aconteceu? Dois minutos depois tem que estar disponível no *site*. Uma outra questão que é bem relevante em relação a isso é que nós, fotógrafos de um jornal brasileiro, de terceiro mundo, sofremos as mesmas exigências que um fotógrafo norte-americano, só que as condições que são oferecidas, não são as mesmas, porque um *laptop* aqui custa muito mais caro do que lá, uma câmera de boa qualidade, até um celular: tudo é muito mais caro. Então, se você quer que um fotógrafo faça e em seguida mande, você tem que ter o que há de mais moderno para que isso se desenvolva imediatamente. Ou pelo menos o que há de mais adequado para

esta tarefa. E a gente sabe que não é assim, a câmera não é a melhor, não tem material para todo mundo, cada um usa uma configuração diferente nos equipamentos, isso tudo são situações que um terceiro-mundista enfrenta. Mas a exigência é a mesma, porque quando se faz uma *zerohora.com* é a mesma coisa que fazer um *New York Times online*, só que nós temos um pouco mais de dificuldade do que eles. Além da cultura, as informações de como as coisas devem ser chegam simultaneamente, mas as condições para que as coisas sejam assim, não.

Como você vê a utilização de celulares para o fotojornalismo?

O problema das máquinas de celular e das máquinas digitais amadoras é o *delay*. Na hora em que você vai fotografar uma paisagem, ela está ali parada, não tem problema, você tem todo o tempo do mundo para clicar. Não é a mesma coisa se você tiver movimento, mesmo em um momento banal, como a hora em que seu filho vai soprar as velinhas do bolo de aniversário. Com as máquinas digitais amadoras, você tem que pedir para ele repetir a cena várias vezes, pois a máquina registra a imagem um tempo depois do clique. E isso é uma limitação tremenda. Para você ter uma idéia da importância que um fotógrafo atribui a este momento, os fotógrafos chegavam a rejeitar as máquinas eletrônicas com disparo que não é mecânico, porque ele não tem uma precisão de uma arma, por exemplo. É por isso que não se usa uma arma eletrônica, porque o disparo mecânico é muito mais preciso. Já o contato eletrônico está sujeito à umidade, por exemplo. Para driblar isso, a própria indústria fez contatos que não oxidam, banhados a ouro, tentando driblar as pequenas inconveniências, pois um fotógrafo não pode perder aquele momento. Nós sempre temos a “neura” de que a melhor foto é aquela que a gente perdeu. E aí entra mais uma vez a grana: quanto mais preciso e completo for o equipamento, mais caro será.

Como você vê as fotos de leitores e dos próprios repórteres do *site* quando vão para o ar?

Eu sempre tento acompanhar as mudanças, mas tem coisas que eu não consigo entender. Por exemplo: eu sou de uma época em que um dos papéis do jornalista era decidir o que é relevante e o que não é relevante. Isso, hoje, é um conceito ultrapassado, na medida em que os jornalistas resolveram abrir mão e partilhar esse tipo de responsabilidade com os seus leitores. Tudo bem, à medida em que você faz um produto – porque o jornalismo é, sim, um produto –, é mais do que justo que você queira fazer pesquisa de mercado, saber o que as pessoas estão querendo, para dar a elas o que elas estão querendo e garantir o seu ingresso de grana. Mas a impressão que eu tenho às vezes, e aí pode ser uma coisa minha, é de que os jornalistas estão abrindo mão das suas prerrogativas. Porque se a gente pensa jornalismo o tempo todo, a gente também deveria ter, digamos assim, mais condições de julgar o que interessa e o que não interessa. Não acho que nós sejamos detentores exclusivos das opiniões e só nós saibamos o que interessa e o que não interessa. Acho também que os leitores devem ser consultados, e têm o direito total de dar palpites, até porque muitas vezes vem um palpite fantástico e que a gente não percebeu, e de repente alguém percebe, e eu acho que isso, nos novos tempos, a gente tem que estar esperto para receber. Mas às vezes, tem um exagero, esta participação dos leitores está sendo banalizada, transforma-se em um festival de irrelevâncias. Eu sou de uma época em que, para sair no jornal, você tinha que fazer algo realmente interessante, fosse cometer um crime ou ganhar um prêmio. Hoje não, hoje é “eu e meu cachorro”, “eu e meu carro”, “eu e minha namorada”... E pior do que isso, os jornalistas hoje veiculam estas coisas para quê? Ninguém sabe responder. Porque as pessoas vão parar na televisão, em uma galeria de rostos anônimos sem identificação, as pessoas estão se contentando com um segundo no *Teledomingo* porque aparece a foto deles lá. Eu acho que o jornalismo deveria ter uma preocupação maior, em separar o que interessa do que não interessa, e entregar para as pessoas só o que interessa. E isso alguém tem que julgar e decidir. E acho que essa responsabilidade deveria ser dos jornalistas.

Na sua opinião, o material produzido pela editoria de fotografia é bem aproveitado no *online*?

Acho que sim, que é bem aproveitado. Acho até que é uma oportunidade, é mais uma forma – e uma plataforma – de você veicular o seu trabalho. Eu não sei quem é que tem tempo de ler todos esses blogs, ver todas essas fotos e vídeos, é uma loucura o que tem de material à disposição na Internet. Hoje o desafio, já não e nem você ter uma equipe que produza o melhor material, o desafio é você encontrar onde está a melhor foto que alguém já fez. As assessorias de imprensa, que antes funcionavam precariamente na parte de imagem, hoje trabalham magnificamente bem. Claro que você não vai poder contar com fotos da Radiobrás, por exemplo, se o presidente da república cometer alguma gafe, mas para os assuntos "feijão-com-arroz" elas funcionam muito bem.

E como os fotógrafos receberam o fato de passarem a também produzirem vídeos para o *site*?

Tudo o que você puder aprender a mais, eu acho interessante. Mas não acho que seja possível chupar cana e assobiar ao mesmo tempo e fazer as duas coisas bem. Depende também do grau de exigência, de onde se quer chegar. Você ainda não consegue fotografar e filmar ao mesmo tempo. Mas esta preocupação vai existir por muito pouco tempo, porque se você conseguir filmar com qualidade um acontecimento e conseguir selecionar um frame que interessa como fotografia para o jornal impresso, esse problema acabou, e fica até mais fácil escolher o frame, o momento desejado. Isso hoje ainda não se faz com qualidade, imagina quando der para fazer isso com qualidade? Você vai poder filmar tudo e depois escolher o melhor ângulo. Os fotógrafos deixarão de ser fotógrafos, passando a ser uns carregadores de câmera, como é um câmera de estúdio, que recebe todas as orientações de enquadramento e detalhes por um fone de ouvido, a participação dele é cada vez menor, com autonomia quase zero, pois é o editor que escolhe o frame. Mas ainda vai continuar existindo o fotógrafo, que teve a idéia da pauta, que escolheu o enquadramento, que vai continuar dando o seu toque às fotos, deixando-as

autorais. Digital ou não, não acho que o vídeo vai matar a fotografia. Acho que as novas tecnologias vêm para somar e até para libertar, assim como a pintura foi liberta pela fotografia do seu compromisso de fazer retratos. Então tudo bem, vão continuar existindo os fotógrafos, que continuarão sendo respeitados como autor, porque serão capazes de tirar suas próprias conclusões sobre o mundo, porque você sempre quer saber o que os outros pensam para então tirar suas conclusões.

Anexo2

Entrevista com Antônio Pedro Dias Lopes, editor-chefe de *zerohora.com*

Para você, que características do jornalismo impresso e mantêm na transição para o *online*?

A primeira coisa que eu acho que trouxemos do jornal para o *site*, em função de várias das pessoas no *online* serem originárias de jornal impresso, é a questão de tentar, de alguma forma, planejar a edição do dia seguinte. Isso pode parecer absurdo em *web*, mas bem ou mal é o que se faz aqui, e é resquício do impresso. Ao contrário da maioria dos *sites*, a gente tenta no outro dia, ou ainda ao longo do dia, ter no *site* algo que seja efeito de uma conversa, de um planejamento. Seja uma matéria, seja um vídeo, seja um infográfico animado, ou toda uma cobertura que foi planejada com antecedência. Isso é típico de impresso.

Com é feito esse planejamento? Você sente falta do *deadline*?

Eu sinto falta do *deadline* mais no sentido de poder respirar, de planejar o dia seguinte do que da falta do *deadline* em si. Eu sinto falta de em algum momento parar o *site* para poder corrigir o que ainda não está bom. Agora, eu sei que o presente é passado, eu posso, no máximo, tentar corrigir alguma coisa no presente, mas eu não vou conseguir resolver. Então a única maneira de você fazer uma coisa diferenciada em *web* é tentar, tal qual o jornal, te antecipar aos fatos. Então se eu sei que amanhã, vai ter uma sessão da CPI para definir se vão cassar ou não o deputado *x*, e eu julgo que esse assunto é relevante o suficiente para merecer uma grande cobertura *online*, ou eu penso agora o que eu vou ter de diferente nesse dia, se vai se um infográfico mostrando como é uma sessão, se vai ser um *streaming* ao vivo, se vai ser um minuto a minuto, se vai ser um colunista lá enviando comentários, tem *n* possibilidades de alternativas. Ou eu planejo isso no dia anterior, ou na hora em que começar a sessão eu não vou mais conseguir fazer isso, no máximo

30% disso tudo, só tentando corrigir uma situação que eu já perdi o controle. Então, se eu quiser fazer um trabalho diferenciado em *web*, eu tenho que pensar até como uma revista, eu tenho que saber que daqui a uma semana vai ter o anúncio das sedes da Copa do Mundo. No momento em que anunciarem, o que eu vou ter? Como eu vou abordar esse assunto? Isso é uma coisa trivial, que eu tenho que planejar antes. Se eu não pensar, vai acontecer o fato, eu dou a notícia e segue o baile, paciência. Mas seu eu planejar antes, vou sempre ter algo a mais para oferecer para o meu leitor. É por isso que eu sempre reforço muito esse aspecto com a minha equipe: porque se todos estiverem com esse mesmo espírito, não estaremos sempre correndo atrás, teremos sempre alguma ideia em algum lugar ou outro do *site* surgindo, é nesse sentido.

Como funciona essa relação da redação impressa com a redação *online*?

Na verdade, estamos em transição. Existem três modelos de redação *online*, e acho que tem um quarto modelo, que vai vigorar. O primeiro modelo é aquele totalmente integrado, em que não tem pessoas especializadas só para pensar no *online*. Se tem várias editorias e algumas pessoas dentro dessas editorias responsáveis por abastecer o *site*, mas que não são responsáveis exclusivamente por isso. Este é o modelo do *Financial Times*. O segundo modelo é o posto: as duas redações são totalmente separadas, produzem e apuram as matérias de forma totalmente separadas, como é o caso do *G1* em relação ao *O Globo*, por exemplo. O nosso caso é o meio-termo, o terceiro modelo. Em que tu tens uma editoria de *online* que é responsável por trazer o jornal impresso para dentro do *site*. Mas este é um modelo de transição. Eu acho que vai vigorar um quarto modelo, que nós estamos rumando para ele, em que terá um núcleo dedicado a pensar os grandes projetos do *online*, a cuidar das capas do *online*, mas tu não vais mais ter um núcleo de pessoas que cuida exclusivamente de *online*. O *NY Times* está fazendo assim, todo mundo faz tudo, com um pequeno núcleo que propõe novos projetos, que cuida da parte da tecnologia, que cuida da cara do *site*, como se fosse um grupo de edição deste *site*. Mas a produção de conteúdo está diluída em todas as

editorias. Isso já acontece na Zero Hora, as editorias já publicam matérias direto no *site*, sem ter que passar pelos repórteres do *online*, mas esta ainda não é a regra, o *online* ainda é visto como uma editoria dentro do jornal. É esse modelo que vai vigorar, até porque não sabemos por quanto tempo teremos as duas plataformas. De repente, daqui a dez anos a plataforma seja o celular, mas mesmo assim é necessário ter pessoas que pensem em novas possibilidades e tecnologias para o celular, eu acho que isso é inevitável.

Você sentiu alguma alteração na editoria de fotografia após a entrada de *zerohora.com*?

Senti essa mudança em alguns fotógrafos, mas não em toda a editoria. A principal mudança é que eles se empolgam em fazer vídeos e *audioslides*, eu vejo que há uma realização por isso, por terem mais fotos publicadas. Há uma preocupação em participar da edição das imagens que vão para a galeria de fotos, de seleção, se eles fizerem trinta fotos, eles querem saber porque as dez fotos que estão na galeria são aquelas, e não as outras, ou seja, eles estão interessados em participar deste processo de edição, eles querem entender como é feita essa edição. Uma coisa que eu acho que não mudou é esse conceito de perecividade, que ainda não "pegou" eles. Porque agora não tem mais "a" foto, tem "as" fotos, durante um período do dia. Isso eu acho que eles ainda não se acostumaram. "Por quê é esta foto que está na capa e não outra?" Porque esta foto está ali por um tempo, depois será trocada por outra, a capa tem que girar, não pode ficar congelada o dia inteiro com uma mesma imagem, ainda que seja uma grande imagem. Então o fotógrafo não está acostumado ainda a "vender" várias fotos para ir colocando na capa, uma por vez. Eles ainda apostam em uma só foto, como no impresso. Mas isso é só uma questão de mudança de cultura.

Os fotógrafos chegam a disponibilizar mais material no sistema?

Não, eu acho que neste ponto não se pode ser muito rígido, porque na tentativa de vender melhor o material deles, eles sempre indexaram muita

coisa. Então se você for pegar as imagens de uma pauta de cinco anos atrás, tem trinta fotos sobre o mesmo assunto, e eles até eram solicitados de não fazerem isso. Atualmente, seja em Telescope, seja na pasta do *online*, eles acabam disponibilizando mais material, mas não acho que seja significante para tirares alguma conclusão, já que eles sempre indexaram muitas fotos. O que muda é essa questão, que alguns têm preocupação com agilidade, que não tinham antes, mesmo em jogos noturnos, em que as fotos deveriam ser enviadas o quanto antes para fechar a edição do impresso. A entrada do *online* potencializou isso, há a obrigação do fotógrafo em enviar as fotos o quanto antes, há uma preocupação maior com a transmissão deste material, por exemplo: antes era muito difícil conseguir que uma segunda pessoa acompanhasse os fotógrafos só para ajudar na transmissão deste material, coisa que agora acontece com freqüência, principalmente nas pautas de esportes, essa é uma mudança na cultura da rotina da editoria de fotografia. O mesmo acontece nas coberturas de grandes eventos, como a Expointer. Quem sabe o volume de fotos que se produz em coberturas como essas, sabe que não tem como o próprio fotógrafo transmitir em tempo hábil por isso se prevê a presença de uma pessoa que auxilie nesse processo, sem sobrecarregar o profissional. Essa é uma mudança visível.

Por que hoje na *web* entram matérias que o impresso geralmente não daria valor?

Por dois motivos. Primeiro: tem essa questão de ser perecível, então ninguém vai morrer por tu colocares uma foto de um buraco de rua na capa do *site*. Nunca um buraco de rua, a menos que seja uma cratera gigantesca, vai estar na capa da Zero Hora. Esse é o, digamos, lado “ruim” da história. O lado bom, que eu acho, é que a *web* e um pouco junto com o jornalismo participativo, faz com que o jornalismo volte a se aproximar das questões cotidianas, que muitas vezes são mais importantes para as pessoas do que os assuntos que nós, como jornalistas, costumamos achar que as pessoas acham importante. Então acho que isso aí é o cerne da coisa. Então, tipicamente numa reunião de pauta a gente vai se fixar em macrotemas, por mais local que

seja o jornal, mesmo que você pegue um jornal de bairro, pequeno, você vai ver que este jornal tende a puxar algum assunto que é geral, que você não pode deixar de dar no jornal. Então se tu pegares o Diário de Santa Maria, por exemplo, tu vais ver lá que ele dá notícias de agência, nacionais. Porque ele se sente na obrigação de dar o todo para o leitor dele. Por exemplo: hoje foi anunciada uma mega mudança na poupança, como é que eu não vou publicar isso, nem que seja em uma nota? Esse sentimento de obrigação, ao longo do tempo, foi se introjetando nos jornais e nos jornalistas. E isso faz com que invariavelmente hoje – e a queda de circulação está muito relacionada a isso – houve um distanciamento do jornal-papel e dos jornalistas do cotidiano das pessoas. O que a *web* faz? A *web*, por ter essa permissividade, digamos, de usar coisas em tese pouco importantes, ela permite uma reaproximação, permite que você mostre o quanto esses fatos são importantes para essas pessoas, e quanto esses fatos podem ser até *hits* de audiência, seja no papel, seja no jornal. Então acho que isso é um lado positivo.

Alguns autores apresentam esta permissividade como uma falta de critério...

Essa questão tem que ser avaliada por dois lados. Tu podes até optar por um, eu prefiro avaliar como tendo dois lados, às vezes eu prefiro ficar com um lado, às vezes com outro. É verdade sim, que há uma falta de critério. Mas quando tu começas a botar critério, o que é botar critério? É usar tua cabeça de jornalista, é começar a pensar tecnicamente em questões de jornalismo. O que isso faz? Faz com que coisas que muitas vezes tu não estás enxergando – porque tu tem que saber que um jornalista, por melhor que seja, não vai conseguir estar sempre antenado, por dentro de tudo o que as pessoas estão querendo saber, isso é um absurdo. Você tem que estar sempre com um pé atrás, em termos de humildade, para que você consiga captar pelo menos onde é que estão as coisas que as pessoas estão interessadas em saber e estão dando valor, enfim. Senão, é a coisa mais fácil do mundo, porque você fica só olhando o que os outros veículos estão dando e fica repetindo e, no máximo, pensando em cima do que as pessoas estão dando e tentando fazer melhor.

Isso eu diria que é o mais fácil. Difícil é encontrar no meio dessa massa de informações coisas originais e coisas que estão na boca das pessoas, que é o chamado "*talk of the talk*". Como você consegue isso? Dando ouvido a elas, mas sem necessariamente fazer tudo o que elas vão dizer, e sempre com o pé atrás pensando "será que isso não é uma boa idéia, não rende uma bela pauta?" Essa é a vantagem dessa "falta de critério" digamos assim. Tendo critérios menos rígidos, faz com que tu dês valor a muita coisa boa que geralmente em um jornal impresso, o editor não vai tirar um repórter da cobertura de um crime para que ele faça uma matéria sobre um velhinho que plantou uma horta em um viaduto. Essa é a rotina de uma redação grande, uma redação que tem uma página inteira para preencher com assuntos relevantes. E na *web* isso diminui, três parágrafos sobre esse velhinho plantando alface no viaduto pode ser muito melhor do que uma matéria com *hiperlink*, infográfico e galeria de fotos sobre um teste nuclear na Coréia do Sul, a *web* te proporciona isso. Então eu posso ter um esforço enorme de três ou quatro pessoas em um mesmo assunto, e não ter o mesmo retorno do que com três parágrafos e uma galeria de fotos de um assunto aparentemente menos relevante. Isso faz com que você reveja valores do antigo jornalismo, do jornalismo que se instalou dos anos oitenta para cá, que foi moldando o que é o jornalismo que está sendo feito em todos os lugares.

Eu acho que o que é o lado bom dessa bagunça da *web* é que faz com que as pessoas fiquem mais abertas, menos restritivas, e isso é bom. Em suma, acho que tu diminuis o conservadorismo que as redações têm, entende, isso é inevitável. E não há ser mais conservador do que um jornalista. Nós somos evoluídos, vanguardistas, em relação a outras profissões muito mais "quadradas", como engenheiro, mas o jornalista em si, é um cara muito conservador. Ele aprende um modelo e acha que aquilo lá é o modelo perfeito e é o bom jornalismo, não existe jornalismo melhor que o dele. E tu podes notar que, nas críticas entre jornalistas, o cerne da questão é sempre este: "eu aprendi que o bom jornalismo tem que ser assim", "isso é bom jornalismo". Daí tu entra nesse modelo e vai o resto da vida nesse modelo, só que a sociedade se transforma, as coisas mudam, tudo evolui: produtos evoluem, processos evoluem, sistemas econômicos evoluem, as relações entre as

pessoas evoluem, mudam, e o jornalismo segue sempre sendo feito da mesma maneira. Acho que a principal mudança que a *web* ta causando é que, pelo menos, se reflita muito sobre esse assunto. Se daqui a dez anos o jornalismo estiver exatamente como está agora, é sinal de que se refletiu e chegou-se à conclusão de que deveria continuar sendo assim. Agora, eu tenho a esperança que toda essa mistura de informações, toda essa gente tentando fazer jornalismo, ou participando do jornalismo, ou até sendo mais eficiente do que um jornalista para comunicar coisas, isso faça com que o jornalismo seja revisto. Embora eu ache que a questão principal do jornalismo, que é a precisão, a informação correta, a credibilidade, vão permanecer. Só que talvez não no mesmo formato que nós temos hoje como jornalismo tradicional e bem feito. Quem está nos dizendo isso não são os teóricos da comunicação ou os próprios jornalistas, mas os leitores, que cada vez mais estão procurando informações em outros lugares. E alguma coisa faz com que eles procurem informações em outros lugares, porque essa informação está atendendo melhor eles. Seja em agilidade, seja em formato, seja em linguagem. A gente tem que olhar pra isso, é isso que está acontecendo, não adianta querer ir contra a maré. Tu podes dizer "não, eu não acredito neste ponto", ok. Mas presumo que tu vás ficar sozinho. A gente desdenha o Flickr[28], por exemplo. Mas o conceito de Flickr vale para o jornal, o conceito de qualquer rede social envolvendo fotografia vale para o jornalismo. De alguma maneira as pessoas estão se sentindo mais aptas a captar imagens, trocar imagens e exibir imagens melhor do que os veículos de comunicação, essa é a realidade. Posso te dar como exemplo um caso que aconteceu agora: um cara colocou um comentário em uma matéria do Pelas Ruas, sobre um poste caído no chão, com o *link* para o Picasa dele que tinha muito mais fotos do que a nossa matéria. O leitor vai entrar na matéria, clicar no comentário e encontrar muito mais informação do que na matéria, mesmo tendo uma galeria de fotos sobre isso. Então não se pode tentar concorrer com isso, tem que saber tentar conviver com isso, na realidade. Saber aliar as duas coisas e aceitar. Mas ta ali, ta nítido: ele fez fotos muito melhores do que nós, disponibilizou em

[28] Rede social destinada ao compartilhamento de fotografias.

quantidades muito maiores e está se aproveitando da nossa audiência para passar aquela informação. Tem um poste atravessado na rua impedindo o trânsito, é uma informação relevante. E a minha intenção, como jornalista, é que a pessoa responsável, vendo a matéria, tome as providências o mais rápido possível, por isso é meu dever deixar aquele *link* ali. E esse é um bom exemplo de que essa pretensão de quem acha que só o jornalista sabe captar e exibir informação acabou. Ou só um veículo de comunicação, melhor dizendo.

Tem uma questão também que envolve os *softwares*, a tecnologia, que vai facilitar cada vez mais, já foi muito mais difícil, então vai ficar cada vez mais fácil cortar fotos e publicar fotos. Então daqui a pouco, esse problema do corte vai se resolver, mas eu acho que o critério de exibição fotográfica nunca mais vai ser como é no papel. O jornal impresso chegou no limite da seleção, só tem espaço para uma foto naquela página. Então tem 50 fotos sobre o mesmo assunto e a escolha de uma, duas, cinco pessoas, no máximo, vai definir qual daquelas imagens vai simbolizar aquele assunto para o resto da história. Na *web* acabou isso, no mínimo tu vais ter uma galeria das fotos daquele momento histórico. Em última instância, quem é que está ganhando com isso: o leitor, que vai ter mais ângulos de visão, além do fotógrafo, claro, que vai ter a oportunidade de mostrar mais o seu trabalho, porque não está refém o corte de um editor de fotografia ou de um editor de capa. Porque se o descritério na *web* é exibir um número maior de imagens, há também um descritério no jornal impresso, uma vez que a escolha de qual foto estampará a capa do jornal ser de apenas uma pessoa, que tem mais conhecimentos sobre fotografia, mas será que ele tem mais conhecimento especificamente sobre aquele assunto e sua repercussão? No momento em que você está oferecendo mais fotos, você peca no sentido de não hierarquizar, é verdade, mas tu estás oferecendo mais pontos de vista. Tu vais estar sempre nesse limiar, às vezes mais para um lado, às vezes mais para o outro. É bom que isso aconteça para tu saberes que tens que estar também do outro lado, de não hierarquizar nada, para o leitor também escolher o que ele quer, interpretar da maneira que ele quer. Claro que estamos falando de coisas triviais, o mundo não vai mudar porque dei um “fotaço” de um buraco ou uma galeria de fotos desse buraco. Agora, talvez com aquela galeria de fotos do buraco, quem está vendo aquela

informação talvez tenha uma melhor noção do que estamos querendo informar. E parar para pensar se, além da seqüência de imagens, não valeria a pena ter um vídeo. Se tu fores parar para pensar, vais chegar a conclusão que o melhor é ter tudo. Aí se chega a um outro ponto, que é o que deu origem ao Google, que é: como eu vou organizar tudo isso? Entramos na questão da busca, porque não adianta você ter tudo se não tem como achar. Todas estas questões têm a ver com jornalismo, mas não necessariamente com jornalistas.

Qual a importância do Pelas Ruas no *site*?

O que eu acho que ele mostra, acima de tudo? Mostra que talvez uma horta em um viaduto não seja só uma foto na página 3, ou uma foto-legenda. Esse assunto pode render uma matéria de uma página. E vai ser extremamente lido e extremamente comentado, muito mais do que uma matéria sobre o teste nuclear na Coréia do Norte. Todos esses macrotemas como política, internacional, economia, são importantes, mas se não "empacotarmos", não apresentarmos eles de uma maneira mais original, eles viram paisagem no jornal. Esses temas cotidianos, dificilmente viram paisagem, porque eles são naturalmente curiosos, inusitados, e até exclusivos, porque o leitor só vai ver naquele veículo, não vai ver em outro lugar. É o resultado de um olhar diferente, de uma dica. Com relação à questão do Pelas Ruas e do fotojornalismo na *web*, eu posso dizer o seguinte: em função da ilimitação de espaço da *web*, a fotografia passou a ter uma importância maior em termos de quantidade, e talvez não tão criteriosa em termos que qualidade. Porque enquanto você precisa de um debate extenso para definir uma foto de capa do jornal, por exemplo, no *online*, a possibilidade que se tem de colocar várias fotos e a quase que obrigação de "girar"[29] aquela foto na capa, para não parecer que o *site* está estático, você acaba nem sempre dando a devida solenidade à fotografia. Isso acontece, de fato. Então, tu faz uma galeria com dez fotos, por exemplo, e vai alternando aquelas fotos na capa. Se é melhor deixar uma só daquelas fotos, se aquela foto está no melhor corte, é uma

[29] O entrevistado se referiu à necessidade de alternar a fotografia referente a uma mesma manchete, para "renovar" a capa do *site*, ainda que a mesma matéria permaneça como destaque.

discussão que no dia a dia a gente não tem, e que no impresso se tem, todo o tempo. Então eu acho que isso é o principal ponto.

Como surgiu a idéia do Pelas Ruas?

O Pelas Ruas surgiu de uma sacada do Ricardo[30], baseado em um projeto semelhante – não igual – de um jornal norueguês. Ele esteve na UAM [University of Arkansas at Monticello], e conheceu um *case* lá que era mais ou menos isso: um repórter cujo número de celular era oferecido aos leitores. E ele ia atrás das pautas.

E porque aqui se escolheu um fotógrafo, e não um repórter para fazer esse papel?

Há muito tempo o Ronaldo Bernardi queria ficar solto na rua atrás de pautas, há muito tempo ele brigava por isso. Então, o Ricardo viu uma ótima oportunidade de contemplar essa personalidade do Ronaldo. Porque para fazer esse tipo de trabalho tem que ser alguém com uma personalidade inquieta, curiosa, e também não pode ser alguém muito seletivo. Não pode ser uma pessoa que vá fazer a pauta já pensando no retorno que ela vai dar, que só pensa em matérias que vão dar muito retorno. Porque se ele for fazer uma pauta sobre um buraco de rua e achar isso uma grande bobagem, a pauta já nasce morta. Então o perfil tem que ser de uma pessoa que está disposta a fazer tudo, independentemente se for um buraco de rua, um poste caído ou um cágado matando uma pomba, um incêndio, um grande acidente. Se a matéria render, maravilha, mas a pessoa faz as pautas sem necessariamente estar pensando na capa do jornal. Se você pegar um fotógrafo de impresso típico, ele só vai queres fazer fotos que rendam capa ou contracapa, que é uma mentalidade limitada em termos de espaço. O fotojornalismo impresso criou um critério maior na seleção fotográfica, e a *web* ajuda a desfazer isso, já que aceita fotos de todo mundo, sem um número limitado de imagens, e torna a foto uma coisa perecível, que dura muito pouco. Logo tu não tens mais – e tu

[30] Ricardo Steffanelli, diretor de redação de Zero Hora.

até podes avaliar que seja ruim isso – aquela preocupação tão grande em cortar bem aquela foto, tu queres é colocar aquela foto no ar. Essa é a realidade. É claro que o ideal é que a foto vá para o ar o mais rápido possível, com o melhor corte possível, e de todas as imagens feitas pelo do fotógrafo, a melhor seja utilizada para passar aquele assunto. Mas isso acaba não acontecendo na prática, por questão de operação, e etc. O leitor acaba sendo bombardeado por milhares de imagens diariamente, em vários *sites*. Então se tu puderes, no meio desse mar de imagens, fugir das fotos de agência, que todos os *sites* vão ter, e puder investir em fotos locais, ponto para ti, pro teu *site*, que tem um diferencial.

E você acha que o Pelas Ruas chegou a abrir espaço para este tipo de matéria no jornal impresso?

Sem dúvidas. Não só o Pelas Ruas, mas o localismo em geral, pois tem os cadernos de bairros, que têm muito a ver com o Pelas Ruas. No nosso caso, no jornal a gente tem a pretensão de ser local e ser hiperlocal muitas vezes. Essa postura abriu espaço para muitas dessas coisas. O localismo te mostra que muitas vezes o problema mais importante na vida de uma pessoa é o lixo que está se acumulando na frente da casa, entendeu? Isso faz tu te aproximar das pessoas. Então o principal mérito do Pelas Ruas, no *site*, e dos jornais de bairros no impresso, é te aproximar das pessoas, te aproximar do teu leitor, sair da redação e ir para mais perto dele.

***Zerohora.com* tem outra ferramenta, o Leitor-Repórter, em que os leitores enviam textos e fotos próprias sobre o assunto que querem ver no *site*, e tem seu material publicado neste canal. No Pelas Ruas, o leitor entra em contato com o fotógrafo, que vai até o local e a equipe do jornal produz as matérias. São duas formas distintas de participar do *site*. Você acha que estas duas formas competem?**

Eu acho que competem, mas tem uma peculiaridade em relação ao Ronaldo: a idéia é que o Ronaldo faça coisas factuais mesmo, é uma coisa

antes da pessoa mandar para o Leitor-Repórter, que está acontecendo. Essa é a lógica. O que não significa que o Ronaldo não faça coisas que já tenham acontecido e que ele não seja também pautado por nós. Ele não é pautado só pelo leitor. Se eu vejo um incêndio, como eu sei que ele já está na rua, com um carro, e está livre de outras pautas, eu sei também que ele vai chegar mais rápido no local, então eu mando ele para cobrir. Então, compete sim, mas não diretamente. Tem algumas áreas que vão se colidir. Se uma pessoa vê um incêndio, em vez de fazer uma foto, ir até sua casa, se cadastrar e enviar o material para o Leitor-Repórter, talvez ele opte por ligar para o Ronaldo.

A grande diferença entre o Leitor-Repórter e o Pelas Ruas é que o Pelas Ruas vai fazer pautas que estão próximas das pessoas mas que interessam a um universo um pouquinho maior, ainda que restrito. O Leitor-Repórter tem a ver com questões que são muito mais pessoais. A lógica do Leitor-Repórter é que o leitor faça uma coisa que nem o Pelas Ruas faria, muitas vezes não é nem uma notícia, mas um assunto que ele quer dividir com as outras pessoas. Mas como estamos falando de valores subjetivos, não tem como padronizar, colocar em caixinhas do Pelas Ruas e do Leitor-Repórter.O mesmo acontece com a restrição e seletividade do material do Pelas Ruas. De alguma forma as pessoas se sentem atendidas pelo Pelas Ruas porque passa muito pouco pelo crivo do editor. Neste sentido, o Pelas Ruas é até mais liberal que o Leitor-Repórter, por que quando tu vês a matéria já está no ar, enquanto com o Leitor-Repórter a pessoa precisa fazer um cadastro e o material enviado não é publicado imediatamente, ele passa por uma seleção antes de ir para o ar.

Como aconteceu a pauta do cágado que comeu a pomba?

Um dia o Ronaldo estava no Parcão fazendo uma foto do tempo, de clima, e registrou uma tartaruga botando ovo. E um leitor comentou com ele que ele tinha que registrar um dia um cágado matando pombas. Quando ele escutou isso, veio me contar, e eu duvidava que ele conseguisse essa informação, pois achava que era uma cena muito rara, o que confirmamos mais tarde com um biólogo. E um ano depois, eu voltei de férias, o Ronaldo me encontrou, e me entregou um DVD com as imagens do cágado atacando

uma pomba. Fomos conversar com um especialista em quelônios da UFRGS que confirmou que era uma imagem raríssima de flagrar.

E como essa pauta em especial repercutiu no jornal impresso?

Esse flagra do Ronaldo acabou resultando em uma matéria de página inteira, com uma seqüência de fotos, e foi o assunto mais lido do jornal no dia seguinte, tal como foi no *site*, originou uma coluna do Paulo Sant'Ana, foi assunto do comentário do Sant'Ana no dia seguinte no Jornal do Almoço, e eu posso te garantir que em um ano e sete meses de *site*, a gente nunca teve um assunto de tanta repercussão, não só pelo número de acessos à matéria, e de visualizações do vídeo, mas do número de pessoas que eu já vi comentando sobre esse assunto sem saber que eu trabalho no *site*. E mostrando este *case* em congressos, as pessoas ficam impressionadas, o que mostra que mesmo sendo uma coisa que acontece no nosso "quintal", é um assunto que mexe muito com as pessoas, mesmo sendo uma coisa frívola, uma bobagem da natureza, a gente se esquece que a gente mora em conglomerados urbanos em que as cenas de natureza são cada vez mais raras e a gente tem nas tevês a cabo vários canais dedicados a documentar a vida natural, o que estimula uma curiosidade sobre esse assunto nas pessoas. Então eu acho curioso que as pessoas estranhem que às vezes a gente dá vazão a esse tipo de assunto no jornal. Por que nesse núcleo urbano que a gente vive esse tipo de cena chama a atenção das pessoas as pessoas estão naturalmente propensas a prestarem atenção nisso, já que elas tem um bombardeio desse tipo de informação no sofá de casa. Então eu não fico nem um pouco surpreso que as pessoas gostem tanto de enviar fotos de bichos e se interessem pelo bem-estar dos animais. Porque esse é um mundo que está cada vez mais distante, é difícil você ter esse tipo de convivência, salvo com animais domésticos, e tu tem um estímulo muito maior para conhecer a natureza. Não é o jornal que está forçando as pessoas a verem imagens de animais, sejam elas relevantes ou não. São as pessoas que estão cada vez mais interessadas nesse assunto, e cobram que o jornal veicule coisas sobre isso. Então esse caso do cágado é só um exemplo emblemático disso, o quanto uma cena aparentemente trivial pode ser

considerada rara, pode ser considerada interessante, despertando sentimentos e comentários das pessoas, é isso que provoca, de repente as pessoas estão cansadas de ler sobre o salário mínimo, a violência. Isso é a rotina deles, e eles estão cansados disso, é um movimento que começou dos leitores para o jornal, quando mandam fotos de um passarinho fazendo ninho, fotos de uma gata que adotou filhotinhos de cachorro, imagens que despertam sentimentos de ternura, de indignação... Se fores olhar os comentários na matéria do cágado, é justamente isso: é gente comentando que não acredita que seja verdade, é gente dizendo que já viu isso várias vezes, é gente impressionada, pessoas indignadas, pessoas fazendo brincadeiras que é necessário colocar crocodilos no Parcão... São sentimentos estão latentes nas pessoas, e se manifestam muitas vezes com bichos.

Anexo3

Entrevista com Ronaldo Bernardi, fotógrafo de Zero Hora responsável pela produção de material do Pelas Ruas

Você notou alguma mudança na editoria de fotografia depois da entrada de *zerohora.com*, com o início da produção de material para a *web*, e não só para o jornal impresso?

Eu me sinto muito à vontade para falar sobre isso, porque é o que eu faço todos os dias. No fotojornalismo da Zero Hora, sempre houve a possibilidade de publicar seqüências de fotos, desde que as imagens conseguissem "segurar" esta importância. Isso aconteceu uma vez que fui fazer uma matéria sobre a Vila Tripa, na beira da Sertório, onde muitas crianças ficavam passando pela pista repleta de carros. A seqüência de imagens que eu tenho é de uma criança saindo do portão de casa e correndo direto para o meio da pista. Uma motorista acabou atropelando a criança, e sai do carro apavorada, em seguida veio o pai recolher o filho morto da rua. Essa foi uma seqüência de imagens muito chocante, mas que "segurou" uma página repleta de fotos na Zero Hora impressa. Mas, no geral, se prefere utilizar sempre uma única foto, mais aberta. No *online*, tu tendo um bom material, tu não publica uma só foto, tu publica várias fotos, podendo até combinar elas com um comentário e publicar um *audioslide*. Tendo um bom material, tu tens muito espaço e possibilidades para aproveitar mais as imagens. Isso, para um repórter fotográfico, é muito bom, valoriza o trabalho.

E como foi começar a não só fotografar, mas também fazer vídeos das pautas que acompanhaste?

Eu acho muito legal fazer esse tipo de trabalho, de fazer além da fotografia, o vídeo. Porque a fotografia tem uma coisa estática, congelada, e mesmo que se faça uma seqüência de imagens, não é tão contínuo quanto o vídeo, que registra melhor uma ação, uma correria. Cada vez eu tento me

aperfeiçoar mais no tempo de envio, porque eu me cobro muito. Quando eu chego no lugar, eu já tenho que dar um jeito de enviar o material o mais rápido possível, para entrar no ar o quanto antes. E o *online* te exige isso, não adianta só chegar lá primeiro, tem que ser o primeiro a enviar o material, a ter essas imagens no *site*. No primeiro momento minha preocupação é mandar a foto, depois eu volto à redação e trago comigo o vídeo. Se o sinal *wireless* não pega, a foto é feita com o celular e enviada para a redação, para garantir que teremos a imagem o quanto antes. E a primeira foto, que é a mais importante, chega em segundos.

Em que tipo de pautas tu preferes também usar vídeo, e em quais pautas tu priorizas a fotografia?

Eu tenho a liberdade de escolher como abordar cada pauta. É uma coisa automática, é um estalo: "isso merece um vídeo". Um exemplo é esta pauta sobre o roubo de caminhões. Tu tens a foto do momento exato mas tem também o vídeo, que mostra como eles conseguem, em segundos, roubar o caminhão, foi muito rápido.

E como surgiu a idéia do Pelas Ruas?

Eu sempre fui um profissional inquieto, atrevido, arrojado e extremamente exagerado. Para teres uma idéia, na época do filme, eu nunca andava com menos de 10 filmes no bolso. Na era do digital, não é diferente, sempre ando com no mínimo três cartões de memória de 2Gb, porque eu quero o melhor do meu trabalho. Aqui na editoria de foto tem a pauta do dia, que já vem programada, e as pautas que vão acontecendo conforme o que acontece no dia, no factual. Então o que acontecia: desde muito antes de ter o *online*, eu não ficava esperando as coisas acontecerem. Quando estava muito calmo na redação, eu ia para a rua, para ver se encontrava alguma coisa interessante. Lugar de repórter é na rua, e as pessoas sempre me identificaram por essa característica. E o nosso diretor de redação, o Ricardo Stefanelli, identificou que eu era o profissional adequado para esse papel do Pelas Ruas, inspirado

em um modelo de um outro jornal, que tem uma pessoa nas ruas. Eu acho que aqui nós aperfeiçoamos este perfil, porque eu ano munido da câmera, da filmadora, de um *notebook* para transmissão imediata das fotos e um motorista que me acompanha durante todo o dia. E eu acabo produzindo material não só para o Pelas Ruas, mas também para o dia a dia do jornal, porque estando já na rua, me desloco com mais facilidade para os locais das pautas.

Como é o dia a dia do Pelas Ruas?

O leitor é o meu pauteiro. São os leitores que me dizem o que eles querem denunciar, o que eles gostariam de ver no jornal. É claro que eu faço uma filtragem de todas estas informações, porque é muito material. E também tem o dia a dia da redação, além do meu instinto de observar o que acontece ao meu redor, de ver "poxa, isso dá uma boa pauta, rende belas fotos e um baita vídeo". Eu acordo sempre por volta das 5h da manhã, e já deixo meu celular particular e o rádio ligados. A velocidade do rádio vai nos superar sempre, porque nada supera nesse mundo da mídia a velocidade do rádio, e isso também me pauta. Já cansou de acontecer de eu sair correndo após ouvir uma notícia de um acidente no rádio. Eu tenho uma roupa de emergência, que deixo sempre à mão, para usar nestes casos de correria. Quando eu volto para a redação, é interessante ver a afinidade com a equipe de trabalho. Eu só dou uma passada mais tarde, para conferir com está o trabalho, e vejo que a equipe já está por dentro de tudo, da pauta e da linha de trabalho que eu faço. Isso é muito legal.

Na sua opinião, qual foi a pauta mais marcante do Pelas Ruas?

Com certeza foi a matéria do cágado. Foi um *boom* tão grande, me deixou muito feliz. Eu sempre acompanho os acessos das matérias, e fiquei muito feliz de ver o número de acessos que esta pauta alcançou. Eu não digo que foi uma matéria simples de fazer, porque me tomou tempo e muitas cobranças. Essa pauta surgiu um dia que eu estava fazendo a foto do clima,

que é a primeira foto que eu mando para o *online* logo no início do dia. Eu estava no Parcão, e observei uma cena que me chamou atenção: uma tartaruga caminhando no meio da grama, achei até que ela estava perdida, ela caminhou até uma árvore, e começou a cavar. Depois ela começou a depositar os ovos dela ali, e foi cobrindo tudo com a terra e com palha, deixando o solo como estava antes. Nesse dia, eu fiz fotos e vídeo dela depositando os ovos e correndo de volta par o lago. Um senhor que estava passando veio conversar comigo sobre aquela cena e comentou: "mas tem uma cena ainda mais impressionante, que é as tartarugas comendo as pombas". De início eu não acreditei, mas comecei a monitorar o lago, sempre que tinha um tempo eu ia lá observar o lago. Depois de um tempo, eu me dei conta que isso acontecia em um canto do lago, onde as pessoas depositavam comida para as pombas. E os cágados – não eram tartarugas, mas cágados – ficavam observando, como submarinos, e se aproximavam para dar o bote. São cenas impressionantes, eles chegam a perseguir as pombas na terra, foi incrível. E foi interessante ver a repercussão e os comentários que gerou no *site*, com alguns xingamentos, de porque eu tinha que registrar aquela cena, pessoas achando legal, pessoas que não acreditaram.

Essa pauta do cágado teve o seu material bem aproveitado pelo jornal impresso. Você acha que o Pelas Ruas abriu espaço para este tipo de pauta no caderno principal de Zero Hora?

No Pelas Ruas acontece de tudo, e é bom ver isso no jornal impresso. Algumas vezes, eu pauto o jornal, muitas matérias minhas foram parar na impressa e com destaque. Muitas vezes um buraco de rua pode ser, sim, capa do jornal, pode ser a N1 do *site*. Eu lamento de a *zerohora.com* não existir há muito tempo atrás, porque tem muita coisa que poderia ter sido publicado ali.

Anexo 4

Cortes utilizados com mais freqüência em *zerohora.com*

Corte	Proporção (pixels)	Utilização
G	livre x 502	Pop-up em matérias e galeria de fotos
H1	100 x 120	Capa
H2	128 x 110	Capa
M	65 x 65	Capa e barras laterais
MW	190 x 78	Capa e barras laterais
N	232 x livre	Capa e matéria
NC	232 x 158	Capa e matéria
P	150 x 113	Capa, barras laterais e galeria de fotos
SP	190 x 153	Capa e barras laterais
SV	120 x 170	Capa
SW	300 x 123	Capa
T	45 x 45	Capa e barras laterais
TG	120 x 68	Capa e galeria de fotos
W	238 x 98	Capa
WP	120 x 68	Capa
ZW	335 x 137	Capa e matérias (inserida no corpo do texto)
ZZ	598 x 200	Capa

Anexo 5

Freqüência de publicação de matérias no canal Pelas Ruas

Data	Quantidade de matérias publicadas
01/01/2009	0
02/01/2009	0
03/01/2009	0
04/01/2009	0
05/01/2009	0
06/01/2009	1
07/01/2009	0
08/01/2009	1
09/01/2009	2
10/01/2009	0
11/01/2009	0
12/01/2009	1
13/01/2009	4
14/01/2009	1
15/01/2009	5
16/01/2009	2
17/01/2009	0
18/01/2009	0
19/01/2009	1
20/01/2009	0
21/01/2009	1
22/01/2009	3
23/01/2009	1
24/01/2009	0
25/01/2009	0
26/01/2009	1
27/01/2009	1
28/01/2009	1
29/01/2009	0
30/01/2009	0
31/01/2009	0